

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	CÓDIGO DA FICHA					
	SE	01	03	12	F1-	11
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Baixo São Francisco Sergipano
LOCALIDADE	Alto Sertão Sergipano
MUNICÍPIO / UF	Gararu, Porto da Folha, Poço Redondo, Canindé de São Francisco/SE.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2. RELAÇÃO DOS BENS

2.1. CELEBRAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Festa de Santa Cruz				IDENTIFICADO		1
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Entre última semana de abril e 1ª semana de maio.	LUGAR	Quilombo Mocambo (Porto da Folha); Quilombo Serra da Guia (Poço Redondo)			
DESCRIÇÃO	No Mocambo, município de Porto da Folha, a Festa do Padroeiro de Santa Cruz acontece a partir da última semana de abril, com encerramento no nono dia subsequente ao dia da abertura. Cada dia de novena fica sob a responsabilidade de um grupo identificado conforme as seguintes categorias: profissão, posição familiar; faixa etária etc. No Mocambo há, entre outros, o dia do pescador; das crianças; dos idosos; dos casais; dos professores; dos jovens e da própria comunidade, que dá início ao novenário. Após as novenas, há a confraternização comandada pelo grupo responsável, que oferece jantar aos presentes. Come-se feijão, arroz, ovos, peixe, cuscuz, leite, queijo. A data era flexível, no final de abril e sempre encerrando no final semana, para poder ter a presença das pessoas da comunidade que não mais viviam lá. Todavia, houve um frei local que insistiu na mudança da data para que ocorresse sempre no dia 3 de maio, que é o dia do padroeiro. Atualmente não há tanto rigor quanto ao dia exato de início e encerramento da festa. O envolvimento da comunidade é pouco, pois atualmente espera-se muito da prefeitura, sendo que antes membros da própria comunidade se mobilizavam para fazer acontecer a festa, indo aos povoados vizinhos, pedindo ajuda, arrecadando mantimentos e promovendo leilões. Se antigamente havia apenas uma noite de forró no sábado, hoje há duas a três bandas, com zabumbeiro e fogos respectivamente contratados e doados pela prefeitura. Embora na Serra da Guia, no município de Poço Redondo, a padroeira oficial seja Nossa Senhora da Conceição, Santa Cruz que é socialmente reconhecido como a padroeira pelos moradores da comunidade. Sua festa era originalmente celebrada com o novenário (nove dias de novena) e encerrada com o samba de coco, programado para ocorrer no dia 3 de maio, que é o dia de Santa Cruz. Josefa Maria da Silva Santos relata que as novenas de Santa Cruz acontecem há mais de 470 anos no alto da serra onde se localiza o cemitério e onde se encontram mais de 500 corpos enterrados, informação essa que sinaliza a representação dada pelos locais sobre a antiguidade da festa. A programação da festa envolve novenas preparadas por diferentes grupos identificados por categorias sociais; leilões; procissão; missa e a confraternização no encerramento, com fogos, comidas, música e, no caso específico o samba de coco. Embora de caráter tradicional, a Festa de Santa Cruz da Serra da Guia vem passando por processo de declínio, atribuído ao desinteresse da juventude em dar continuidade aos ritos celebrados pelos antigos e aos obstáculos enfrentados para sua execução, haja vista dificuldade de se subir a serra durante nove dias consecutivos de novena e a falta de energia elétrica. Sendo assim, o processo de nove dias foi reduzido para cinco, e é posta a questão se não diminuirá ainda mais, devido ao falecimento de seu coordenador.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco-Entrevista Maria das Virgens I_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_50m43s.wave A-Baixo São Francisco-Entrevista Josefa Santos I_Carvalho, M ; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-12_11m32s.wave				Nº547 E 567	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria das Virgens Santos (Porto da Folha); Josefa Maria da Silva Santos (Poço Redondo)				Nº20; 30	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Santa Luzia				IDENTIFICADO		2
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	13 de dezembro	LUGAR	Povoado Lagoa da Volta (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	No Povoado de Lagoa da Volta em Porto da Folha, as celebrações da Festa de Santa Luzia se iniciam com o novenário, que são nove noites de rezas consecutivas. Cada dia de novena fica sob responsabilidade de um grupo de “noiteiros”, identificados por categorias sociais divididas por profissão, posição familiar; estado civil, faixa etária etc. No caso específico do povoado, esses grupos são formados por motoristas, funcionários, pastoral da oração, vicentinos, crianças, professoras, casais, terço dos homens, dos alcólatras, e da comunidade. Poucos dias antes do encerramento, realizam leilão na praça principal, cujos objetos são conseguidos por doação. No décimo dia, que ocorre em 13 de dezembro, acontece a procissão no período da tarde que percorre as ruas do povoado e se encerra em frente à Igreja, onde é celebrada a missa. É considerada uma festa muito importante, pois além de envolver toda a população, distribuída em todas as faixas etárias, atrai muitas pessoas de outros lugares que tem família no povoado, oriundos de Porto da Folha, Aracaju, Pouso do Rancho etc. Há também pagamento de promessa com pessoas acompanhando a procissão com os pés descalços e amarrando fitas na Santa. O poder público municipal colabora com flores, fogos, carro de som etc.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco-Entrevista Terezinha Gomes da Silva_Frankiw, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-12_12m24s.wave				Nº605	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Terezinha Gomes da Silva				Nº22	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Santo Cruzeiro				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		3
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Última semana de Abril a 10 de Maio	LUGAR	Morro do Cruzeiro, Praça Rio Branco, Sede (Gararu)			
DESCRIÇÃO	Uma das principais festividades religiosas do município de Gararu, a Festa do Santo Cruzeiro se realiza anualmente no período compreendido entre a última semana do mês de Abril e o dia 10 de Maio. Os entrevistados José Pedro Souza Santos, Ronaldo Melo dos Santos, Jailton Santos de Melo e Carlos Augusto Pereira Santos, situam as origens da Festa do Santo Cruzeiro na primeira década do século XX (1904), quando o pároco do município à época mandou erguer uma cruz de madeira no ponto mais alto da Sede como forma de promessa para que a cidade não fosse alvo de ataques de bandidos e cangaceiros então atuantes na região sertaneja de Sergipe e Alagoas. Como o município jamais fora invadido por bandos de cangaceiros desde que o Cruzeiro foi erguido, a data da instalação da cruz se tornou também a data da realização de uma festividade religiosa transformada posteriormente em feriado municipal permanente. Em sua estrutura de programação, a Festa do Santo Cruzeiro é precedida de um novenário religioso procurando prestar homenagens a diversas camadas da população local através de variadas temáticas (crianças, motoristas, professores etc.), organizado por diversas comissões compostas por habitantes da Sede do Município praticantes da religiosidade católica e ligados aos temas do novenário. Para a realização tanto do novenário quanto do dia festivo, os integrantes organizam quermesses e procuram apoio de comerciantes locais para a obtenção de doações. Dentre as principais mudanças na estrutura de programação da Festa se encontram a introdução recente do novenário que a antecede, e, ao final, a realização da festa social (caracteriza pela programação “profana”, normalmente conduzida pelo poder público local) que acompanha as comemorações, realizada na noite da véspera da festividade (9 de Maio). De acordo com todos os entrevistados, a festa social, que ocorria na Praça Rio Branco, e contava com barracas montadas vendendo bebidas e alimentos típicos aos participantes e a apresentação de sanfoneiros da região, deixou de ocorrer tanto em virtude de disputas políticas locais, que culminaram com o fim do apoio da prefeitura municipal para a sua realização, quanto por conta do desinteresse dos mais jovens em prestigiar as apresentações musicais tradicionais. No dia da festividade (10 de Maio), a população católica praticante do município se reúne em torno de um altar montado junto ao Cruzeiro a partir das 4 horas da manhã para a celebração da Missa, que se inicia às 5 horas da manhã. A Missa, em seus primórdios, também era associada, no imaginário local, aos regimes anuais de chuva: se realizada com chuva, acreditava-se que o regime de precipitações seria favorável à lavoura no inverno. Além dos praticantes residentes no município, de acordo com Carlos Augusto, peregrinos vindos de diversos municípios da região costumam assistir à festa, atendendo à mesma com o objetivo de pagarem promessas por dádivas conquistadas. Quanto ao público local, segundo entrevistados, há participação intensa dos praticantes da religiosidade católica independentemente de faixa etária; mesmo entre os mais jovens, que não deixaram de prestigiá-la como o fizeram com a antiga festa social.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Cruzeiro_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Votos Escultóricos_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-J. Pedro Souza Santos-C. Augusto Pereira Santos_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_07m17s.wave				Nº319, 320 E 530		Cf. Anexo 2
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº1, 7, 8 E 9		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Matheus				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		4
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	De 12 a 21 de Setembro	LUGAR	Povoado São Matheus (Gararu)			
DESCRIÇÃO	A Festa de São Matheus é a celebração de padroado do Povoado de São Matheus, município de Gararu, e se realiza desde que a fundação do mesmo, em data imprecisa situada entre fins do século XIX e início do século XX. A festa ocorre entre os dias 12 e 21 de setembro. Segundo Gilzete Deolinda de Matos, em sua estrutura de programação, a Festa de São Mateus é precedida de uma novena religiosa (entre os dias 12 e 20 de setembro) procurando prestar homenagens a diversas camadas da população local através de variadas temáticas (crianças, motoristas, professores etc.) e organizada por diversas comissões compostas por habitantes do Povoado praticantes da religiosidade católica e ligados aos temas do novenário. No dia 21 de setembro, os fiéis se reúnem às 16 horas na praça principal e percorrem em procissão as ruas do mesmo cantando hinos religiosos em louvação a São Mateus. Em sua programação religiosa, a festa termina com a celebração de uma missa campal na capela do povoado. Na festividade, apenas os organizadores costumam fazer uso de uma camiseta com a foto de São Matheus estampada. No dia da festa também ocorre uma programação social com a apresentação de bandas musicais contratadas por iniciativa da prefeitura municipal, o que contribui para a intensa participação da comunidade, independentemente de distinções, durante o evento. Segundo a entrevistada Gilzete Deolinda de Matos, a festa não sofreu outras mudanças além da ocorrida há cerca de cinco anos em sua data de realização. A mesma anteriormente ocorria em janeiro, quando era celebrada conjuntamente com a Festa de Santos Reis, sendo mudada para setembro por sugestão do pároco do município, em virtude de ser o mês em que é celebrado o dia de São Mateus. A prefeitura municipal normalmente apoia a festividade por meio da compra de fogos e contratação de bandas para sua programação social.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Avenida-principal-do-Povoado-de-São-Matheus_Andrade, Carlos_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Avenida-principal-do-Povoado-de-São-Matheus_Borim, Alexandre_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Gilzete Deolinda de Matos_Andrade, Carlos_Borim, Alexandre_Gararu-SE_25-10-2012_07m11s.wave				Nº305, 306 E 536	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Gilzete Deolinda de Matos				Nº10	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora da Saúde			IDENTIFICADO		5
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	21 de abril	LUGAR	Povoado do Oitero (Gararu)		
DESCRIÇÃO	A Festa de Nossa Senhora da Saúde acontece no Povoado do Oitero, município de Gararu, anualmente no dia 21 de abril, há cerca de 10 anos. Segundo a entrevistada Gilvânia da Silva Oliveira Melo, a festa originou-se de um pagamento de promessa feita por um morador do Povoado do Catateiro (bisavô de um tio da entrevistada) a sua Santa, por meio da qual alcançara a graça, e que assumiu a obrigação de retribuir o feito a Santa com a realização da festa. Quando um dos descendentes dessa família chegou ao Oitero, trouxe consigo a imagem e, por decorrência, a festa. Introduzida na capela local com o status de padroeira, desde então a Festa de Nossa Senhora da Saúde vem sendo celebrada. Sua programação começa com a tríade de novenas, que alterou a quantidade anterior que previa nove noites. Os temas das novenas são dedicados às crianças, aos jovens e à família, implicando em distintas programações. Na noite das crianças, após as novenas, servem-se arroz doce e algodão doce. Já na noite dos jovens e da família, há apresentação teatral e paródias. De modo geral a comunidade se envolve no processo de donativos para a realização da festa, como flores, fogos e alimentos. No dia da festa propriamente dita, a comunidade realiza a procissão pelas ruas do povoado, concluindo na Igreja com celebração de missa. Após a missa, acontecem os batizados. A presença da comunidade é integral, não obstante a preparação e produção fica a cargo de pequeno grupo. Recebem também devotos das cidades e povoados vizinhos, como Gararu, Catateiro, Jiboia, Lagoa do Porto, Lagoa Primeiro, Capela, Porto da Folha, Itabi, Aracaju etc. A dificuldade para a execução é sobretudo de ordem financeira, embora recebam apoio “irrestrito” do poder público municipal.					
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Altar Padroeira_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Padroeira Nossa Senhora da Saúde_Carvalho, Maria_Gararu-SE_27-10-12.jpeg A-Baixo São Francisco-Entrevista-Gilvânia da Silva Oliveira Melo_Carvalho, Maria_Gararu-SE-25-10-12_21m19s.wave			Nº321; 322; 516	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Gilvânia da Silva Oliveira Melo			Nº5	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Bom Jesus dos Aflitos e Navegantes				IDENTIFICADO		6
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Terceira semana de janeiro	LUGAR	Gararu			
DESCRIÇÃO	Presume-se que a festa dedicada ao Bom Jesus dos Aflitos aconteça desde 1875, momento em que a capela do Senhor Bom Jesus dos Aflitos do antigo povoado Curral de Pedra (atual Gararu) foi elevada à categoria de Matriz. Desde 1977, agregou-se a esta a homenagem ao Bom Jesus dos Navegantes, sendo celebrada, desde então, a Festa do Bom Jesus dos Aflitos e Navegantes. Ocorre anualmente na terceira semana do mês de janeiro e tem duração de dez dias. São nove noites consecutivas de novenas, encerradas no décimo dia com missa e procissão. Demarca-se neste aspecto uma transformação que houve com o passar dos tempos, já que anteriormente as novenas eram realizadas em apenas três dias. No último dia da festa, há a procissão fluvial do Bom Jesus dos Navegantes, cuja concentração se passa na Igreja, seguindo a imagem em direção ao cais, acompanhada da banda de música. Concomitante à procissão pelo rio, acontece também a procissão terrestre, do Bom Jesus dos Aflitos. Ao final, as duas procissões se encontram e retornam à igreja. A festa religiosa é acompanhada também da festa social. Em relação à primeira, a comunidade e a igreja ficam responsáveis pela programação, que envolve as novenas preparadas e feitas em homenagens aos diferentes movimentos e grupos sociais do município. A festa social, por sua vez, que se caracteriza pela programação “profana”, é de responsabilidade do poder público municipal, mas deixou de acontecer nos últimos anos em razão de dificuldades orçamentárias. Todavia, sempre que há, esta programação se ajusta à religiosa, de modo a não haver sobreposição. O público da festa é predominantemente da sede, dos povoados e dos municípios circunvizinhos. Nos últimos anos, por incentivo do pároco, os moradores dos povoados ribeirinhos pertencentes à paróquia de Gararu foram incorporados ao evento principal da cidade, potencializando a festa com elemento de aproximação e encontros destas comunidades. Em pesquisas realizadas na internet, observou-se a ocorrência da festa do Bom Jesus dos Navegantes no povoado da Ilha do Ouro em Porto da Folha, embora na ocasião da pesquisa de campo, ao levantar os bens com os agentes e demais moradores, não tenha havido menção à celebração.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-C. A. P. Santos-R. M. Santos-J. S. Melo_Borim, A_Andrade, C_Carvalho, M_Gararu-SE_24-10-2012_15m46s.wave				Nº524	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Jailton Santos de Melo				Nº1; 8	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Vaqueiro				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		7
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Penúltimo ou último final de semana de Setembro	LUGAR	Parque Nilo dos Santos (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	A Festa do Vaqueiro de Porto da Folha é uma tradicional celebração da cultura do vaqueiro sertanejo e da vaquejada como manifestação singular de seu estilo de vida. No ano de 2012 se realizou a sua 42ª Edição, sendo a festa considerada a principal atração do calendário cultural do município. Segundo o entrevistado Roberto Christian de Oliveira Silva, as origens da Festa do Vaqueiro de Porto da Folha se situam no ano de 1969, quando se realizou sua primeira edição, em iniciativa conjunta de vaqueiros locais e do pároco do município à época como forma de comemoração da captura de um boi lendário que circulava pelas matas da região. Anual, a festa apenas não se realizou no ano de 1970, em virtude dos impactos da estiagem ocorrida neste ano sobre a economia local. Atualmente, é organizada pela prefeitura municipal em parceria com a associação local de vaqueiros (Associação Recreativa Parque Nilo dos Santos). Eventualmente, conta com o patrocínio de grandes empresas e bancos, que, conjuntamente aos comerciantes locais, auxiliam na constituição das premiações das competições. Sua programação toma os três dias de realização do evento (sexta-feira, sábado e domingo), e divide-se em programação cultural e programa de competição. A programação cultural é marcada pela apresentação de bandas, realizada nos três dias em diversos espaços na Sede do Município (Praça do Boi) e nos povoados. A competição ocorre aos sábados no Parque Nilo dos Santos e a modalidade praticada é a Pega de Boi de Mourão. Realizada em pista de areia cercada, os bois são soltos, um a um, e duas ou mais duplas de vaqueiros (um batedor de esteira, que se responsabiliza por pegar o rabo do boi e empurrá-lo com seu cavalo para a área de derrubada; um puxador, encarregado de derrubar o animal) os perseguem visando se emparelhar com o animal e conduzi-lo a um local delimitado por linhas pintadas com cal e derrubá-lo, pontuando a primeira dupla que assim o conseguir. Em virtude de reclamações de maus tratos aos animais, nos últimos anos os bois deixaram de ser derrubados, sendo substituída a prática de pegá-lo pelo rabo pelo arrancar fitas laçadas no pescoço do animal. A festa costuma se iniciar na madrugada das sextas-feiras, em solenidade na qual o prefeito faz a entrega simbólica da chave da cidade aos vaqueiros; desde 2009, a festividade tem sua prévia simbólica na celebração do Dia Nacional do Vaqueiro Nordestino (terceiro domingo de julho), na qual ocorrem apresentações culturais. Entre seus competidores, a festa conta com vaqueiros locais ou vindos de municípios de todo o sertão nordestino; o público é composto por turistas e habitantes do município. De acordo com o entrevistado Roberto Christian de Oliveira Silva, as principais mudanças verificadas na sua execução, além da mudança na dinâmica de competição, foram a introdução e ampliação de sua programação cultural ao longo dos anos; o início de uma política de apoio contínuo ao evento por parte da prefeitura municipal; a diminuição no número de praticantes de outras formas de expressão associadas à cultura do vaqueiro, caso do toada de aboio. Dentre as dificuldades, se encontram questões de ordem financeira, dado que nem todos os anos a festa conta com patrocínio, o que muitas vezes obriga seus organizadores a pedirem doações ao comércio local. Nos outros municípios pesquisados, foi informado aos pesquisadores que também costumam ocorrer competições festivas de Vaquejada. Entretanto, em virtude de suas menores dimensões, bem como de sua irregularidade, estas foram descritas na ficha referente à Vaquejada enquanto Forma de Expressão.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça-do-Boi_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_27-10-2012_01.jpeg				Nº351, 352, 362 e 553		Cf. Anexo 2
	F-Baixo São Francisco_Praça-do-Boi_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_27-10-2012_02.jpeg						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	F-Baixo São Francisco_Festa-do-Vaqueiro-de-Porto-da-Folha_Silva, Roberto_Porto da Folha-SE_28-09-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Christian de Oliveira Silva_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_27-10-2012_18m10s.wave		
CONTATOS	Roberto Christian de Oliveira Silva	Nº13	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Festa de Bom Jesus dos Pobres				IDENTIFICADO		8
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	De 24 de Janeiro a 2 de Fevereiro	LUGAR	Sede do Município, Povoado Umbuzeiro dos Matutos (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	A Festa de Bom Jesus dos Pobres é uma tradicional festividade do calendário religioso do município de Porto da Folha, se desenvolvendo anualmente no período compreendido entre 24 de janeiro e 2 de fevereiro. A festa ocorre tanto na sede do Município quanto no Povoado de Umbuzeiro dos Matutos em virtude da existência de capelas de devoção ao Bom Jesus dos Pobres nos dois lugares, assim como o fato de que este é o padroeiro do povoado. De acordo com os entrevistados Roberto Christian de Oliveira Silva e José Aílton Braga, o significado da festividade e da devoção a Bom Jesus dos Pobres se refere a episódios da Paixão de Cristo e aos diálogos que Jesus travou com os dois ladrões quando crucificado, o que explica o uso da imagem de Jesus crucificado como objeto de devoção característico da celebração. Nos dois lugares, de acordo com os entrevistados, a Festa é inteiramente organizada por iniciativa dos fiéis em conjunto com a Paróquia local, recebendo apoio da prefeitura municipal para a compra de fogos e ornamentos que servem de enfeite para as edificações religiosas. Sua programação começa no dia 24 de janeiro, quando se inicia uma novena temática procurando fazer homenagens a setores da comunidade local que se empenham ou se envolvem com a Festa (motoristas, crianças, jovens, idosos etc.), terminando no dia 2 de fevereiro, com a celebração de missas em homenagem à devoção nos dois lugares. A festa procura se associar ao seu significado religioso por meio de seu caráter beneficente e solidário, dado que seus organizadores se empenham em recolher doações em alimentos e vestuário entre os habitantes locais para doá-las às comunidades carentes do município. Os entrevistados não souberam precisar a origem da festa e da devoção ao santo na sede e no povoado, considerando apenas que se lembram de que no passado o evento transcorria sem a execução da novena nos dias anteriores. Na sede, a manifestação ocorre nas imediações da Capela de Senhor Bom Jesus dos Pobres, na Praça do Tanque Novo; no Povoado de Umbuzeiro dos Matutos, a mesma é celebrada em sua praça principal.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-José Aílton Braga_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_27-10-2012_02m16s.wave				Nº559	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Roberto Christian de Oliveira Silva; José Aílton Braga				Nº13 e 18	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Toré				IDENTIFICADO		9
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante todo o ano no 1ºsábado de cada mês	LUGAR	Comunidade Indígena Ilha de São Pedro (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	O Toré é o ritual sagrado do povo indígena da etnia Xocó, na comunidade Ilha de São Pedro, em Porto da Folha. É uma espécie de louvor que se dá em forma de canto e dança e por meio do qual entram em conexão com as forças espirituais em busca de renovação e de cura. Buscam a força das manifestações da criação divina - terrestres e extraterrestres - como das estrelas, da lua, do sol, da terra, da água, do mar, das matas, dos pássaros e das montanhas –, forças das quais se nutrem no contexto do ritual e nas atividades do dia-a-dia. O Toré acontece no Ouricuri, espaço sagrado para o povo Xocó, onde acontecem celebrações e práticas sociais tradicionais. Foi redescoberto há pouco tempo, em um processo de resgate e retomada das tradições. Os Xocós preferem manter o conteúdo do Ouricuri sigiloso, restrito à comunidade, não sendo permitida a presença das pessoas de fora e tampouco o acesso a informações aprofundadas sobre o lugar. (Ver ficha Lugar- Ouricuri). O Toré ocorre no primeiro sábado de cada mês, e antes de chegar ao Ouricuri para a prática, precisam passar por uma espécie de purificação espiritual, com abstinência sexual e alcoólica de três dias, permanecendo, preferencialmente no próprio Ouricuri durante tal período. Esse preparo, segundo o entrevistado Luciomário Apolônio Lima, se dá para o estabelecimento de “<i>maior intimidade com o céu</i>”. O sincretismo religioso da prática é evidenciado por meio do uso de expressões e gestuais propriamente indígenas para evocação do Deus de matriz católica, pois landerú “<i>é aquele que morreu por todos nós, que é o Cristo</i>”, segundo Luciomário. A penitência que se realiza para purificação espiritual antes do Toré, subindo a serra no horário mais quente do dia, pode ser percebida também como substrato dessa matriz que considera a humanidade fruto do “pecado original”. Não obstante, é consciente por parte dos Xocós o sincretismo decorrente do processo de catequização e conversão católica com o resgate dos substratos do pensamento religioso tipicamente indígena que têm reforçado e deixado emergir, consubstanciando atualmente numa religiosidade coadunada a processos de afirmação identitária de cunho subjetivo, social e político.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco-Entrevista Luciomário Apolônio_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_ 53m42s.wave				Nº546	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Luciomário Apolônio Lima				Nº19	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São José				IDENTIFICADO		10
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	10 a 19 de março	LUGAR	Povoado Lagoa do Rancho (Porto da Folha); Povoado de Agrovila (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Festa de São José do Povoado de Lagoa do Rancho, pertencente ao município de Porto da Folha, ocorre de 16 a 19 de março. Como característico das festas de padroado, tem início com o novenário, cujo ciclo foi reduzido de nove para três dias. O encerramento se dá no dia 19 de março com procissão, celebração de missa e batizados. De forma a arrecadar dinheiro para a paróquia são realizados bingos e quermesse, quando montam barraquinhas ao redor da igreja vendendo comidas e pratos típicos preparados e doados pelos moradores da comunidade. A Festa de São José, padroeiro do Povoado de Agrovila, pertencente ao município de Canindé de São Francisco, acontece anualmente de 10 a 19 de março. A festa se inicia com o novenário, com nove noites de rezas consecutivas. Cada dia de novena fica sob responsabilidade de um grupo identificado por categorias sociais divididas por profissão, posição familiar; estado civil, faixa etária etc. O encerramento acontece no décimo dia com procissão e celebração de missa, após a qual realizam louvor com apresentação do coral formado por jovens e senhoras do povoado. Durante a festa promovem bingos e leilões. Marca registrada é a alegria e o envolvimento predominante da população jovem.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Padre Edmilson_Carvalho, Maria; Andrade, Carlos_Canindé-SE_30-10-2012_43m04s.wave				Nº586	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Roberto Christian de Oliveira Silva; Edmilson Meneses de Matias				Nº13; 45	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Missa do Cangaço				IDENTIFICADO		11
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	De 25 a 28 de Julho	LUGAR	Sede do Município; Grotta do Angico (Poço Redondo)			
DESCRIÇÃO	A Missa do Cangaço é uma celebração organizada pela prefeitura municipal de Poço Redondo em parceria com a organização não governamental Sociedade do Cangaço, de Aracaju, e ocorre anualmente desde 1998. É considerada uma das principais manifestações culturais de cunho didático e turístico do município. De acordo com a entrevistada Rogéria Gomes Dantas, inicialmente a Semana e Missa do Cangaço foram idealizadas como forma de homenagear a memória local do cangaço e sua relação com a história do município. A data de realização do evento foi fixada tendo como base o dia da morte de Lampião e seu bando (28 de julho). Em sua programação, a manifestação contava com os seguintes atrativos nos três dias anteriores a 28 de julho: palestras feitas por memorialistas e historiadores do cangaço em escolas da sede do Município; oficinas de culinária e artesanato local e exposição dos produtos destas atividades para venda, também nas escolas; apresentações culturais noturnas (grupos de xaxado e trios pé de serra) na Praça de Eventos da sede do Município. No dia 28 de julho, era realizada a visita à Grotta do Angico, onde ainda se celebra a Missa do Cangaço. A Missa habitualmente tem a Praça Lampião como local de concentração para o início do percurso. Entre o público que acompanhava o evento se encontravam pesquisadores, estudantes, habitantes do município e turistas. Em seu início, o evento foi envolto em polêmica tanto com a população local, que associa em seu imaginário a figura de Lampião ao banditismo, quanto com a Igreja Católica, que inicialmente era reticente em reconhecer a dimensão social popular do fenômeno do Cangaço. Nos últimos dois anos, não se deu mais realização de sua programação didática e cultural, limitando-se a celebração à Missa do Cangaço, em virtude da dificuldade de obtenção de recursos pelo poder municipal para a realização da Semana Cultural.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça-Lampião_Souza, Eder_Poço Redondo-SE_14-02-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Grotta-do-Angico_Dantas, Rogéria_Poço Redondo-SE_2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Grotta-do-Angico_Dantas, Rogéria_Poço Redondo-SE_2012_02.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Rogéria Gomes Dantas_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_12m53s.wave				Nº386, 388, 389 E 575		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Rogéria Gomes Dantas				Nº28		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Sebastião				IDENTIFICADO		12
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	20 de janeiro	LUGAR	Bonsucesso (Poço Redondo)			
DESCRIÇÃO	A Festa de São Sebastião do povoado de Bonsucesso, pertencente ao município de Poço Redondo, acontece há mais de 100 anos. Iniciou-se quando os moradores do povoado, passando por uma série de vicissitudes, realizaram promessa ao Santo, cuja retribuição da graça aconteceria por meio da realização de uma festa a ele dedicada. Desde então a festa é realizada anualmente no povoado, começada cerca de duas semanas antecedente a 20 de Janeiro, dia de São Sebastião. Embora não seja o padroeiro oficial, é o santo de maior devoção no povoado. A novena ocorre na igreja, e ao final de cada dia, a imagem de São Sebastião é conduzida à casa de moradores, priorizando aqueles que por enfermidade encontram-se impossibilitados de ir ao templo. Cada dia da novena é preparada e dedicada a um dos temas: às crianças, aos doentes, aos funcionários, aos aposentados, aos idosos, aos professores, aos alunos etc. No dia do encerramento acontece a missa pela manhã, seguida de procissão que percorre todas as ruas do povoado. Finalizada a parte religiosa, tem-se a festa social, que se caracteriza pela programação “profana”, que acontece com a ajuda do poder público local. Recebem-se muitas pessoas oriundas de Aracajú, do Rio de Janeiro e dos povoados e municípios vizinhos. No ano passado, houve a comemoração do centenário da festa com a simulação da primeira, quando os moradores seguiram pelo rio em procissão com a imagem de São Sebastião. A manifestação tem participação de toda a população do povoado, dos mais jovens aos mais idosos, e segundo a entrevistada Quitéria Gomes Pereira, com a união dos moradores, tem melhorado ano a ano.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Quitéria Gomes I_Carvalho, M; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-2012_17m17s_wave				Nº569	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Quitéria Gomes Pereira				Nº34	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora do Rosário			IDENTIFICADO		13
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	07 de outubro	LUGAR	Bonsucesso (Poço Redondo)		
DESCRIÇÃO	Embora seja a padroeira do Povoado de Bonsucesso, município de Poço Redondo, a Festa de Nossa Senhora do Rosário não atinge a dimensão da do seu padroeiro “extraoficial”, São Sebastião. A festa da padroeira acontece em 7 de outubro. Para arrecadar fundos para sua execução, os povoados ribeirinhos são percorridos em busca de donativos em alimentos que são vendidos em quermesse. Com o dinheiro arrecadado, promove-se a festa que se inicia com missa na parte da manhã, procissão na parte da tarde, e é finalizada com a festa social (programação “profana”, normalmente conduzida pelo poder público) no clube local. Toda a festa, inclusive a social, é preparada pelos moradores do povoado, sem qualquer tipo de apoio do poder público municipal. Também nesta, por não se tratar de uma manifestação de grandes dimensões, o público é composto predominantemente pelos moradores do povoado. As dificuldades de execução são superadas pela união dos moradores, que se agregam em diferentes faixas etárias com o objetivo compartilhado de promovê-la.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Quitéria Gomes I_Carvalho, M; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-2012_17m17s_wave			Nº569	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Quitéria Gomes Pereira			Nº34	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Festa do Sagrado Coração de Jesus			IDENTIFICADO		14
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Julho	LUGAR	Bonsucesso (Poço Redondo)		
DESCRIÇÃO	No povoado de Bonsucesso, município de Poço Redondo, acontece, sempre no mês de julho e em um único dia, a Festa do Sagrado Coração de Jesus, cuja comemoração se dá com a realização de procissão pelo rio. No trajeto, a procissão sai da igreja com a imagem que segue pelo rio em embarcação dianteira, acompanhada pelos moradores. Rodeia-se uma ilha que há ao lado do povoado, caminha-se por suas ruas até ser finalizada na igreja. Trata-se de uma festa bem simples, estritamente devocional, sendo o público composto predominantemente pelos moradores do povoado. Como envolve baixo custo para sua execução, não consta de preparação antecedente para arrecadação de donativos.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Quitéria Gomes I_Carvalho, M; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-2012_17m17s_wave			Nº569	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Quitéria Gomes Pereira			Nº34	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Santo Antônio				IDENTIFICADO		15
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	01 a 13 de Junho	LUGAR	Povoado de Curralinho (Poço Redondo); Povoado de Capim Grosso (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A celebração da Festa de Santo Antônio no povoado de Curralinho, em Poço Redondo, remonta à ocupação do lugar no século XIX. A festa transcorre do dia 1º ao dia 13 de junho. No dia 1º, inicia-se com a queima de fogos durante a alvorada e com o levantamento do mastro com a condução da imagem de Santo Antônio. À noite tem a novena que acontece nos onze dias consecutivos, sendo cada dia regido e dedicado a um grupo, entre eles: comunidade, jovens, aposentados, idosos, namorados etc. No dia 12, muitos casais aproveitam a data e oficializam a união. Neste mesmo dia, ocorrem eventos e festejos de rua. No dia 13 pela manhã, há batizados com missa solene. Após a celebração, tem a cavalhada acompanhada da banda de pífano e a procissão. A arrecadação de recurso se estende de maio a junho. A imagem do santo é colocada no andor e passa de casa em casa pedindo donativos (dinheiro e alimentos). Imbuídos da mesma finalidade, também segue pelo rio de lancha visitando outros povoados ribeirinhos. Os jovens participam sobretudo desse momento de arrecadação. Antigamente eram realizados bingos e leilão, mas não o fazem mais. No dia da festa, há grande fluxo de turistas vindos de Pão de Açúcar, Propriá, Gararu, Piranhas, Pedro Alexandre, Canidé, Gloria, Monte Alegre, entre outros. A Festa de Santo Antônio, padroeiro do Povoado de Capim Grosso, em Canindé de São Francisco, ocorre anualmente de 1º a 13 de junho. A festa se inicia com o novenário, com nove noites de rezas consecutivas. Cada dia de novena fica sob responsabilidade de um grupo identificado por categorias sociais divididas por profissão, posição familiar, estado civil, faixa etária etc. O encerramento se dá no décimo dia com celebração de missa e procissão. Como confraternização, realiza-se o café da manhã comunitário, o leilão e a quermesse na qual servem o xerém. No encerramento há uma animada festa, pois coincide com a abertura da Festa de São João. O público é composto basicamente por moradores do povoado que se envolvem e participam da produção da festa.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jose Beserra de Souza_Carvalho, Maria_Andrade, Carlos_Poço Redondo-SE_28-10-2012_21m00s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista Padre Edmilson_Carvalho, Maria; Andrade, Carlos_Canindé-SE_30-10-2012_43m04s.wave				Nº564; 586		Cf. Anexo 2
CONTATOS	José Beserra de Souza; Edmilson Meneses de Matias				Nº35; 45		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora da Conceição				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		16
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	29 de novembro a 8 de dezembro	LUGAR	Porto da Folha; Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	A Festa de Nossa Senhora da Conceição de Porto da Folha acontece de 29 de novembro a 8 de dezembro. Sua origem remonta ao período da construção da torre da Matriz, quando um incidente pôs em risco a vida de um dos construtores. Evocando a Imaculada Conceição, e escapando com vida, tornou-se ela a padroeira, e, desde então, se celebra em sua homenagem e devoção. Antigamente, o primeiro momento da festa se dava no dia 29, quando havia o encontro dos carros de boi vindos dos povoados em frente à Matriz. Atualmente a programação se inicia com o novenário, que acontece por meio de nove noites de rezas consecutivas. Cada dia de novena fica a cargo de um grupo identificado por categorias sociais divididas por profissão, posição familiar; estado civil, faixa etária etc. Não obstante, contam com apoio de uma equipe permanente da Igreja responsável por dar suporte. Em Porto da Folha, esses grupos se definem por movimentos de pastorais das igrejas; funcionários públicos e privados; associações rurais; motoristas, motoqueiros e motociclistas; escolas; viúvas, viúvos e aposentados; carroceiros, vaqueiros e comboios; filhos ausentes (esta última no dia 7 no qual reúnem pessoas naturais de Porto da Folha que vivem em outros lugares). No dia 8, ponto mais alto, a festa se inicia às 04:30 da manhã com a alvorada festiva e com os ofícios - com as senhoras de véu fazendo orações. Em seguida, há a missa dos idosos. Às nove da manhã, dá-se início à missa solene que reúne vários padres e o bispo. Nessa missa, há a concentração de todos os participantes das novenas. Após seu término, tem-se o momento da descida da imagem, que é retirada no nicho e posta no chão da igreja, quando as pessoas vão visitar, venerar a imagem e pagar promessas. A seguir, colocam-na no andor e seguem em procissão por todas as ruas da sede, quando grande parte da população veste-se de branco. Os pagamentos de promessas acontecem com os devotos indo de joelhos e descalços à igreja, vestindo-se de branco e oferecendo votos esculturais em madeira, que são feitas por um morador do povoado conhecido por Giba, que recebe bastante encomendas durante a festa. A celebração de Nossa Senhora da Conceição de Porto da Folha tem vasto alcance social, com a presença maciça dos moradores da Sede e dos povoados. Não há programação profana após ou paralela à festa. Os shows são exclusivamente religiosos. Não acontece a chamada festa "social", como em outros lugares, que se caracteriza pela programação "profana", normalmente conduzida pelo poder público local. A arrecadação de recursos se dá por meio de doações pessoais e de instituições comerciais e bancárias. Os bingos acontecem durante e após a programação da festa. Já a Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Igreja Matriz da sede de Canindé de São Francisco, e de mesma época de ocorrência em Porto da Folha, veio em continuidade com a que era festejada em Canindé de Baixo, cidade que foi destruída para construção da represa do Xingó e adjacências. Desde então, há cerca de 25 anos, quando se deu a transferência da sede, a manifestação é celebrada. A festa se inicia com o novenário, com nove noites de rezas consecutivas, bem como em Porto da Folha. O encerramento acontece no décimo dia com celebração de missa e procissão. O diferencial dessa festa em relação às demais do município são as quermesses que acontecem após cada noite de novena. O grupo responsável pela novena prepara um prato que é vendido nas barraquinhas situadas no largo da igreja. O prato de principal é o xerém, culinária tipo do período junino preparado a base de milho pisado e galinha.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jose Ailton Braga_Andrade, C._Carvalho, M._Porto da Folha-SE_27-10-2012_30m02s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista Padre Edmilson_Carvalho, Maria; Andrade, Carlos_Canindé-SE_30-10-2012_43m04s.wave				Nº552; 586		Cf. Anexo 2
CONTATOS	José Aílton Braga; Edmilson Meneses de Matias				Nº18; 45		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Vicente de Paulo				IDENTIFICADO		17
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	18 a 27 de setembro	LUGAR	Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	A Festa de São Vicente de Paulo, padroeiro do bairro da Olaria, pertencente à Sede do município de Canindé de São Francisco, acontece anualmente de 18 a 27 de setembro. É realizada pelas irmãs vicentinas, que detém uma casa de missão na cidade voltada ao trabalho com os pobres. A festa se inicia com o novenário, com nove noites de rezas consecutivas. Cada dia de novena fica sob responsabilidade de um grupo identificado por categorias sociais divididas por profissão, posição familiar; estado civil, faixa etária etc. O encerramento se dá no décimo dia com celebração de missa e procissão. Como não há capela, as novenas ocorrem nas ruas do próprio bairro, com concentração a cada dia em uma rua diferente. Trata-se de uma festa bem simples, com programação estritamente religiosa. O bairro e sua população são muito carentes, o que não é empecilho para a participação e envolvimento de boa parte dos moradores do bairro.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Padre Edmilson_Carvalho, Maria; Andrade, Carlos_Canindé-SE_30-10-2012_43m04s.wave				Nº586	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edmilson Meneses de Matias				Nº45	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Festa de São Francisco				IDENTIFICADO		18
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	25 de setembro a 4 de outubro	LUGAR	Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	A Festa de São Francisco, padroeiro do bairro da Torre, pertencente à Sede do município de Canindé de São Francisco, acontece anualmente de 25 de setembro a 4 Outubro. É forte a devoção de São Francisco no município. A festa se inicia com o novenário, com nove noites de rezas consecutivas. Cada dia de novena fica sob responsabilidade de um grupo identificado por categorias sociais divididas por profissão, posição familiar; estado civil, faixa etária etc. O encerramento acontece no décimo dia com celebração de missa e procissão. Há o costume de realizarem bingo para angariar recursos para a festa e para a paróquia. Há bastante envolvimento e participação da comunidade.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Padre Edmilson_Carvalho, Maria; Andrade, Carlos_Canindé-SE_30-10-2012_43m04s.wave				Nº586	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edmilson Meneses de Matias				Nº45	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora Aparecida			IDENTIFICADO		19
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	3 a 12 de outubro	LUGAR	Canindé de São Francisco		
DESCRIÇÃO	A Festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro Setor 7, pertencente ao município de Canindé de São Francisco, ocorre anualmente de 3 a 12 de Outubro. A programação começa com caminhada durante alvorada para se levar a imagem de Nossa Senhora Aparecida para a casa de uma família e, na sequência, realiza-se café da manhã comunitário, que acontece às 6 horas da manhã. À noite deste mesmo dia dá-se início ao novenário, com nove noites de rezas consecutivas. Cada dia de novena fica sob responsabilidade de um grupo identificado por categorias sociais divididas por profissão, posição familiar; estado civil, faixa etária etc. O encerramento se dá no décimo dia com procissão e celebração de missa, após a qual ocorre confraternização com leilão e bingo.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Padre Edmilson_Carvalho, Maria; Andrade, Carlos_Canindé-SE_30-10-2012_43m04s.wave			Nº586	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edmilson Meneses de Matias			Nº45	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora das Graças			IDENTIFICADO		20
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	18 a 27 de novembro	LUGAR	Canindé de São Francisco		
DESCRIÇÃO	A Festa de Nossa Senhora das Graças, padroeiro do Assentamento Cuiabá (assentamento da reforma agrária), pertencente ao município de Canindé de São Francisco, acontece anualmente de 18 a 27 de novembro. A programação se inicia com o novenário, com nove noites de rezas consecutivas. Cada dia de novena fica sob responsabilidade de um grupo identificado por categorias sociais divididas por profissão, posição familiar; estado civil, faixa etária etc. O encerramento ocorre no décimo dia com celebração de missa e procissão. Característica marcante da festa é o envolvimento da população jovem, abaixo de 30 anos, que se engaja bastante para promovê-la e em outras ações comunitárias.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Padre Edmilson_Carvalho, Maria; Andrade, Carlos_Canindé-SE_30-10-2012_43m04s.wave			Nº586	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edmilson Meneses de Matias			Nº45	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Geraldo				IDENTIFICADO		21
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	7 a 16 de Outubro	LUGAR	Povoado de Curitiba (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Festa de São Geraldo, padroeiro do povoado Curitiba, pertencente ao município de Canindé, ocorre anualmente de 7 a 16 de Outubro. Trata-se da festa de padroeiro mais antiga de todo o município, por ter sido o povoado a lhe dar origem. A festa se inicia com o novenário voltado para as famílias, pastoral da criança, idosos, apostolado da oração, dizimistas, comunidades etc. Durante o novenário, é realizado leilão para angariar recursos para execução da festa. Ao final do décimo dia, acontece no clube local almoço comunitário preparado pelos moradores, com convite estendido a toda população. À noite, é realizada procissão pelas ruas do povoado que se encerra em frente à igreja, onde há celebração de missa.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Padre Edmilson_Carvalho, Maria; Andrade, Carlos_Canindé-SE_30-10-2012_43m04s.wave				Nº586	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edmilson Meneses de Matias				Nº45	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Festa de Santa Terezinha				IDENTIFICADO		22
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	28 de setembro a 1º de outubro	LUGAR	Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	A Festa de Santa Terezinha, padroeira do bairro Portelinha, pertencente ao município de Canindé de São Francisco, se realiza anualmente de 28 de setembro a 1º de outubro. A festa começa com o novenário, que acontece somente em três dias de novena. O encerramento se dá no quarto dia com celebração de missa e procissão. A festa de Santa Terezinha é a única do município celebrada em apenas três dias. Trata-se de uma celebração recente, tendo se iniciado há apenas um ano. Como não há capela, as missas ocorrem em pontos diversos da comunidade.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Padre Edmilson_Carvalho, Maria; Andrade, Carlos_Canindé-SE_30-10-2012_43m04s.wave				Nº586	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edmilson Meneses de Matias				Nº45	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Romaria da Serra da Melancia				IDENTIFICADO		23
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sextas-Feiras da Paixão (Semana Santa)	LUGAR	Serra da Melancia, Povoado Monte Alegre (Gararu)			
DESCRIÇÃO	A Romaria da Serra da Melancia, município de Gararu, teve início dos anos 1970, por iniciativa individual de um padre belga residente em Arapiraca (AL). De acordo com os entrevistados José Pedro Souza Santos, Ronaldo Melo dos Santos, Jailton Santos de Melo e Carlos Augusto Pereira Santos, as origens da Romaria se encontram na percepção deste padre acerca dos hábitos religiosos cotidianos dos habitantes da região, considerados pelo mesmo como sendo pecaminosos. Deste modo, a celebração seria uma forma encontrada pelo referido padre tanto de expurgar a população local de seus hábitos pecaminosos quanto de fortalecer nos mesmos suas convicções religiosas. A Romaria se inicia no Povoado Monte Alegre, próximo à Serra da Melancia, nas Sextas-Feiras da Paixão às 4 horas da manhã, e se dirige em seu trajeto a uma capela erguida por este padre na Serra da Melancia, onde se celebra uma missa às 6 horas da manhã. O grupo de fiéis que assiste à celebração é formado por habitantes de todas as idades do município e da região, que usam a mesma para pagamento de promessas por dádivas individuais obtidas. Não foram identificados quaisquer modificações na celebração ao longo do tempo, ou eventuais dificuldades em sua realização.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-C. A. Pereira Santos-J. Santos de Melo_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_13m33s.wave				Nº533	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº1, 7, 8 E 9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.2. EDIFICAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Praça da Matriz de Gararu				IDENTIFICADO		24
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Século XIX - Atual	LUGAR	Sede do Município (Gararu)			
DESCRIÇÃO	Construída em meados do século XIX junto com a Igreja Matriz, a Praça da Matriz é o marco central do município de Gararu. A praça foi reformada diversas vezes ao longo de sua história por iniciativa da prefeitura municipal até adquirir seu aspecto atual, formado por calçadas de quartzo trabalhado, bancos com estrutura metálica e ripas de madeira, canteiros forrados por grama com arbustos e árvores de médio a grande porte, pórticos de aço pintados de diversas cores para o embelezamento da paisagem e postes metálicos com duas luminárias cada, distribuídos pela praça. Tradicional ponto de sociabilidade e encontro, segundo o entrevistado Carlos Augusto Pereira Santos, o local também servia de espaço para apresentações culturais, festas religiosas e para a feira semanal de comércio popular do município. Em virtude da reclamação dos moradores de suas imediações acerca da depredação da praça durante as festividades que ali ocorriam, a prefeitura municipal construiu há cerca de dez anos uma nova praça (Complexo da Orla), especificamente moldada para sediar os eventos culturais e religiosos da cidade, o que culminou no deslocamento destes para este novo lugar.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça-da-Matriz_Andrade, Carlos_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Praça-da-Matriz_Borim, Alexandre_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Carlos Augusto Pereira Santos_Andrade, Carlos_Borim, Alexandre_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-10-2012_03m22s.wave				Nº309, 310 E 542		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Carlos Augusto Pereira Santos				Nº 9		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Casa de Zé Cardoso em Gararu				IDENTIFICADO		25
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Início do Século XX - Atual	LUGAR	Sede do Município (Gararu)			
DESCRIÇÃO	A Casa de Zé Cardoso é um casarão situado na Sede do Município de Gararu que pertenceu a um ex-prefeito local e que serve como ponto de referência para seus habitantes. Está implantada em um lote de esquina, sem afastamentos laterais e frontal. O coroamento é feito por platibanda com detalhes em massa. A porção da lateral esquerda foi descaracterizada, com a mudança dos vãos e do telhado, abrigando atualmente um mercado. As janelas das fachadas externas são iguais, enquadradas em massa com sobreverga em arco pleno e verga reta. São compostas por duas folhas cegas de abrir feitas em madeira. As portas se assemelham às janelas, mas possuem apenas uma folha de abrir. A pintura apresenta muito desgaste e perda de partes, é amarela no pano da alvenaria e bege nos detalhes em massa. De acordo com o entrevistado Carlos Augusto Pereira Santos, a edificação tem mais de cem anos e serviu de morada a diversas personalidades políticas locais com o passar do tempo. O entrevistado não soube informar sobre manifestações específicas associadas à Casa, afora lendas locais que dão conta de que a mesma seria assombrada. Dentre as intervenções ocorridas na edificação, se encontram: a venda de seu mobiliário por parte do atual proprietário; a divisão do casarão em diversos cômodos menores alugados por comerciantes e pela prefeitura municipal. Segundo Carlos, existem projetos, ainda não concretizados, de transformar o espaço em uma espécie de centro cultural do município, com bibliotecas, auditórios e palcos. A edificação está em risco, em virtude da intenção de seu atual proprietário de derrubar sua fachada para colocar placas de comércio.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Casa-de-Zé-Cardoso_Andrade, Carlos_Gararu-SE_25-10-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Casa-de-Zé-Cardoso_Andrade, Carlos_Gararu-SE_25-10-2012_02.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Carlos Augusto Pereira Santos_Andrade, Carlos_Borim, Alexandre_Carvalho, Maria_Gararu-SE_24-10-2012_03m00s.wave				Nº312, 313 e 531		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Carlos Augusto Pereira Santos				Nº9		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Matriz de Bom Jesus dos Navegantes de Gararu				IDENTIFICADO		26	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Sede (Gararu)				
DESCRIÇÃO	A Matriz de Bom Jesus dos Navegantes de Gararu remonta ao século XVIII, quando da ocupação do território <i>“por sitiantes do morgado de Porto da Folha, que construíram uma capela em louvor a Nosso Senhor Bom Jesus dos Aflitos”</i>. (Fonte: http://www.gararu.se.gov.br/. Acesso em 18 de junho de 2013). Em 10 de abril de 1875, a capela do Senhor Bom Jesus dos Aflitos do Povoado Curral de Pedras foi elevada à categoria de matriz através da Resolução Nº. 1.003, que também criou a freguesia desta, desmembrando-a da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, da Ilha do Ouro. Mantendo-se desde então a devoção ao padroado, a edificação original, por sua vez, veio a ser demolida, substituída pela atual. (Fonte: http://www.gararu.se.gov.br/. Acesso em 18 de junho de 2013). A Matriz possui grandes dimensões, sua fachada principal é simétrica, com uma grande torre sineira no eixo de simetria. Os vãos inferiores correspondem a portas de acesso, sendo a central com dimensões maiores que as demais. As aberturas superiores correspondem a janelas retangulares, sendo a central um óculo circular. Os vãos são emoldurados em massa, destacadas do pano da alvenaria por um tom de bege mais escuro. Há colunas marcadas na fachada com tratamento semelhante ao dos cuinhais. O coroamento é em platibanda encimado por elemento decorativo que remete a um frontão. A Igreja Matriz é o centro da Festa do Bom Jesus dos Aflitos e Navegantes, que acontece na terceira semana de janeiro, sendo bastante cultuada e referenciada pela comunidade como um dos bens mais simbólicos relativo às primeiras ocupações de Gararu.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Matriz Bom Jesus_Borim, Alexandre_Cidade-SE_25-10-2012.jpeg				Nº330	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Currais de Pedra de Gararu				IDENTIFICADO		27
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Secular	LUGAR	Gararu			
DESCRIÇÃO	De acordo com os entrevistados José Pedro Souza Santos, Brasileiro Justos dos Santos, Ronaldo Melo dos Santos, Jailton Santos de Melo e Carlos Augusto Pereira Santos, os primeiros registros acerca da edificação de currais de pedra na região de Gararu remontam ao período de colonização portuguesa, tendo se iniciado no século XVII. Foram erguidas nas fazendas alheias por escravos e lavradores meeiros que ali se instalaram. São uma espécie de cerca de pedra de aproximadamente um metro e meio de altura construídas com pedregulhos e pedras abundantes na área, encaixadas conforme um quebra-cabeças. A edificação dos currais de pedra se deu por necessidade específica da atividade econômica que ali se desenvolveu, de modo a separar a pecuária extensiva da rizicultura de subsistência nas várzeas. Foram implantados em toda a região, inicialmente em um latifúndio que posteriormente veio a se subdividir em várias fazendas. Importante como referência cultural e por seu apelo estético, os currais de pedra são também testemunhos de uma modalidade de trabalho forçado, mesmo quando por definição legal já se identificavam a tais homens como “trabalhadores livres”. Atualmente assiste-se no município de Gararu processo de depredação desse bem cultural, pois os currais têm sido desmanchados com a remoção das pedras para o levantamento de imóveis e afins.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_C. Pedra extensão_Carvalho, M_ Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Currais de Pedra _Carvalho, M_ Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Currais de Pedras_Carvalho, M_ Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Currais destruição_Carvalho, M_ Gararu-SE_25-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco-Entrevista-Braziliano Justos_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-10-12_04m52s_01.wave A-Baixo São Francisco-Entrevista-Braziliano Justos_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-10-12_11m00s_02.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-C. A. P. Santos-J. P. S. Santos-R. M. Santos-J. S. Melo_Borim, A._Andrade, C._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_08m33s.wave				Nº326; 327; 328; 329; 517; 518; 519		Cf. Anexo 2
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Brasileiro Justos dos Santos; Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº1; 3; 7; 8; 9		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de São Pedro de Porto da Folha				IDENTIFICADO		28
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Comunidade Indígena Ilha de São Pedro (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	A Igreja de São Pedro na comunidade indígena homônima em Porto da Folha é uma construção simples, de alvenaria de pedra e cal, com cobertura de telha de barro sobre estrutura de madeira. O piso original era de lajota de cerâmica artesanal, os seus elementos integrados originais foram substituídos por retábulos de alvenaria, restando somente púlpito, gradil do coro e gradil do altar mor. Sua fachada principal é assimétrica, com uma torre sineira na extremidade esquerda. Os vãos são retangulares com esquadria de madeira, pintadas em azul. A porta central possui dimensões maiores que as demais. O coroamento é feito por frontão ornamentado por volutas em massa e encimado por crucifixo na porção central. Sua estrutura foi edificada pelos missionários capuchinhos e tombada pelo Governo do Estado em 06/01/1984 pelo decreto n. 6.127, estando sob a responsabilidade da Diocese de Propriá. A despeito do tombamento, o monumento encontrava-se em ruínas, com o desmoronamento da cobertura e algumas paredes comprometidas. Em 2006, o Governo do Estado investiu na recuperação total do templo, reconstituindo a cobertura, fachadas, piso, as instalações elétricas, elementos artísticos em alvenaria e madeira, atendendo assim a uma antiga reivindicação da comunidade. A simbologia atribuída à igreja vincula-se à história do povo Xocó na sua relação com a instituição católica. Inicialmente, numa perspectiva negativa devido à catequização e arrendamento das terras indígenas pelos missionários. Num segundo momento, pela importância da instituição como mediadora no processo de conquista da terra. Como referencial simbólico desse processo histórico, atribuem importância à sua presença no território, importância essa, segundo o entrevistado Luciomário Apolônio Lima, “<i>não cultural para busca do maior Deus, mas pela irmandade que ela tem hoje</i>”, já que a presença física da igreja não significa a violência simbólica sofrida no passado, mas a correção histórica e a reconciliação que favoreceu o povo Xocó na reconquista de seu território.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Igreja São Pedro_Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco-Entrevista Luciomário Apolônio_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_53m42s.wave				Nº347; 546	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Luciomário Apolônio Lima				Nº19	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Porto da Folha				IDENTIFICADO		29
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Século XIX	LUGAR	Porto da Folha			
DESCRIÇÃO	A fachada principal da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Porto da Folha é simétrica, composta por duas torres nas extremidades e uma parte central com coroamento em frontão decorado por volutas em massa e encimado por um crucifixo. Abaixo do frontão há três janelas iguais, emolduradas em massa e compostas por duas folhas cegas de madeira. E abaixo das janelas há três portas, sendo a central de maior dimensão, com verga em arco abatido e encimada por elemento decorativo. A igreja foi inicialmente construída só com a nave central, sendo as torres erguidas em momentos subsequentes. Cada uma das torres conta com as respectivas datas: 1889 e 1932, o que presume, conforme depoimento de José Ailton Braga, a edificação em momentos distintos. Segundo o entrevistado, já havendo umas das torres construídas, o Pároco da época fez campanha para que a população ajudasse na confecção da outra. Durante a elevação da torre houve uma tempestade muito forte que provocou seu desabamento, deixando um dos operários pendurados. A igreja ainda não possuía uma padroeira definida. Tendo o homem chamado por Imaculada da Conceição, e tendo conseguido sobreviver à vicissitude, tornou-se então Nossa Senhora da Conceição a Padroeira da Matriz e do município de Porto da Folha. Não obstante, tal informação cruzada com dados eclesiais não procede, pois a escolha do padroado antecedeu à apresentada pela narrativa, pois em 1841 já havia a invocação a Nossa senhora da Conceição na Vila de Porto da Folha, conforme consta registrado no “Livro de Tombo Nº 01” da Arquidiocese de Aracaju/SE às fls. 32v e 33. Todavia, mais que veracidade, tal narrativa constitui como representação social, uma espécie de mito de origem que testemunha a proteção que a padroeira exerce sobre a cidade e seus moradores.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Matriz torres_Carvalho, M_Porto da Folha-SE_27-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Torre Matriz_Carvalho, M_Porto da Folha-SE_27-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jose Ailton Braga_Andrade, C._Carvalho, M._Porto da Folha-SE_27-10-2012_30m02s.wave				Nº357; 358; 552	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Ailton Braga				Nº18	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de Santo Antônio de Poço de Cima				IDENTIFICADO		30	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Século XVIII - Atual	LUGAR	Povoado Poço de Cima (Poço Redondo)				
DESCRIÇÃO	Situada no Povoado de Poço de Cima, a Igreja de Santo Antônio era a antiga Igreja Matriz do município de Poço Redondo, quando este Povoado era o maior da área atual deste município. De acordo com a entrevistada Marizete Alves dos Santos, além de ter sido a primeira capela erguida na área de Poço Redondo, lá se realizavam diversas festividades religiosas municipais. Ao que consta, os usos da edificação decaíram com o gradativo abandono deste Povoado por parte da população local, não se encontrando mais residentes neste lugar nos dias atuais. A entrevistada relata que é possível que a fachada da Igreja tenha sido restaurada recentemente, porém não o afirma com certeza; seu altar, segundo a mesma, continua preservado. Marizete Alves dos Santos completa que a Igreja ainda é utilizada no dia de Santo Antônio, sendo o local onde é celebrada a missa em homenagem ao Santo.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Marizete Alves Santos_Andrade, C._Poço Redondo-SE_29-10-2012_03m54s.wave				Nº582	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Marizete Alves dos Santos				Nº40	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Poço Redondo				IDENTIFICADO		31	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	1979 - Atual	LUGAR	Sede do Município (Poço Redondo)				
DESCRIÇÃO	A Igreja de Nossa Senhora da Conceição é a igreja matriz do município de Poço Redondo, tendo sido erguida em 1979 no mesmo local aonde se situava a antiga capela. Está implantada em um lote de esquina, pouco acima do nível da rua principal. O acesso das portas laterais é feito por escadas e da central por meio de rampa. A fachada principal é composta por duas torres nas extremidades. Cada torre conta com uma porta da madeira na porção inferior, com verga reta e sobreverga arqueada em massa. Em seguida há um vão com fechamento em cobogós e depois uma abertura sem vedação com verga em arco abatido. A porta central possui maiores dimensões e duas folhas de abrir. O coroamento é feito em frontão com ornamentos em massa e um crucifixo ao centro. De acordo com a entrevistada Marizete Alves dos Santos, a Igreja foi construída em 1979 como medida para melhor acomodar os fiéis da paróquia, dado que a antiga capela não mais comportava o fluxo dos habitantes locais para a celebração de missas e festividades religiosas municipais. Além das missas semanais, a edificação é utilizada como um dos locais de celebração durante a Festa de Nossa Senhora da Conceição.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Marizete Alves Santos_Andrade, C._Poço Redondo-SE_29-10-2012_03m54s.wave				Nº582	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Marizete Alves dos Santos				Nº40	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Poço Redondo				IDENTIFICADO		32	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Secular	LUGAR	Bonsucesso (Poço Redondo)				
DESCRIÇÃO	A igreja secular de Nossa Senhora do Rosário, do Povoado de Bonsucesso, município de Poço Redondo, foi inicialmente edificada com a frente voltada para o povoado. Segundo Quitéria Gomes Pereira, devido a uma promessa feita por poderosa família local, em decorrência de um acidente de barco que acometeu um dos membros dessa família, prometeu-se que, salvando a vítima, construir-se-ia a Igreja voltada para o Rio. Com a graça alcançada, procedeu com o pagamento da promessa demolindo a igreja anterior e erguendo a atual com a frente voltada para o Rio São Francisco. O templo possui partido retangular, simples, com fachada frontal simétrica, coroada por frontão com um crucifixo na porção central. As extremidades da fachada são encimadas por pináculos. Os vãos das faces laterais possuem fechamento em cobogós. Atualmente vem passando por obras tendo em vista sua ampliação.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Quitéria Gomes I_Carvalho, M; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-2012_17m17s_wave				Nº569	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Quitéria Gomes Pereira				Nº34	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Igreja de Santo Antônio de Curralinho				IDENTIFICADO		33	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Fins do Século XIX - Atual	LUGAR	Povoado Curralinho (Poço Redondo)				
DESCRIÇÃO	Situada no Povoado de Curralinho, município de Poço Redondo, a Igreja de Santo Antônio foi erguida no final do século XIX, algumas décadas após o início da ocupação da área atual do Povoado. O templo guarda a imagem de Santo Antônio, Padroeiro do Povoado, e é na edificação e em seu entorno que se desenvolve a Festa de Santo Antônio, durante o mês de junho (1º a 13). Está implantada acima do nível da rua, sendo acessada por uma grande escadaria frontal. Seu partido é simples, sua fachada principal possui uma portada central constituída por duas folhas cegas de abrir, feitas em madeira, verga em arco abatido e enquadramento em massa. O coroamento é composto por um grande frontão encimado por um pequeno crucifixo. De acordo com o entrevistado José Beserra de Souza, a Igreja foi restaurada diversas vezes em sua escadaria, sua fachada, seu piso e seu altar, por iniciativa exclusiva dos habitantes do Povoado. Segundo o mesmo, estas restaurações alteraram as cores originais da fachada e do altar.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Igreja-de-Santo-Antonio_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-José Beserra Souza_Carvalho, M._Poço Redondo-SE_28-10-2012_04m58s.wave				Nº367 E 581	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	José Beserra de Souza				Nº35	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Capela de Nossa Senhora da Conceição de Curralinho				IDENTIFICADO		34
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1874 - Atual	LUGAR	Povoado Curralinho (Poço Redondo)			
DESCRIÇÃO	A Capela de Nossa Senhora da Conceição foi a primeira edificação religiosa erguida no Povoado de Curralinho, município de Poço Redondo. De acordo com o entrevistado José Beserra de Souza, a Capela teria sido levantada pela própria comunidade em 1874, sob influência direta do Beato Antônio Conselheiro, que teria vivido no lugar e também teria sido o incentivador da ideia de transformar o antigo curral do Povoado em seu cemitério. A edificação e seu entorno serviam de espaço para as festividades religiosas locais antes da construção da Igreja de Santo Antônio (fins do século XIX) e deveria servir como espaço de devoção de Nossa Senhora da Conceição, antiga padroeira do Povoado, e que posteriormente foi substituída por Santo Antônio. Atualmente, o local se conserva como espaço de devoção dos moradores da comunidade, sem estar diretamente associada a celebrações e festividades específicas. A Capela possui pequenas dimensões, é de partido retangular, com fachada principal composta por um vão de acesso central com verga reta e enquadramento em massa ornamentada. O vão é ainda marcado por colunas em massa com tratamento semelhante ao dos cunhais; esses, no entanto, são encimados por pináculos. O frontão é triangular ornado por volutas em massa e por um crucifixo metálico na porção central. O entrevistado relata que ocorreram diversas restaurações na Capela ao longo dos anos por iniciativa da comunidade ou de personalidades políticas locais. As principais reformas se deram em sua fachada e em seu piso, tendo sido preservado seu altar.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Capela-de-Nossa-Senhora-da-Conceição_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-José Beserra Souza_Carvalho, M._Poço Redondo-SE_28-10-2012_04m58s.wave				Nº366 E 581		Cf. Anexo 2
CONTATOS	José Beserra de Souza				Nº35		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Praça Lampião				IDENTIFICADO		35
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1987 - Atual		LUGAR	Sede do Município (Poço Redondo)		
DESCRIÇÃO	A Praça Lampião foi erguida em 1987 por iniciativa da prefeitura municipal de Poço Redondo e procura homenagear a relação existente entre a história do município e a do cangaço que se desenvolveu na região nas primeiras décadas do século XX. De acordo com a entrevistada Rogéria Gomes Dantas, sua construção foi envolvida em uma polêmica, já que a população local à época associava costumeiramente em seu imaginário o cangaço de Lampião ao banditismo que existia na região. A edificação é visitada por turistas e serve como ponto de encontro do público que assiste à Missa do Cangaço, tendo sido reformada em 1997, justamente como marco do início das celebrações da Semana do Cangaço. Segundo a informante, em virtude das pequenas dimensões de área da edificação, a mesma é mais um monumento à memória local do Cangaço do que propriamente uma praça. O monumento é feito em alvenaria com inscrições e pinturas referentes ao cangaceiro, e conta ainda com pequenos canteiros ornamentados por vegetação de pequeno porte.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça-Lampião_Souza, Eder_Poço Redondo-SE_14-02-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Rogéria Gomes Dantas_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_13m04s.wave				Nº386 E 576		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Rogéria Gomes Dantas				Nº28		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Museu Arqueológico de Xingó			IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		36
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde Abril de 2000	LUGAR	Rodovia Canindé, Piranhas (Canindé de São Francisco)		
DESCRIÇÃO	O Museu Arqueológico de Xingó (MAX), em Canindé de São Francisco, foi edificado através de uma parceria entre a Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) e inaugurado em abril de 2000. Trata-se, portanto, de uma construção recente cujo acesso é feito por uma escadaria frontal que conduz a uma porta de vidro composta por duas folhas de abrir. O lote é fechado por um grande muro revestido em pedra onde está inscrito o nome do museu. De acordo com a entrevistada Aline Nunes da Silva, o Museu foi erguido com o objetivo de servir como forma de compensação diante do impacto da construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Xingó, que resultou na inundação de dois sítios arqueológicos anteriormente existentes na região. Seu acervo é constituído por cerca de 50.000 peças, entre ferramentas, adornos, utensílios, ossadas humanas, inscrições e pinturas em rochas, todas resgatadas em escavações nestes dois sítios arqueológicos antes da inundação. As peças são datadas do período das primeiras ocupações migratórias humanas na região (entre 9000 e 1250 anos atrás), sendo que apenas pequena parte destas se encontra em exposição nas salas do Museu. O restante das peças serve de objeto de estudos especializados executados por arqueólogos e paleontólogos vinculados à UFS. Sua exposição permanente é formada por nove salas, entre simuladores animados, peças expostas e representações em maquete da vida cotidiana dos habitantes pré-históricos que ali viviam. O Museu se encontra aberto para visitas semanalmente entre as quartas-feiras e sábados, e seu público é majoritariamente formado por alunos de escolas de todo o Nordeste que excursionam para o local. Segundo a entrevistada, desde que foi aberto, o Museu não fez modificações nas formas de exposição do material sob sua guarda. A única dificuldade citada no que tange à manutenção do mesmo se encontra no fim do apoio por meio de patrocinadores que anteriormente investiam no local.					
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Museu-Arqueológico-de-Xingó_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Museu-Arqueológico-de-Xingó_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Museu-Arqueológico-de-Xingó_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_03.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Aline Nunes da Silva_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_22m25s.wave			Nº410, 411, 412 E 597		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Aline Nunes da Silva			Nº54		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.3. FORMAS DE EXPRESSÃO

DENOMINAÇÃO	Literatura de Cordel				IDENTIFICADO		37
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado Oiteiro (Gararu); Sede do Município (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Literatura de Cordel é uma das mais típicas manifestações culturais sertanejas encontradas no Nordeste brasileiro, ainda que suas origens, de acordo com especialistas em literatura, datem do século XVI na Europa. Fundamentalmente, trata-se de um gênero literário popular inspirado em relatos orais impresso em folhetos e composto por rimas em versos abordando temas como lendas, histórias regionais, casos da vida cotidiana, religiosidade e grandes personalidades locais. Em Gararu, o entrevistado Ronaldo Melo Santos diz que tomou contato com a Literatura de Cordel em sua infância por meio da compra e do empréstimo de folhetos por amigos, tendo começado a escrever versos há cerca de quatro anos, por incentivo do Grupo Teatral Oiteiros, do qual faz parte. Seus versos abordam fundamentalmente temas embasados em tradições e lendas regionais, considerando o processo de criação desta forma de expressão uma espécie de construção coletiva na qual se fundem versos oriundos de outros cordelistas com aqueles criados em sua escrita. Mesmo que não tenha ainda impresso nenhum folheto de sua autoria, o entrevistado diz que seus versos são bastante apreciados pela comunidade quando os apresenta oralmente em eventos culturais organizados pelo Grupo Teatral do qual faz parte. Diz o mesmo que jamais recebeu qualquer tipo de apoio ou incentivo por parte dos poderes públicos, ainda que a Literatura de Cordel seja uma expressão bastante apreciada e comercializada no município. Em Canindé de São Francisco, o entrevistado Edmilson Francolino dos Santos relata que seu primeiro contato com a Literatura de Cordel se deu em sua infância, quando os mesmos eram vendidos em feiras, e considera este contato como fundamental para a sua alfabetização. O entrevistado começou a escrever seus versos há cerca de vinte anos, tendo publicado quatro folhetos nos últimos anos como forma de complementação de sua renda, oriunda de uma pequena lanchonete de sua propriedade. De acordo ele, seus versos procuram trabalhar com temáticas educativas e turísticas locais, por considerar ser muito difícil a originalidade na escrita em temas tradicionais tão comumente trabalhados pelos cordelistas da região. Em virtude das temáticas que aborda, seus folhetos são procurados por turistas, estudantes e professores da região, que chegam a adotá-los em suas aulas. O entrevistado conta que jamais recebeu qualquer tipo de apoio dos poderes públicos locais, ainda que tenham existido projetos não executados de adoção de seus folhetos como materiais didáticos por parte da Secretaria Municipal de Educação.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Francolino dos Santos_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_12m32s.wave				Nº595	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ronaldo Melo Santos (Gararu); Edmilson Francolino dos Santos (Canindé de São Francisco)				Nº7 E 51	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Concurso de Gado Leiteiro				IDENTIFICADO		38
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	De 2004 a 2010	LUGAR	Povoados (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	O Concurso de Gado Leiteiro foi uma iniciativa exclusivamente organizada pelos produtores de gado leiteiro residentes em povoados rurais do município do Porto da Folha com o objetivo de divulgar as propriedades dos produtos e dos animais criados por pecuaristas da região. Em sua execução, que se deu entre os anos de 2004 a 2010, a manifestação era caracterizada por uma espécie de competição entre os produtores locais, que consistia em ordenhar as vacas três vezes ao dia durante três dias, sendo vencedor o produtor cujo animal fornecia a maior quantidade de leite no período de competição. A competição era fiscalizada por médicos veterinários, que realizavam exames nos animais e em seu leite de modo a verificar a existência de medicamentos e hormônios ministrados aos mesmos em sua criação, sendo penalizados aqueles em que fosse comprovado o uso de meios artificiais de aceleração da produção. De acordo com o entrevistado Edmilson Delfino, quando ocorria, o Concurso servia também de espaço de compra e venda de animais, atraindo pecuaristas de outros municípios e estados do Nordeste brasileiro. A competição era patrocinada por uma empresa local de laticínios, que auxiliava em sua divulgação e doava as premiações ofertadas. Dentre as modificações percebidas pelo entrevistado ao longo dos anos em que a manifestação existiu, se encontram: o aumento do número de produtores participantes; o envolvimento do comércio local na manifestação por meio de doações; e a utilização da competição como lugar de negócios entre produtores de gado. O evento deixou de ser realizado a partir de 2011 em virtude da ausência de qualquer tipo de auxílio do poder público local e da falta de patrocinadores interessados no mesmo.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Delfino_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_26-10-2012_10m16s.wave				Nº562	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edmilson Delfino				Nº14	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Reisado				IDENTIFICADO		39
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Predominantemente no período natalino	LUGAR	Mocambo (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	O Reisado, conhecido também em outras regiões do Brasil como Folia de Reis, consiste em uma celebração do período natalino que acontece em homenagem aos Reis Magos, embora possa vir a acontecer também em outros períodos do ano. De modo geral, caracteriza-se pela presença de músicos, cantores e dançantes que se enfeitam com fitas e chapéus espelhados, passando de casa em casa, fazendo louvações e recebendo oferendas. Dispostos em dois cordões, ocorre uma espécie de competição, quando, em meio a cantigas e canções, erguem-se as respectivas bandeiras sob apoio e incentivo do público. Segundo Maria das Virgens Santos, nota-se que entre os códigos das brincadeiras no Quilombo Mocambo, em Porto da Folha, fazia-se presente a arrecadação monetária. Presume-se tal recorrência pelo próprio fundamento simbólico da tradição, já que, na passagem bíblica sobre os três Reis Magos –Belchior, Baltasar, e Gaspar –, eles presenteiam o menino Jesus com ouro, incenso e mirra, tendo sua apropriação simbólica pelo popular relacionado à prosperidade. Em conversa com o agente cultural de Porto da Folha, Roberto Christian de Oliveira Santos, a base monetizada da manifestação foi atribuída como elemento que contribuiu para a decadência desta forma de expressão, haja vista os constrangimentos decorrentes de se participar da brincadeira sem poder promover contribuição de tal natureza. Não obstante, em nenhum outro depoimento verificou-se tal justificativa para o declínio da manifestação. O Reisado do Quilombo Mocambo encontra-se inativo e não se constituiu como prática cultural de referência na comunidade. Embora o Mocambo também o tivesse tido, foram, antes de qualquer coisa, receptores dos Reisados da região, que vinham das comunidades ribeirinhas de Sergipe e Alagoas. Por se tratar de celebração do período natalino, do ciclo dos Santos Reis, o reisado ia da época do natal até janeiro, e vinham cantando e tocando de canoa pelo rio, oriundos de Penedo, Saúde, Neópolis e Carrapicho. Hospedavam-se de dois a três dias no povoado e seguiam em direção a outros lugares, como Bonsucesso.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco-Entrevista Maria das Virgens I_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_50m43s.wave				Nº547	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Roberto Christian de Oliveira Santos; Maria das Virgens Santos				Nº13, 20	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Dança de São Gonçalo				IDENTIFICADO		40
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado de Curitiba (Canindé de São Francisco), Serra da Guia (Poço Redondo)			
DESCRIÇÃO	A Dança São Gonçalo é de origem portuguesa, celebrada em louvor a São Gonçalo do Amarante. Normalmente é organizada para pagamento de promessa ou voto de devoção. Sua execução acontece com a presença da imagem do Santo em frente ao altar, defronte ao qual se formam duas fileiras, podendo ser de mulheres, de homens ou de homens e mulheres. A dança é dividida em partes ou jornadas. Os dançarinos se alternam cantando em coro e fazendo movimentos para a esquerda e para a direita, sem nunca darem as costas ao Santo. O encerramento é dado com a aproximação e afastamento entre as duas fileiras que, chegando diante do altar, se ajoelham, reverenciam o Santo, pedem licença e dão por encerrada a dança. A dança de São Gonçalo do Povoado de Curitiba, pertencente ao município de Canindé de São Francisco, aconteceu a ultima vez a cerca de um ano. No Povoado de Curitiba, a dança também ocorre em decorrência de promessa feita ao Santo. Embora haja ainda a permanência dessa prática no povoado, ela acontece em muito menor escala que nas décadas anteriores. O entrevistado André França da Silva informa que moradores das fazendas seguem realizando promessas e convocando as pessoas do povoado para ajudar a cumpri-la. Elementos como as vestimentas marcam também as transformações ao longo do tempo, pois se antes era fundamental o traje apropriado composto por saia comprida rodada e lenço na cabeça, atualmente não há preocupação em relação a isso, pois se vestem "de qualquer jeito". Além disso, a postura compenetrada também veio sendo deixada de lado, pois, diferentemente da descontração atual, não se podia dançar o São Gonçalo rindo, olhando para os lados e muito menos errar os passos. A dança atual, composta com a presença predominante das mulheres também se contrapõe ao equilíbrio quantitativo entre os sexos do passado, quando era formada por seis mulheres e seis homens. Esquivos a participarem na dança, a presença atual do sexo masculino acontece somente na formação da música, tocando cavaquinho, pandeiro e cuíca. As participantes são predominantemente mulheres de meia idade, embora os jovens prestigiem a apresentação. A dança de São Gonçalo da Comunidade Quilombola Serra da Guia, pertencente ao município de Poço Redondo, é realizada por doze integrantes. A indumentária é composta por saia, camisa de manga comprida e pano na cabeça. As cores variam entre o branco e o azul. Os instrumentos utilizados são a viola, o pandeiro e instrumentos percussivos.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Josefa Santos II_Carvalho, M; Andrade, C_ Poço Redondo-SE_29-10-2012_42m18s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-André França Silva_Carvalho, Maria_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_30-10-12_11m53s.wave				Nº568; 587	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Josefa Maria da Silva Santos (Poço Redondo); André França da Silva (Canindé de São Francisco); Maria José de Sá Feitosa				Nº30; 48; 49	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Trios Pé de Serra				IDENTIFICADO		41
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede do Município (Poço Redondo); Sede do Município (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	O Trio Pé de Serra é uma das mais características formações de músicos da região sertaneja do Nordeste brasileiro. Formado por um sanfoneiro, um zabumbeiro e um tocador de triângulo, o Trio Pé de Serra tem comumente como repertório gêneros tradicionais como o forró e o baião, em músicas cantadas com letras cujas temáticas se situam entre lendas e tradições regionais, casos de amor e humor, a vida sertaneja e a religiosidade. Na execução das músicas, o zabumbeiro é responsável por ditar o ritmo, enquanto o sanfoneiro dita os tons, em virtude da riqueza e variação de timbres possibilitados pelo instrumento. Um dos aspectos de diferenciação do trio para a banda de forró é o uso de instrumentos elétricos como a guitarra e o uso de bateria e percussão ao invés da zabumba dos trios. Em Poço Redondo, Sálvio Pereira de Oliveira relata que começou a tocar sanfona na adolescência, quando o pai de um amigo lhe presenteou com o instrumento, tomando aulas com um sanfoneiro local e aprendendo a ler partituras que lhe permitiram formar um trio e uma banda de forró junto a amigos instrumentistas. Normalmente nos repertórios tocados assim como de seu trio, se encontram músicas tradicionais de forró e baião (composições de Luiz Gonzaga, Dominguinhos, Sivuca, etc.), composições próprias e músicas contemporâneas, cujas temáticas residem majoritariamente em casos de amor. Embora também seja possível encontrar músicas mais atuais, com ritmos diferenciados, em função da formação de alguns trios por integrantes jovens, de gerações mais recentes. Os trios se apresentam em bares, restaurantes e eventos culturais na região, sempre com boa receptividade do público em virtude da variação do repertório, sendo a principal fonte de renda familiar da maioria dos integrantes. Os instrumentos utilizados, de acordo com o mesmo, são confeccionados em outras regiões, majoritariamente vindos de São Paulo. Afora a temática das músicas e o aparecimento de bandas, o entrevistado não relata nenhuma outra modificação na forma de expressão desde que tomou contato com a mesma. Os trios contam com ocasional apoio dos poderes públicos locais sob a forma de pagamento de cachês em eventos promovidos pelas prefeituras municipais da região, sendo uma das principais dificuldades atual a ausência de qualquer tipo de incentivo ou subsídio para os deslocamentos, o que tem inviabilizado apresentações em outros lugares. Em Canindé de São Francisco, Cícero Leonides dos Santos conta que também tomou contato com a manifestação durante sua infância, e seu aprendizado na sanfona e nos outros instrumentos tradicionais dos trios (ele também sabe tocar zabumba e triângulo) se deu por meio da audição, memorização e tentativas de reprodução dos sons que ouvia sem qualquer auxílio de partituras ou outros instrumentistas. O repertório é inteiramente composto por músicas tradicionais de forró e baião e composições próprias, como normalmente ocorre na região. Diferentemente do entrevistado de Poço Redondo, Cícero toca em trios espontaneamente formados por ele através do contato com instrumentistas que conhece quando é convidado para se apresentar, variando constantemente a formação dos mesmos. Os trios normalmente se apresentam em bares, restaurantes, festividades religiosas e laicas e eventos culturais locais patrocinados pela prefeitura, contando com boa aceitação do público, e sendo a principal fonte de renda familiar da maioria dos integrantes. Como forma de complementação salarial alguns integrantes acabam por ter uma segunda jornada de trabalho como agricultores, por exemplo, ou, no caso de Cícero, lecionar aulas de música nas escolas do município. Dentre as variações percebidas na expressão, a principal se encontra na formação das bandas de forró, que costumam substituir a sanfona por teclados, substituição que caracteriza como um empobrecimento da manifestação em virtude de considerar o som dos teclados como inferior ao das sanfonas. Aponta outras dificuldades encontradas pelos trios os baixos valores dos cachês, a concorrência com as bandas de forró, a ausência de interesse dos mais jovens pelos repertórios tradicionais.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Trio-Pé-de-Serra_Dantas, Rogéria_Poço				Nº394, 405, 406,	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	03	12	F1-	11
	Redondo-SE_2011.jpeg F-Baixo São Francisco_Trio-Pé-de-Serra_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Trio-Pé-de-Serra_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_02.jpeg V-Baixo São Francisco_Apresentação-de-Trio-Pé-de-Serra (Parte 1)_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_19-06-2012_02m46s.avi V-Baixo São Francisco_Apresentação-de-Trio-Pé-de-Serra (Parte 2)_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_19-06-2012_01m07s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Sávio Pereira de Oliveira_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_18m13s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Cícero Leonides dos Santos_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_15m56s.wave					475, 476, 580 e 594	
CONTATOS	Sávio Pereira de Oliveira (Poço Redondo); Cícero Leonides dos Santos (Canindé de São Francisco)	Nº37 52	E				Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Samba de Coco				IDENTIFICADO		42
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sem data fixa	LUGAR	Comunidade Quilombola Serra da Guia e Povoado Curituba (Poço Redondo); Quilombo do Mocambo (Porto da Folha); Povoado Curituba (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	Embora haja divergências sobre a origem do samba de coco, considerar-se-á sua procedência afro-indígena, já que a dança referencia o ritual de quebra de coco executado pelos negros escravos, sendo também marcadamente caracterizado por traços indígenas e sertanejos. O ritmo é sincopado e a marcação acontece batendo palmas e os pés no compasso da canção, entrelaçando-se literatura oral, música, canto e dança. O puxador do coco é o responsável por puxar o coro e a dança e convocar para as rodas. Os instrumentos utilizados no samba de coco são o ganzá, o pandeiro e a zabumba e as vestimentas e adereços são, sobretudo, de cor branca: as mulheres com vestido rodado ou saia comprida, touca na cabeça e colares, lembrando as baianas; os homens de calça branca, com ou sem camisa. O samba de coco da Serra da Guia (Poço Redondo) acontece em ocasiões e espaços distintos, obedecendo os calendários e celebrações locais. Duas datas são referenciais para tal forma de expressão, sendo elas a Festa de Santa Cruz, que acontece anualmente de 25 de abril a 3 de maio, e a Novena da Promessa, celebração de caráter anual criada e comandada por Dona Zefa (Josefa Maria da Silva Santos) em função de promessa feita a Padre Cícero, ocorrendo sempre no mês de novembro. Na data relativa à Festa de Santa Cruz, pisa-se o coco no alto da serra como confraternização de encerramento das novenas que lá são realizadas. Na segunda ocasião, o coco é “pisado” na própria casa de Dona Zefa, também no momento profano da celebração religiosa. Em outras ocasiões, sem calendário prévio, o samba de coco se passa no povoado em caráter de brincadeira. Apesar de ser praticado eminentemente pelos membros da comunidade, conta também com a participação do público externo, que visita a comunidade na época das celebrações. No Projeto Cultural da Serra da Guia, há oficinas de danças para os jovens, entre elas o samba de coco, sendo este, portanto, “pisado” por grupos de diferentes faixas etárias. No samba de coco da Guia não há número de participantes pré-estabelecido; entra quem quer brincar. O vestuário é composto por blusa branca e saia comprida com babado grande e bem rodado. As cores usadas são aquelas “deixadas pelos escravos”, podendo ser listradas, estampadas e coloridas. No Quilombo do Mocambo, em Porto da Folha, dona Maria das Virgens conta que foi “a dona do coco” e que aprendeu o samba quando tinha uns nove anos de idade, ensinada por uma vizinha que sempre a levava para dançar e cantar. A dança acontecia sempre ao fim das atividades laborais como forma de celebração e gratidão pelo trabalho, fosse do plantio e colheita do arroz, fosse da construção das casas de taipas. Dançava-se a noite toda até amanhecer o dia. Atualmente na comunidade não se dança mais o coco no dia a dia e ao fim de um dia de trabalho. Questionados porque, informam que não há mais plantação de arroz e também não constroem mais casas de taipa. O samba de coco atual do Mocambo perdeu o caráter de celebração e de brincadeira, assumindo, sobretudo, caráter de espetáculo, já que se apresentam apenas quando convidados. Não obstante, a abertura da festa do Mocambo do dia 20 de novembro (dia da consciência negra) acontece com o samba de coco. A isso se atribui a importância que é conferida ao coco no processo de reconhecimento como comunidade quilombola. A falta de instrumentos e de professores é apontada como dificuldade, embora informem sobre apoio do Programa Quilombo que tem contribuído com a doação de instrumentos para trabalhar a cultura. O samba de coco do povoado de Bonsucesso (Poço Redondo), atualmente inativo, acontecia em momentos de semeadura de arroz, quando os moradores juntavam-se em cooperação fazendo batalhões para a execução do trabalho. No processo de plantação e ao final dela, dançavam o coco. Em outras ocasiões o samba de coco acontecia em caráter de brincadeira e de entretenimento, e durava toda a noite. A inatividade dessa forma de expressão em Bonsucesso é recente, tem cerca de seis anos. Seu declínio é explicado pela falta de conhecimento e interesse						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	03	12	F1-	11
	dos jovens, associado à limitação física dos mais velhos em continuar a praticá-lo. Atualmente há um grupo de jovens local que está tentando fazer seu o resgate. A indumentária não era predeterminada, bastava o uso de uma saia longa. Já o samba de coco do povoado de Curituba, em Canindé de São Francisco, encontra-se quase inativo, já que acontece de modo muito esparso. A roupa para a dança é basicamente uma saia rodada, não havendo especificação de cor. No passado, entre uma e duas décadas atrás, o samba de coco acontecia predominantemente em decorrência da formação de mutirão, sobretudo para as construções das casas de taipa. Além de referenciar uma celebração de agradecimento e confraternização após conclusão do trabalho, constituía-se também como parte do processo construtivo, pois tinha finalidade prática de “<i>apilar</i>” o piso das casas feito de “barro solto”. Quando questionada se haveria relação entre a diminuição dos mutirões com o declínio do coco, a entrevistada Maria José de Sá Feitosa informa que sim, embora às vezes ainda aconteçam mutirões sem acompanhamento da dança. O último samba de coco aconteceu há aproximadamente dois anos por iniciativa do antigo padre que, aproveitando a presença do zabumbeiro, convidou o pessoal para dançar. Desde então não ocorreu mais. Informa que há uma mulher conhecida como Ivone empenhada em fazer seu resgate e incentivar a prática.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco-Entrevista Maria das Virgens I_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_50m43s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista Josefa Santos I_Carvalho, M ; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-12_11m32s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista Josefa Santos II_Carvalho, M; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-2012_42m18s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista Quitéria Gomes I_Carvalho, M; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-2012_17m17s_wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria José de Sá Feitosa_Carvalho, M._Andrade, C._Canindé_30-10-12_13m15s.wave	Nº547; 567;568; 569; 588	Cf. Anexo 2				
CONTATOS	Maria das Virgens Santos (Porto da Folha); Josefa Maria da Silva Santos; Quitéria Gomes Pereira (Poço Redondo); Maria José de Sá Feitosa (Canindé de São Francisco)	Nº20; 30; 34; 49	Cf. Anexo 4				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cavalgada				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		43
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino, Festividades Religiosas (Gararu); Festividades Religiosas, Festividades Culturais e Março (Porto da Folha)	LUGAR	Sede do Município e Povoados (Gararu); Povoado Lagoa do Rancho (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	A Cavalgada é uma manifestação associada diretamente a aspectos do cotidiano dos habitantes da Localidade Alto Sertão Sergipano, que fazem largo uso no dia a dia dos cavalos como meio de transporte. A manifestação surge tanto de maneira espontânea, por iniciativa dos habitantes das zonas rurais, geralmente vaqueiros, que se reúnem para se deslocarem entre os povoados ou municípios ou para se dirigirem aos espaços de prática de pega de boi, quanto é organizada como evento próprio ou parte do cortejo de festividades religiosas e culturais de povoados e sedes de municípios. Consiste na reunião de cavaleiros montados a cavalo, trajando vestimentas ou adornando seus animais em casos de festividades específicas, para a realização de um deslocamento em um percurso pré-determinado. Em Gararu, de acordo com os entrevistados Ronaldo Melo dos Santos e Carlos Augusto Pereira Santos, a Cavalgada, sob sua forma espontânea, é particularmente comum nos povoados sertanejos do município, ocorrendo sem datas fixas. Sob sua forma organizada, a manifestação costuma aparecer em procissões religiosas nas Festas de Padroado dos Povoados ou durante os festejos do Ciclo Junino na sede do Município. Durante os festejos do Ciclo Junino, os cavaleiros utilizam vestuários caricaturais alusivos aos habitantes das zonas rurais brasileiras e os cavalos são adornados, havendo premiações para as caracterizações (cavalo mais bonito, cavaleiro melhor caracterizado etc.). A manifestação também ocorre por iniciativa de associações locais, nem sempre contando com datas fixas, continuidade ao longo dos anos ou manutenção de um mesmo trajeto. Em Gararu, a manifestação costuma ser inteiramente organizada por membros da comunidade, sem nenhum tipo de apoio ou interferência por parte da prefeitura municipal, e é bastante apreciada pelos habitantes locais, que comparecem sem distinção de faixa etária. Os entrevistados não relataram nenhum tipo de alteração em especial na forma de execução da manifestação. Em Porto da Folha, o entrevistado Roberto Christian de Oliveira Silva relata que as Cavalgadas costumam ocorrer tanto como parte de cortejos de procissões religiosas e festas culturais quanto como eventos próprios. Dentre os eventos próprios, destaca-se a Cavalgada do Povoado de Lagoa do Rancho, que ocorre no mês de março neste povoado e conta com apresentações musicais de bandas da região em sua programação. De acordo com o entrevistado, os eventos de Cavalgada costumam contar com apoio da prefeitura local, que auxilia na divulgação e na contratação de bandas para a programação cultural dos mesmos, dado que os habitantes do município apreciam a manifestação e comparecem à mesma independentemente de distinções de faixa etária. Também não foi constatado pelo entrevistado nenhum tipo de modificação específica na execução da manifestação.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Cavalgada-VIP_Souza, Eder_Gararu-SE_13-02-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Carlos Augusto Pereira Santos_Andrade, Carlos Borim, Alexandre_Carvalho, Maria_Gararu-SE_24-10-2012_02m11s.wave				Nº331 E 539	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ronaldo Melo dos Santos; Carlos Augusto Pereira Santos (Gararu); Roberto Christian de Oliveira Silva (Porto da Folha)				Nº7, 9 E 13	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Pastoril				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		44
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino (Dezembro)	LUGAR	Sede do Município (Gararu); Poço Redondo; Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	Originário de Portugal, o Pastoril é uma das mais tradicionais manifestações populares nordestinas, normalmente performada durante o ciclo natalino como parte das celebrações do mesmo. O Pastoril é uma espécie de auto natalino que procura narrar e anunciar, por meio de uma bem humorada disputa de coreografias, danças, brincadeiras, cantos, palmas e gritos improvisados a chegada do Menino Jesus. Dentre as especificidades da manifestação, se encontra o alto grau de interação entre platéia e intérpretes, em virtude de a mesma se caracterizar como espécie de disputa animada entre cordões pela preferência do público, que interage com os personagens demonstrando seu ânimo por meio de aplausos, gritos, vaias e assovios. Ainda que seus personagens variem de um lugar para outro, em sua execução, comumente se interpretam os seguintes personagens, devidamente caracterizados: o Velho, caracterizado com roupas caricaturais ou vestido de palhaço, responsável por divertir o público e animar os cordões por meio de brincadeiras, piadas e anedotas; a Diana, com vestido metade encarnado (vermelho), metade azul, espécie de elemento neutro que modera o público e as torcidas pelos cordões de preferência do mesmo; os cordões encarnado e azul, formado por meninas e moças trajando vestidos com as cores de seus respectivos cordões, que procuram disputar entre si a preferência do público, animando-o por meio de danças, cantos, gritos e palmas. Em Gararu, a entrevistada Maria do Socorro Souza Santos relata que tomou contato com a manifestação em sua infância, entre fins da década de 1970 e início dos anos 1980, por meio de um grupo de Pastoril formado pela diretora da escola em que estudava e que contava com as alunas da mesma como seus intérpretes. Segundo a mesma, naquela época existiam outros grupos praticantes da manifestação no município, contudo todos descontinuados. Normalmente se apresentavam em performances de cerca de duas horas na noite da Véspera de Natal em frente à Igreja Matriz da Sede do Município, contando em suas apresentações com um trio pé de serra para musicar as execuções do auto. De acordo com a entrevistada, havia poucas alterações de personagens nas apresentações entre os grupos. O grupo do qual fazia parte, por exemplo, contava com os seguintes personagens: o Pastor, vestido de palhaço, que em sua performance era equivalente ao personagem Velho encontrado em outros lugares; a Diana, vestida de encarnado e azul e responsável por moderar o público e equilibrar a disputa dos cordões; a Borboleta, que normalmente trajava um vestido inteiramente amarelo ou amarelo com bolas pretas e era responsável por convidar o público e os cordões a adorarem o Menino Jesus; a Mestra, vestida de encarnado e porta-bandeira de seu cordão, responsável por puxar os cantos, gritos e danças do mesmo; a Contramestra, vestida de azul e porta-bandeira de seu cordão, responsável pelas mesmas funções da Mestra em seu cordão; os Cordões azul e encarnado, cada qual contando normalmente com seis intérpretes vestidas com as cores do mesmo. As vestimentas utilizadas eram doadas pela prefeitura municipal, que também se encarregava de contratar o trio pé de serra que se apresentava junto com o mesmo. A entrevistada diz que a interação nas apresentações com o público era intensa, e que a platéia, formado por habitantes locais de todas as idades, apreciava bastante a manifestação. Segundo a entrevistada, afora o acréscimo de personagens (Borboleta, Mestra e Contramestra) e a mudança de nomenclatura de alguns destes, não houve variações nas apresentações do Pastoril ao longo dos anos. Carlos Augusto Pereira Santos aponta a principal dificuldade percebida para a continuidade dos grupos que se formaram e se formam para a representação do Pastoril no município reside na extrema dependência dos mesmos quanto aos seus incentivadores, normalmente professores de escolas locais que frequentemente se mudam dali, o que culmina com a dispersão dos mesmos. Outra dificuldade relatada se encontra na ausência de nomes próprios para os grupos que se formavam e se formam no município, o que poderia ajudar na construção de uma identidade que favorecesse a continuidade da manifestação quando da ausência de seus idealizadores. Atualmente, a manifestação se encontra sob fase de resgate em						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	03	12	F1-	11
--------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

	Gararu, por iniciativa de uma professora de uma escola municipal. O Pastoril também se encontra inativado em Poço Redondo e Canindé de São Francisco há anos, e de acordo com Rogéria Gomes Dantas e Maria José Messias dos Santos, sua manifestação ocorria sem muitas diferenciações dos executados em Gararu. Citam o desinteresse da própria comunidade pelo seu término.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria do Socorro Souza Santos-Carlos Augusto Pereira Santos_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_13m45s.wave			Nº525		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Maria do Socorro Souza Santos; Carlos Augusto Pereira Santos; Rogéria Dantas Gomes (Poço Redondo); Maria José Messias dos Santos (Canindé de São Francisco)			Nº2,9,28,55		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cavallhada			IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		45
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa de Bom Jesus dos Aflitos e dos Navegantes, Festa do Santo Cruzeiro e Ciclo Natalino (Gararu); (Porto da Folha); Novembro (Sede do Município / Poço Redondo) e Festa de Santo Antônio (Povoado Curralinho / Poço Redondo); Setembro e Ciclo Natalino (Sede do Município / Canindé de São Francisco)	LUGAR	Cais de Baixo, Sede do Município (Gararu); Povoado Lagoa do Rancho (Porto da Folha); Sede do Município e Povoado Curralinho (Poço Redondo); Parque de Vaquejada, Sede do Município (Canindé de São Francisco)		
DESCRIÇÃO	Inspirada nas competições de justas medievais e trazida ao Brasil pelos portugueses durante o período colonial, a Cavallhada é uma espécie de mistura de competição e encenação coreografada entre cavaleiros montados em cavalos devidamente caracterizados em dois grupos distintos trajados com suas respectivas cores (normalmente azul e encarnado). Em seu significado, a Cavallhada remete às batalhas entre portugueses (azuis) e mouros (encarnados) pelo controle da Península Ibérica, sendo uma espécie de encenação destes combates representada durante a comemoração de eventos políticos de importância ou festividades religiosas. Sua execução costuma deter as seguintes etapas: visita à Igreja, onde os dois grupos de cavaleiros costumam se reunir na Igreja Matriz do município onde ocorre a manifestação para iniciarem o desfile, saudando-se por meio de gestuário louvando a religião que escolheram; a Corrida de Parelhas, em que os dois pares de cavaleiros, um de cada grupo, simultaneamente correm pela pista onde se realiza o torneio; a Corrida de Argolinhas, na qual, alternadamente, os cavaleiros de cada grupo saem em disparada pela pista com lanças na mão com o objetivo de as enfiarem em um anel de ferro suspenso por corda e fixo com uma garra entre postes onde se encontra uma argolinha de ferro, sendo vencedor o cavaleiro que estiver com o maior número de argolinhas em sua lança ao fim das disparadas de cada um dos participantes; a Escaramuça, que consiste na performance de movimentos coreografados por parte de cada um dos grupos de cavaleiros; a Retirada, quando os pares de cavaleiros desfilam em agradecimento ao público presente na apresentação; por fim, se tem o Agradecimento, executado pelos líderes de cada grupo por meio de versos rimados visando agradecer e saudar seus pares pelos serviços prestados. A performance normalmente dura a tarde toda e é executada junto à bandas de pífano contratadas para animar os presentes. Os cavaleiros se apresentam com trajes e ornamentos como lenços, faixas e fitas nos cavalos e nas lanças com cores alusivas ao grupo específico ao qual pertencem. Geralmente, a Cavallhada é apresentada por seis pares de cavaleiros totalizando doze praticantes, sendo cada grupo liderado por um Matinador, espécie de padrinho do grupo responsável por organizar os treinamentos e instruir os iniciantes na manifestação. Em Gararu, José Pedro Souza Santos, Jaílton Santos de Melo e Carlos Augusto Santos relatam que a Cavallhada se iniciou nos anos 1950 por iniciativa de um político local apreciador da manifestação, e se manteve ativa até o início da década de 1990. A manifestação era apresentada na sede do Município durante alguns festejos religiosos locais (Festa de Bom Jesus dos Aflitos e Navegantes, em Janeiro; Festa do Santo Cruzeiro, em Maio; Ciclo Natalino, em Dezembro), tendo a orla ribeirinha do Rio São Francisco como espaço de apresentação, sempre acompanhada por bandas de pífano locais. Segundo os entrevistados, os grupos locais usavam o verde (portugueses) e o encarnado (mouros) como cores distintivas, e a Corrida de Argolinhas era disputada valendo premiação para o cavaleiro que obtivesse seu maior número, bem como para aquele que estivesse mais belamente adornado; os cavaleiros também apostavam entre si e com					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
--------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

	a plateia, sendo a interação com o público caracterizada por meio destas e de aplausos, vaias e assovios como demonstração de seu estado de ânimo durante a disputa. Ademais, alguns dos cavaleiros usavam a apresentação para fazerem gracejos com mulheres do município que admirassem, dedicando-lhes prendas e parte dos prêmios conquistados ao entregarem a estas suas lanças. Seus executantes eram habitantes do próprio município, normalmente vaqueiros, e residiam tanto na sede quanto nos povoados sertanejos. Em meados dos anos 1990 a manifestação deixou de existir em virtude tanto da falta de apoio da prefeitura municipal quanto por conta do alto custo do vestuário e dos adornos usados pelos cavaleiros praticantes, empecílio ao qual muitos dos executantes não tinham condições financeiras de contornar. Quando existia, a única variação relatada pelos entrevistados que se deu ao longo do tempo se encontrou na questão dos adornos usados pelos executantes, inicialmente mais simples e tornados mais sofisticados ao longo dos anos em que a manifestação se deu. Carlos Augusto Pereira Santos complementa que existem projetos de resgate da manifestação no município elaborados por uma organização não governamental local em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura, paralisados em virtude de questões burocráticas e disputas políticas locais. Outra forma de resgate citada se deu por meio do Grupo Teatral Oiteiros, que procurou, em uma montagem da peça Romeu e Julieta, de William Shakespeare, mesclar seu enredo com elementos culturais típicos da região, fazendo uma representação de Cavallhada como forma de simbolizar a disputa entre famílias que é parte da trama desta peça. Outro resquício citado pelos entrevistados se encontra no costume ainda existente no local da prática informal da Corrida de Parelhas e da Corrida de Argolinhas por parte dos vaqueiros, ainda presente nos dias atuais. Em Porto da Folha, o entrevistado Roberto Christian de Oliveira Silva relatou que a manifestação não ocorre no município há cerca de quarenta anos, em virtude de dificuldades financeiras para a confecção do vestuário. A manifestação comumente ocorria no Povoado de Lagoa do Rancho. Em Poço Redondo, o entrevistado na sede João Batista Marques relata que a manifestação era executada no município há várias décadas e que se iniciou durante sua adolescência, por intermédio de seu pai, também praticante da Cavallhada. De acordo com ele, a manifestação costumava ser executada por doze cavaleiros divididos em dois grupos que usavam o azul e o encarnado como cores distintivas; além dos adereços nos cavalos e nas lanças, o vestuário de cada cavaleiro consistia no uso de uma camisa da cor de seu grupo e uma calça branca. João Batista complementa que em sua juventude a manifestação em Poço Redondo era conhecida como Navalhada, nome este que teria sido referente a alguma guerra ocorrida na região em algum momento indeterminado do passado. As apresentações, que utilizavam ruas da sede como espaço, eram acompanhadas por bandas de pífano, sendo o ponto alto destas as Corridas de Argolinhas, quando o público interagia com a competição por meio de apostas e da demonstração efusiva de seu estado de espírito. Afora a questão da mudança de nomenclatura e da especificidade local de seu nome anterior, a única modificação relatada na execução da Cavallhada se deu sobre a questão dos adornos utilizados, mais complexos ao longo dos anos. De acordo com o mesmo, essa forma de expressão deixou de ser executada há cerca de dois anos, em virtude tanto do fim do apoio concedido pelo poder público municipal quanto dos altos custos dos vestuários e enfeites usados por seus executantes. Quanto à Cavallhada do Povoado de Currálinho, o entrevistado local José Beserra de Souza relata que as únicas modificações existentes na execução da manifestação são: as cores dos grupos, sendo usado o verde e o encarnado; o significado das cores, associando o encarnado ao Sangue de Cristo e o verde à esperança e à fartura das matas da região; o vestuário dos cavaleiros, inteiramente branco, com faixas, fitas e lenços alusivos ao grupo ao qual pertencem; a data de sua realização, em Junho, durante os festejos de Santo Antonio (13 de Junho), padroeiro do povoado. Essa forma de expressão não é executada regularmente todos os anos em virtude do custo de confecção do vestuário e dos adornos. Quando ocorre, a mesma utiliza a orla e as ruas centrais do povoado. Em Canindé de São Francisco, Luiz Marques da Silva informa que a Cavallhada também é uma expressão de longos anos e que se iniciou na manifestação em sua juventude por intermédio de seu pai e de um incentivador local da Cavallhada, sendo atualmente o Matinador do grupo de cavaleiros verde. A Cavallhada foi introduzida no município por intermédio de habitantes locais originários do Povoado do Cajueiro, em Poço Redondo, que ali a praticavam e a trouxeram consigo quando se mudaram para Canindé de São Francisco. A Cavallhada costuma ser apresentada com acompanhamento de bandas de pífano contratadas duas vezes ao ano (Ciclo
--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	03	12	F1-	11
	Natalino e em Setembro, durante uma Festa Agropecuária local), no Parque de Vaquejada existente na cidade. As apresentações são atualmente performadas por dezesseis cavaleiros, sendo oito de cada grupo (verde e encarnado), e são executadas integralmente em seus movimentos (Visita à Igreja; Corrida de Parelhas; Corrida de Argolinhas; Escaramuça; Retirada; Agradecimento). Segundo o mesmo, os versos que recita durante o Agradecimento são uma mistura de composições pessoais e tradicionais que lhe foram ensinadas por seu instrutor durante sua juventude e que se tornou Matinador por indicação do antigo líder e pelo respeito obtido junto aos outros praticantes de seu grupo. Nas apresentações, os cavaleiros trajam o seguinte vestuário: camisa da cor de seu grupo, calça branca com listra na cor de seu grupo e faixa no peitoral da cor do grupo com o nome do cavaleiro inscrito e o dístico “viva o verde” ou “viva o encarnado”. Para as apresentações, os grupos de cavaleiro costumam passar por um período de treinamento durante as quatro semanas anteriores à execução da manifestação, de modo a aperfeiçoar suas habilidades com o cavalo e com a lança. O apreço da comunidade pela Cavallhada é forte e a acompanha, formando, junto com turistas, o público das apresentações, sendo costumeiramente procurado pelos jovens habitantes do município, que se interessam em tomar parte na manifestação. Luiz Marques conta que chegou a instruir a formação de grupos mirins de praticantes da manifestação nas escolas do município, mas que parou com esta atividade em virtude de não ter recebido o pagamento que lhe fora prometido. Contudo, a prefeitura municipal apóia integralmente a Cavallhada, por meio da doação das vestimentas e enfeites, do pagamento de cachês aos cavaleiros e da divulgação turística da manifestação como atração local. Além do aumento do número de cavaleiros participantes das apresentações, citam-se como mudanças ocorridas ao longo do tempo: a introdução do pagamento de cachês aos cavaleiros, sendo que anteriormente os mesmos concorriam por prêmios oriundos de doações da própria comunidade; e a melhor elaboração do vestuário utilizado pelos executantes. Dentre as dificuldades relatadas, se encontram a incapacidade do grupo conseguir em se manter com seus próprios recursos e o alto custo de manutenção dos animais quanto a medicamentos e ração.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Ornamentos-de-Cavallhada_Carvalho, Maria_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Ornamentos-de-Cavallhada_Carvalho, Maria_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Ornamentos-de-Cavallhada_Carvalho, Maria_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_03.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-José Pedro Souza Santos-Carlos Augusto Pereira Santos_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_10m19s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-João Batista Marques_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_12m25s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Luiz Marques da Silva_Carvalho, Maria_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_36m50s.wave		Nº402, 403, 404, 526, 573 E 591		Cf. Anexo 2		
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos (Gararu); Roberto Christian de Oliveira Silva (Porto da Folha); José Beserra de Souza; João Batista Marques (Poço Redondo); Luiz Marques da Silva (Canindé de São Francisco)		Nº1,8, 9,13,35 38 E 56		Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Vaquejada				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		46
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Julho e Setembro (Gararu); Setembro (Porto da Folha); Abril e Setembro (Poço Redondo); Sem data fixa (Canindé de São Francisco)	LUGAR	Várzea Nova, Povoado São Matheus (Gararu); Parque Nilo dos Santos e Serra dos Homens (Porto da Folha); Parque dos Cajueiros e Zona Rural (Poço Redondo); Unidade de Conservação Municipal Lagoa do Frio e Parque de Vaquejada (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Vaquejada é uma das formas típicas de celebração da cultura e do modo de vida de uma das mais importantes figuras do sertão nordestino: o vaqueiro. Mistura de brincadeira e competição, a Vaquejada costuma ser praticada na região do Alto Sertão Sergipano tanto de maneira informal aos finais de semana quando em Festas especificamente organizadas com o objetivo de celebrarem o ofício de vaqueiro e a competição. Normalmente em sua execução, a Vaquejada divide-se em duas formas: a Pega de Boi de Mourão e a Pega de Boi no Mato. A Pega de Boi de Mourão é geralmente realizada em pistas de areia ou currais cercados, onde os bois são soltos, um a um, e duas ou mais duplas de vaqueiros (um batedor de esteira, que se responsabiliza por pegar o rabo do boi e empurrá-lo com seu cavalo para a área de derrubada; um puxador, encarregado de derrubar o animal) os perseguem visando se emparelhar com o animal e conduzi-lo a um local delimitado por linhas pintadas com cal e derrubá-lo, vencendo a primeira dupla que assim o conseguir. A Pega de Boi no Mato, que se realiza em áreas de mata de caatinga virgem, consiste em soltar bois ou novilhos nas matas antes de enviar os vaqueiros para perseguirem os animais por meio da detecção de seus rastros, tendo também como objetivo emparelhar com o animal, ou para derrubá-lo, ou para pegar uma fita presa ao seu pescoço, sem área delimitada para a derrubada. Pelas próprias características de delimitação de área, a Pega de Boi no Mato não costuma ter tempo determinado em sua execução, sendo comum as competições se iniciarem em um dia e terminarem em outro; já a Pega de Boi de Mourão costuma tomar uma tarde em sua execução. As duas modalidades são praticadas tendo integrantes que servem de juizes (Pega de Boi de Mourão) ou fiscais (Pega de Boi no Mato), para assegurar a lisura da competição. Em virtude de suas características específicas, a Vaquejada é associada no imaginário local a valores como coragem e destemor, sendo seus praticantes reconhecidos e respeitados a partir das cicatrizes aparentes que portam como decorrência da participação na brincadeira. Em sua maioria, os praticantes da Vaquejada são vaqueiros jovens e adultos do gênero masculino, sendo raro que mulheres a pratiquem. Nas competições, os vaqueiros e seus cavalos costumam portar trajes característicos de couro: os vaqueiros portam luvas, calça, peitoral, perneira, gibão, chapéu e sapatos de campo com esporas; os cavalos são montados com selas, rédeas e peitoral de couro. Em Gararu, os entrevistados Ronaldo Melo dos Santos, Carlos Augusto Pereira Santos e Gilzete Deolinda de Matos informam que a Vaquejada costuma ser tradicionalmente praticada pelos vaqueiros locais nas matas e currais nas imediações do Povoado de São Mateus, sendo recorrente o interesse dos jovens das zonas rurais do município em se introduzirem na manifestação. As duas modalidades da Vaquejada são praticadas no município da seguinte forma: de maneira informal, aos finais de semana, como forma de treinamento para competições regionais, sendo comum os vaqueiros fazerem apostas em dinheiro ou empenhando pequenos bens pessoais nas disputas; em competições formais (festas), organizadas recentemente por apreciadores da manifestação residentes no município ou por políticos locais e que costumam ocorrer entre julho e setembro em lugares situadas na região da Várzea Nova, próxima ao povoado. Nas festas é comum a montagem de barracas para a venda de bebidas e alimentos ao público e a apresentação de bandas musicais contratadas como programação cultural dos mesmos. Outra diferença que singulariza as festas se encontra no costume de se ter de pagar inscrição para competir, sendo o valor pago somado a doações ofertadas por políticos e comerciantes para servirem de prêmios aos competidores. Não há qualquer tipo de apoio ou auxílio formal por parte da prefeitura municipal a estas festas, inteiramente organizadas pelas						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
--------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

	comunidades onde ocorrem; a ausência de apoio oficial muitas vezes implica na descontinuidade ou irregularidade na manutenção destas festividades. Afora a iniciativa recente de organização de Festas de Vaquejada, os entrevistados não relataram nenhuma modificação na atividade. Em Porto da Folha, Roberto Christian de Oliveira Silva relata que a Vaquejada seria uma espécie de marca distintiva do município na região, fruto da força e da tradição da atividade pecuarista existente no local do reconhecimento de sua festividade anual. Executada tanto sob a forma de Pega de Boi, no Mato na Serra dos Homens, quanto sob a forma de Pega de Boi de Mourão, no Parque Nilo dos Santos, a manifestação também é praticada de maneira informal com as mesmas características verificadas em Gararu pelos vaqueiros locais. Entre seus participantes, se encontram vaqueiros locais, que costumam ensinar a brincadeira aos jovens que eventualmente os procuram interessados em aprendê-la. Diferentemente de Gararu, Porto da Folha conta com uma tradicional Festa do Vaqueiro, realizada no município ininterruptamente desde 1971 no penúltimo ou último final de semana de Setembro e reconhecida em todo o sertão nordestino como uma das principais festas de Vaquejada da região. Em Poço Redondo, o entrevistado João Batista Marques menciona que é uma prática vigente há mais de sessenta anos no município, anterior mesmo à sua juventude, época em que ingressou na Vaquejada, por intermédio de familiares que trabalhavam como vaqueiros, sendo o trabalho nos pastos também sua principal fonte de renda familiar. Praticava-se a brincadeira em matas da região, fenômeno que diz não ocorrer mais desde a criação de um parque específico para esta finalidade no Povoado de Cajueiro, o que considera ser a principal mudança ocorrida na manifestação. Neste local, a modalidade costuma ser praticada aos finais de semana de maneira informal por vaqueiros e jovens habitantes das zonas rurais interessados em se iniciarem na mesma. Praticada sob a forma de Pega de Boi de Mourão de maneira informal com as mesmas características dos municípios anteriores, a Vaquejada também é celebrada por meio de festas diversas que ocorrem entre abril e setembro. São organizadas por particulares em parceria com a Associação de Vaqueiros de Poço Redondo sem nenhum tipo de apoio da prefeitura municipal, e nem sempre ocorrem com regularidade anual. Quando ocorrem, costumam contar com programação cultural pautada pela apresentação de bandas contratadas. As festas costumam se realizar neste período em virtude de ser a época de chuvas e de engorda dos bois, o que auxilia no barateamento do preço dos animais comprados para as competições. Afora as dificuldades eventuais na obtenção dos animais e a irregularidade das festas, o entrevistado cita a falta de apoio do poder público como outro obstáculo para a transformação da Vaquejada em atração turística do município. Em Canindé de São Francisco, o entrevistado Luiz Marques da Silva menciona que a Vaquejada é uma forma de expressão tradicional, vigente há mais de sessenta anos no município. Assim como João Batista e grande parte dos vaqueiros, se iniciou na Vaquejada na sua adolescência por intermédio de familiares e amigos, tendo sido o ofício de vaqueiro sua renda familiar durante boa parte de sua vida. É uma brincadeira de perpassa as gerações, com os pais ensinando os filhos. Inclusive, Luiz Marques ressalta o forte interesse dos jovens locais pela manifestação. Em Canindé, a Vaquejada é praticada sob suas duas modalidades, tanto de maneira informal quanto em festas, e costuma ocorrer tanto no Parque de Vaquejada (sede do Município, onde se pratica a Pega de Boi de Mourão) quanto na Unidade de Conservação Municipal Lagoa do Frio (na Zona Rural de Canindé de São Francisco, onde se pratica a Pega de Boi no Mato). Tal qual ocorre em Gararu e em Poço Redondo, as festas do município normalmente são organizadas por iniciativa de particulares e nem sempre detêm regularidade e sucessão anual, também não portando data fixa. Quando ocorrem, costumam contar com programação cultural pautada pela apresentação de bandas contratadas. De acordo com o entrevistado, a principal mudança que verificou na manifestação ao longo dos anos se encontra na introdução da necessidade de pagamento de inscrição para as competições, lembrando que anteriormente as competições eram organizadas por meio de acordos informais de apostas entre os praticantes. Esta condição contemporânea seria a principal dificuldade na prática da manifestação, em virtude dos valores cobrados, o que tem contribuído para o afastamento de muitos praticantes que não têm recursos para pagarem as inscrições.
--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	03	12	F1-	11
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Pega-de-boi-no-mato_Silva, Roberto_Porto da Folha-SE_29-09-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Pega-de-Boi-no-Mato_Silva, Roberto_Porto da Folha-SE_29-09-2012_02.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-C. A. Pereira Santos-Ronaldo Melo dos Santos_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_08m34s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Gilzete Deolinda de Matos_Andrade, Carlos_Borim, Alexandre_Gararu-SE_25-10-2012_06m20s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Christian de Oliveira Silva_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_27-10-2012_18m10s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-João Batista Marques_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_12m25s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Luiz Marques da Silva_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_22m16s.wave					Nº363, 364, 537, 538, 553, 573 E 593	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Ronaldo Melo dos Santos; Carlos Augusto Pereira Santos; Gilzete Deolinda de Matos (Gararu); Roberto Christian de Oliveira Silva (Porto da Folha); João Batista Marques (Poço Redondo); Luiz Marques da Silva (Canindé de São Francisco)					Nº7, 9, 10, 13, 38 E 56	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Quiabo e da Goiaba				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		47
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Terceiro ou Quarto Final de Semana de Setembro	LUGAR	Parque de Vaquejada, Forródrômo (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	Organizada desde suas origens por iniciativa de uma parceria entre a prefeitura municipal de Canindé de São Francisco e os produtores locais de quiabo e goiaba, a Festa do Quiabo e da Goiaba ocorre anualmente no município durante o mês de setembro desde a sua criação, em 2006, e é considerada uma das principais festividades. Segundo a entrevistada, Magalene Alves Santana, Secretária Municipal de Turismo, a Festa foi organizada com o objetivo de divulgar a produção local do fruto e do legume, aproveitando-se do constante fluxo de turistas que visitam o município para realizarem o passeio de catamarã rumo aos cânions do Rio São Francisco. Sua programação é formada pela seguinte agenda: se inicia às 20 horas da sexta-feira com o desfile pelas ruas da Sede do Município da Rainha do Quiabo e da Goiaba (escolhida entre as jovens residentes no município por meio de concurso temático); às 23 horas, tem início a programação cultural no Forródrômo Municipal, pautada pela apresentação de duas ou três bandas, sendo sempre uma banda do município e uma banda com temática sertaneja; no sábado, a partir das 14 horas, se desenvolvem as competições temáticas (maior comedor de goiabas, pista de deslizamento forrada com caldo de quiabo etc.) no Parque de Vaquejada do município, local onde também são comercializados produtos originados do quiabo e da goiaba por parte dos produtores da região; a Festa encerra sua programação cultural na noite de sábado, quando novamente se apresentam bandas musicais. De acordo com a entrevistada, a participação dos habitantes do município na Festa é intensa e independe de faixa etária, atraindo também turistas residentes em outros municípios da região. Dentre as modificações percebidas por Magalene, se encontram: a renomeação da Festa (em suas origens, era Festa do Quiabo) em virtude do início da participação dos produtores locais de goiaba no evento; o aumento gradativo do público ao longo de suas edições; a ampliação das atrações oferecidas na Festa desde sua primeira edição. Além de contar com a participação do poder público em sua organização, a entrevistada relata que a Festa também conta com patrocinadores (empresas e bancos) que fazem uso do evento para a divulgação de suas marcas. No que tange a dificuldades na realização do evento, a entrevistada cita apenas a necessidade de se encontrar ou construir um local maior para as apresentações culturais, de modo a poder melhor acomodar o crescente público que comparece à Festa.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Festa-do-Quiabo-e-da-Goiaba_Santos, Maria_Canindé de São Francisco-SE_27-09-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa-do-Quiabo-e-da-Goiaba_Santos, Maria_Canindé de São Francisco-SE_27-09-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa-do-Quiabo-e-da-Goiaba_Santos, Maria_Canindé de São Francisco-SE_27-09-2012_03.jpeg A-Baixo São Francisco_Magalene Alves Santana_Andrade, C._Canindé-SE_30-10-2012_24m44s.wave				Nº415, 416, 417 E 598		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Magalene Alves Santana				Nº41		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Bloco da Lama				IDENTIFICADO		48
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sábados de Carnaval	LUGAR	Cais, Sede do Município (Gararu)			
DESCRIÇÃO	O Bloco da Lama é uma das mais singulares formas de expressão encontradas durante os festejos carnavalescos na Sede do Município de Gararu. Os festejos carnavalescos costumam decorrer a partir de uma mesma estrutura de programação: se iniciam às quintas-feiras anteriores ao Carnaval a partir do desfile de blocos de assistência social (idosos, crianças etc.), sendo sucedidos por desfiles de diversos blocos de cunho cultural até a Quarta-Feira de Cinzas. Foi em meio a este clima de festejo espontâneo e inclusivo que surgiu o Bloco da Lama e sua distintiva maneira de pular o Carnaval. Conforme relatam Ronaldo Melo dos Santos, Jailton Santos de Melo e Carlos Augusto Pereira Santos, o Bloco da Lama surgiu por iniciativa espontânea de um conjunto de jovens foliões residentes na sede do Município em meados da década de 1990 durante os festejos carnavalescos da cidade. Se desenvolve da seguinte forma: concentração de foliões, de todas as faixas etárias, nas imediações do Cais da Sede, onde os mesmos se embebedam e socializam até por volta das 13 horas da tarde; a partir deste horário e durante toda a tarde, os foliões se dirigem ao Cais e a outras áreas lamacentas nas margens do Rio São Francisco para cobrirem inteiramente seus corpos com barro e se dirigem às ruas da sede onde as festividades carnavalescas estejam em andamento para socializarem com os demais foliões por meio de abraços e contatos corporais diversos; durante todo o processo, os foliões que integram o bloco esporadicamente voltam a se dirigir às margens do Rio, seja para retirarem a lama de seus corpos, seja para recompor as camadas de barro que se soltam em meio aos contatos com outros foliões nas ruas. Ainda nos dias atuais o bloco não conta com qualquer tipo de comissão organizadora, tendo como único traço variante percebido pelos entrevistados o crescimento relativo em seu número de participantes ao longo dos anos desde que começou a desfilar.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Cais-da-Orla_Borim, Alexandre_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Bloco-da-Lama_Souza, José_Gararu-SE-Década-de-2000_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Bloco-da-Lama_Souza, José_Gararu-SE-Década-de-2000_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Bloco-da-Lama_Souza, José_Gararu-SE-Década-de-2000_03.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Carlos Augusto Pereira Santos-Jailton Santos de Melo_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_11m51s.wave				Nº311, 335, 336, 337 E 529		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº7, 8 E 9		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Bandas de Pífano do Alto Sertão Sergipano				IDENTIFICADO		49
					☒ SIM	☒ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sem data fixa	LUGAR	Gararu, Porto da Folha, Poço Redondo, Canindé de São Francisco/SE			
DESCRIÇÃO	A banda de pífano é um conjunto de música instrumental de sopro e percussão que marca presença fundamental nas festas e celebrações da cultura popular do nordeste do Brasil. Nas diversas formas de expressão e celebrações mapeadas, são feitas referências às bandas de pífanos. De modo geral, os instrumentos básicos que as compõem são o próprio pífano - instrumento em madeira semelhante à flauta -, o surdo, o tarol e a zabumba. Não obstante, não há rigor quanto ao número de integrantes, podendo haver também variações na quantidade de pífanos, mas sempre sendo fixo um tocador de zabumba e um de tambor. Em todos os municípios da Localidade Alto Sertão Sergipano foi citada a existência de tais bandas. Ademais, nas diversas formas de expressão e celebrações identificadas foi também mencionada a participação das bandas de pífanos. As bandas apresentam-se em eventos culturais (quadrilhas, apresentações teatrais, sarais) e como acompanhamento de festas religiosas (São João, Ciclo Natalina, novenários de Festas de Padroado). As músicas consideradas tradicionais abordam temas religiosos, como Folia de Reis e Natal, geralmente aprendidas e fixadas de ouvido e memória, sem a redação de partituras. As músicas são entoadas apenas com a melodia, apesar de permitir, em algumas ocasiões, membros complementares para cantarolar as canções, as quais apresentam sempre temáticas vinculadas ao modo de vida e à cultura sertaneja e nordestina. A falta de apoio e incentivo por parte do Estado contrapõe-se ao reconhecimento do público, que é composto por crianças, jovens, adultos e idosos, que se animam bastante durante as apresentações. Em Gararu, a banda de pífano mais referenciada pela população local vem de tradição familiar, sendo composta por quatro integrantes e pelos seguintes instrumentos: dois pífanos, tambor e caixa de zabumba. Quando convidados, apresentam-se também nos povoados e municípios vizinhos. A frequência das apresentações é considerada baixa e irregular e não se constitui como relevante fonte de renda, embora haja previsto algum tipo de cachê. Quando questionado sobre os processos de transmissão da tradição, João Simão dos Santos informa que têm sido interrompidos por falta de motivação e interesse dos mais jovens em aprender a tocar e integrar a banda de pífano. Em Poço Redondo, há mais de uma banda de pífano, todas de tradição familiar. A de maior expressão é composta por membros de diversas gerações da família Vito, motivo pelo qual é conhecida como Banda dos Vitos. Além das canções tradicionais, o grupo também dedica-se a compor novas músicas que retratam o cotidiano e a história poço-redondenses. Todos os anos, compõem uma das atrações da Festa de Agosto, um dos mais tradicionais e populares festivais locais. Outra data agraciada é o dia de comemoração da emancipação política do município, quando a Banda dos Vitos percorrem diversas ruas cantando suas canções. O grupo não possui uma indumentária específica vinculada às apresentações, de modo que seus integrantes trajam vestimentas características do cotidiano sertanejo. A renovação e os processos de transmissão de saberes são hereditários e restritos aos membros da família. Já em Porto da Folha, a banda de pífano é composta por integrantes da zona rural, em sua maioria vaqueiros e lavradores. O cachê cobrado pelo grupo tem caráter simbólico e objetiva arcar apenas com os custos de transporte, tendo em vista que seus integrantes estão espalhados no interior do município. Suas vestimentas são simples e características do sertão nordestino. O município de Canindé de São Francisco conta com dois grupos tradicionais: a Banda de Pífano Flauta de Prata e a Banda de Pífano de Canindé de São Francisco Rosa Branca. A primeira é coordenada por José Maria Apolinário e conta com cinco integrantes, todos da própria cidade. Uma curiosidade a seu respeito, é que aprendeu a tocar pífano praticando em canos de abóbora com furos, por onde saía o som. Além de organizar a banda, produz instrumentos musicais, inclusive todos os que são utilizados pelo grupo. As suas flautas de pífano, feitas de plástico, são						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	03	12	F1-	11
--------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

	comercializadas em todo o Estado, e também em Alagoas e na Bahia. A banda Flauta de Prata é constantemente convidada a realizar apresentações durante festas religiosas e cívicas da cidade de Canindé e de outros municípios da região, como em Juazeiro do Norte, Aracaju, Maceió, Mata Grande, Poço Redondo, Canapi, Bom Jesus da Lapa, Cidade do Aleixo, Capela, dentre outros. Também é muito requisitada para se apresentar juntamente com grupos de forró de grande renome no cenário musical. A Prefeitura Municipal apoia o grupo com subsídios para a compra de figurinos e acessórios. Contudo, não há cachê para as apresentações realizadas dentro do município. O outro grupo da cidade é a Banda Rosa Branca, coordenada por José Antônio dos Santos, que também é o seu fundador. Interessou-se pela atividade ainda com nove anos de idade, quando presenciou uma apresentação da Banda de Pífaro Flautas de Ouro durante um evento de Cavalcada realizado na própria cidade de Canindé de São Francisco. A banda costuma apresentar-se em várias cidades, incluindo Aracaju, Laranjeiras, Gararu e Piranhas, esta última em Alagoas, contudo sua apresentação mais tradicional acontece na Cavalcada de Canindé, no mês de dezembro. Também são contratados pela Prefeitura Municipal para exibições em novenas e feiras locais. Atualmente, José Antônio teme pelo futuro da banda, tendo em vista a dificuldade em renovar os “tocadores” do grupo, os quais já estão com idade avançada.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-João Simão dos Santos_Borim, Alexandre_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Gararu-SE_24-10-2012_21m09s.wave				Nº521	Cf. Anexo 2
CONTATOS	João Simão dos Santos; Rogéria Gomes Dantas; Maria José Messias dos Santos; Antônio Carlos dos Santos				Nº6; 28; 55 E 57	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Mascarados				IDENTIFICADO		50
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período Pré-Carnavalesco	LUGAR	Sede do Município (Gararu)			
DESCRIÇÃO	Também conhecido como Caretas, o Mascarados é uma forma de festejo pré-carnavalesco bastante comum em municípios do interior de Sergipe. A manifestação teria sido introduzida em Gararu por intermédio de uma família local e não se sabe ao certo quando a brincadeira começou no município, ainda que existam registros fotográficos datados da década de 1950 que atestam que a mesma já era praticada por seus habitantes. Em sua execução, a manifestação se dá da seguinte forma: nos finais de tarde, os executantes da brincadeira se dirigem a lugares afastados ou com pouco movimento da sede do Município e vestem roupas, máscaras e luvas trazidas em sacolas ou mochilas que cobrem inteiramente seus corpos, de modo a preservar suas identidades em segredo; vestidos, os Caretinas, nome dado pela entrevistada Maria do Socorro Souza Santos aos executantes, se dirigem às ruas da sede para pregarem peças nos transeuntes por meio de pequenos sustos, mímicas e gestos caricaturais espontaneamente inventados no momento. Segundo José Pedro Souza Santos e Ronaldo Melo dos Santos, o vestuário utilizado varia de praticante para praticante, sendo normalmente uma mistura de roupas usadas pelos mesmos em seu cotidiano; as máscaras, geralmente compradas em lojas e confeccionadas em outros lugares, procuram representar monstros e animais grotescos; dentre a peculiaridade dos usos da manifestação por seus praticantes, se encontra o costume de fazerem da brincadeira oportunidade de se declararem por meio de mímicas e gestos a homens e mulheres que admiram e desejam. Em virtude das características específicas da manifestação, não existem organizadores encarregados da mesma. Anualmente seus executantes começam a aparecer nas ruas depois do dia de Santos Reis, em janeiro; estas características também auxiliam no caráter espontâneo e indistinto quanto a faixa etária encontrado em seus executantes habituais. Carlos Augusto Pereira Santos comenta que a única modificação percebida nesta forma de expressão ao longo dos anos se encontra no fato de que seus executantes gradativamente terem deixado de confeccionar as próprias máscaras, anteriormente feitas tanto com papelão, tinta e cola, quanto com argila retirada das margens do Rio São Francisco. Dentre as singularidades da manifestação no município perante manifestações similares que ocorrem em outros lugares, ressalta-se o fato de seus executantes cobrirem o corpo inteiro, a comunicação efetuada por meio de gestuário e mímica e a espontaneidade na criação de personagens sem papéis determinados. Por se tratar de manifestação espontânea, o poder público local não tem nenhuma relação com sua execução.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Mascarados_Souza, José_Gararu-SE-Década-de-2000_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Mascarados_Souza, José_Gararu-SE-Década-de-2000_02.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-José Pedro Souza Santos-Carlos Augusto Pereira Santos_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_16m19s.wave				Nº338, 339 E 528	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Maria do Socorro Souza Santos; Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº1, 2, 7, 8 E 9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Guerra de Cabacinha				IDENTIFICADO		51
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Primeiro final de semana de Fevereiro	LUGAR	Povoados São Mateus e Geripatuba (Gararu)			
DESCRIÇÃO	A Guerra de Cabacinha é uma das manifestações típicas encontradas em festejos pré-carnavalescos do interior sergipano, e se realiza há cerca de cinquenta anos por iniciativa dos moradores locais em Gararu, especificamente nos Povoados de Geripatuba e São Mateus. Segundo a entrevistada Gilzete Deolinda de Matos, a manifestação é uma brincadeira pré-carnavalesca que acontece nas ruas do Povoado de São Mateus durante a tarde do primeiro sábado de Fevereiro e se desenvolve por meio do arremesso de cabacinhas preenchidas com líquido pelos foliões, geralmente moradores do município e turistas, que participam da mesma, separados em dois grupos. Em virtude das circunstâncias específicas da manifestação, os a maioria dos participantes é composta de adolescentes e jovens do gênero masculino. Confeccionadas nos Povoados ou trazidas por comerciantes para serem vendidas, as cabacinhas são uma espécie de cápsula formada por parafina derretida de velas pintadas com tinta e preenchidas com líquidos injetados (água; água de esgoto; água sanitária; sucos etc.). Para a confecção das cabacinhas, utilizam-se o fruto da cabaça, parafina de vela, tinta guache e líquidos. Seu processo de produção passa pelas seguintes etapas: o fruto da cabaça é cortado para a retirada de suas sementes e imerso em água para a separação de seu líquido característico; retirada a água, a casca da cabacinha é seca e imersa em parafina de vela derretida de modo a formar uma fina casca quando seca; abre-se um buraco na cápsula para a injeção do líquido, buraco este fechado com parafina derretida; por fim, a cabacinha é pintada com tinta guache. No Povoado de São Mateus, a manifestação é sucedida por programação cultural noturna pautada por apresentação musical de bandas contratadas. Ao longo do dia de domingo, ocorrem o desfile dos blocos associados à manifestação (Bloco Aguenta Nós e Bloco Cachaça e Cia). Estes blocos costumam produzir indumentárias próprias e variadas a cada ano de realização do evento, sendo estas espécies de abadás. De acordo com a entrevistada, não há programação cultural semelhante na Guerra de Cabacinha que se realiza no Povoado de Geripatuba. Dentre as modificações ocorridas na manifestação ao longo dos anos citadas por Gilzete, se encontram: a mudança de data da Guerra da Cabacinha por meio de decreto municipal, sendo que anteriormente a manifestação ocorria durante os festejos de Santos Reis em Janeiro; a introdução da programação cultural e o acréscimo dos domingos aos festejos no Povoado de São Mateus. Ainda que varie de gestão para gestão, a Guerra da Cabacinha usualmente é apoiada pela prefeitura municipal da cidade por meio da sua divulgação como atração turística local e da contratação das bandas que se apresentam no Povoado de São Mateus. Dentre as dificuldades, a principal delas seria a má fé de parte de seus participantes, que usam líquidos nocivos à pele, o que tem causado transtornos e brigas entre os foliões.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Avenida-principal-do-Povoado-de-São-Mateus_Andrade, Carlos_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Guerra-de-Cabacinha_Souza, Eder_Gararu-SE_13-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Guerra-de-Cabacinha_Souza, Eder_Gararu-SE_13-02-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Guerra-de-Cabacinha_Souza, Eder_Gararu-SE_13-02-2012_03.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Gilzete Deolinda de Matos_Andrade, Carlos_Borim, Alexandre_Gararu-SE_25-10-2012_07m49s.wave					Nº305, 332, 333, 334 E 535	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Gilzete Deolinda de Matos					Nº10	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Quadrilha				IDENTIFICADO		52
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período Junino	LUGAR	Gararu; Poço Redondo; Porto da Folha			
DESCRIÇÃO	Contradança que teve influência dos salões parisienses, a quadrilha, antes de cair nos gostos populares e se tornar uma das maiores expressões do ciclo junino, passou pelos salões nobres do Brasil do século XIX. Já inserida nos festejos juninos, principalmente nos estados nordestinos, a quadrilha foi modificada quanto à música, à dança e à indumentária utilizada. A quadrilha no município de Gararu se destaca dentro do cenário da Localidade Alto Sertão Sergipano. Acontece há mais de 30 anos, mas foi em 1997 que se iniciou o concurso municipal envolvendo os grupos de quadrilha da sede e também dos povoados, momento no qual se destacou o grupo de quadrilha da sede chamado “Brega Chic”, que representou o município no concurso “Levanta Poeira” da TV Sergipe, afiliada da Rede Globo. Quando a “Brega Chic” acabou, houve ainda outro grupo chamado “Fogueira Acesa” que seguiu representando o município. Com o passar do tempo, o grupo Brega Chic retornou, embora com outro nome, chamado “Raízes do Sertão”, que em 2009 passou a ser composto por pessoas da sede e do povoado Oitero. Identificando a existência de outro grupo de quadrilha homônimo, resolveram por votação a alteração do nome para “Vida Nordestina”, que ainda hoje dá nome ao grupo. A diferença da quadrilha da sede para a dos povoados é marcante em termos de composição estética e coreográfica, pois aquela vem se adequando aos parâmetros de competição, e a dos povoados, a exemplo da de São Mateus, que se mantém com os passos, ritmos e marcações tradicionais. Atualmente as apresentações do grupo de quadrilha Vida Nordestina, como de outros grupos em categoria similar – vem se assemelhando mais a um espetáculo, pois, mais que uma dança, envolve desenvolvimento de tema com acentuada composição cênica. Como relatado por Carlos Augusto Pereira Santos, em um concurso de 30 minutos de apresentação, pelo menos metade do tempo é de mostra cênica, sobrando muito pouco tempo para a dança, como o xaxado, o xote, o baião, o passeio. As transformações podem ser vistas também na indumentária, pois, se antes a chita era tecido elementar na confecção dos vestidos, hoje sua utilização é vista de maneira pejorativa, expondo o grupo como alvo de “mangação”. A composição dos integrantes do Grupo Vida Nordestina não é fixo. Todos os anos realizam divulgação e mobilização, quando recebem novos e antigos integrantes. A partir desse momento discutem e definem o tema e promovem os ensaios. Este ano o grupo se apresentou com 43 componentes, predominantemente jovens. O grupo encontra dificuldade para manutenção das despesas oriundas da confecção de trajes e adereços. Como os integrantes não têm como custear, o grupo acaba ficando dependente do poder público. As quadrilhas de Poço Redondo acontecem há muito tempo, não sendo possível identificar sua origem, embora tal antiguidade não implique em forte apelo identitários, diferentemente de Gararu. A despeito do fenômeno de quadrilhas de competição que tem se disseminado pelo nordeste do Brasil, alterando vários aspectos tradicionais dessa forma de expressão, assim como em Gararu - como indumentária, música e marcação, - a quadrilha de Poço Redondo tem se mantido ao longo do tempo conservando as características originais, justamente por não participar e não ter que corresponder aos parâmetros impostos naquele processo. Por isso, vários elementos tradicionais permanecem, como a indumentária e os passos mais habituais, como “olha a chuva”; “olha a cobra” e jabaculê. Sua composição é restrita a dançarinos, marcadores e o trio, com a presença exclusiva da sanfona, da zabumba e do triângulo. A indumentária feminina é constituída por vestidos de chita e a masculina por calças com remendos e jaqueta, sandália e chapéu de couro. São os próprios integrantes que arcam com as despesas da quadrilha, da indumentária ao pagamento dos músicos, o que tem se constituído como dificuldade para sua viabilidade. Tentaram patrocínio do comércio, mas não tiveram resposta satisfatória, já que socialmente não há grande identificação coma prática. A quadrilha de Poço Redondo é organizada por membros da própria comunidade que guardam com a expressão cultural maior interesse. Em abril-antecedendo três meses o São João – começam a ensaiar. Nas escolas no período junino os professores também a promovem. Como no município de Poço Redondo não há festejos juninos de caráter oficial, a quadrilha costuma se apresentar nas escolas, praças e festas juninas de rua.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Apresentavam-se em municípios vizinhos, contudo como a de Poço Redondo não tem acompanhado as transformações das quadrilhas postas pela prática competitiva, tais apresentações tem acontecido em menor escala. Nos demais povoados também ocorrem, a exemplo do distrito de Santa Rosa, cuja quadrilha é promovida pela escola, constituindo-se também como “brincadeira informal”. Já no povoado de Lagoa do Rancho, em Porto da Folha, a quadrilha encontra-se inativa há cerca de 20 anos. O declínio ocorreu por não ter havido ninguém na comunidade disposto a dar continuidade à forma de expressão quando o responsável por sua organização se mudou para São Paulo. Atualmente acontecem somente quadrilhas preparadas nas escolas que não detém o mesmo alcance social da de outrora.				
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Carlos A. P. Santos-Ronaldo M. Santos-Jailton S. Melo_Borim, A._Andrade, C._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_27m47s.wave A-Baixo. São Francisco_Entrevista-Rogéria Gomes Dantas_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_12m04s.wave			Nº523; 565	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Carlos Augusto Pereira Santos (Gararu); Rogéria Gomes Dantas (Poço Redondo);			Nº9; 28	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Corrida de Barcos				IDENTIFICADO		53
					☒ SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa de Bom Jesus dos Aflitos e Navegantes (Janeiro) e Festa de Nossa Senhora da Saúde (Abril)	LUGAR	Rio São Francisco, Sede do Município e Povoado Oiteiro (Gararu)			
DESCRIÇÃO	A Corrida de Barcos consiste em uma competição de embarcações pesqueiras normalmente disputada durante as celebrações das festas religiosas de Bom Jesus dos Aflitos e Navegantes e de Nossa Senhora da Saúde, que ocorrem nas margens do Rio São Francisco respectivamente na Sede do Município e no Povoado de Oiteiro, em Gararu. De acordo com os entrevistados Ronaldo Melo dos Santos, Jailton Santos de Melo e Carlos Augusto Pereira Santos, as Corridas de Barcos que se dão no município são organizadas pela Colônia de Pescadores de Gararu e entre seus participantes se encontram pescadores residentes no município e em outros municípios ribeirinhos da região. As disputas são premiadas e divididas por categorias de barcos (barcos com um a cinco integrantes, dependendo de seu tamanho), sendo vencedor o barco que percorre primeiro um determinado trajeto pré-definido. Tanto o público quanto os pescadores interagem entre si por meio de apostas com dinheiro ou pequenos bens pessoais, sendo o evento considerado uma das grandes atrações das duas festividades religiosas. Os entrevistados também mencionam o fato de que a metragem de distância a ser percorrida e os locais de partida e chegada variam de uma festividade para a outra. A manifestação ocorre sem qualquer tipo de auxílio do poder público local.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-C. A. Pereira Santos-J. Santos de Melo_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_06m58s.wave				Nº534	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº7, 8 E 9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Banho de Cerveja				IDENTIFICADO		54
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Final de semana anterior ao Carnaval	LUGAR	Povoado Lagoa Redonda (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	O Banho de Cerveja é uma espécie de festejo pré-carnavalesco originariamente organizado por iniciativa espontânea de um grupo de amigos, residentes em Aracaju, que vinham ao Povoado de Lagoa Redonda, em Porto da Folha, durante o período de Carnaval para visitarem familiares e festejarem o feriado. De acordo com o entrevistado José Francisco de Melo, a manifestação ocorre há cerca de trinta anos no local e conta atualmente com uma programação que se desenvolve por três dias, sendo os dois primeiros dias (sábado e domingo) marcados pelas apresentações na Praça do Povoado de bandas de axé e forró contratadas em outros municípios. A manifestação decorre no terceiro dia (segunda-feira), a partir de cerca de 16 horas, e é caracterizada da seguinte forma: os participantes armazenam cerveja ou água (para as crianças) em baldes e garrafas plásticas e arremessam o líquido uns nos outros, enquanto se embebedam, socializam e dançam ao som de um trio pé de serra que anima a brincadeira; a brincadeira termina quando um caminhão-pipa com água passa em meio aos participantes para limpá-los. Entre os participantes da brincadeira se encontram turistas e habitantes do Povoado que se divertem independentemente de faixa etária. A manifestação conta com apoio da prefeitura municipal de Porto da Folha, que a auxilia com a divulgação e a contratação das bandas que se apresentam durante todo o evento. Dentre as variações registradas pelo entrevistado, se encontram o gradativo aumento do público participante e o aumento de datas de festejo de dois para três dias.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça-do-Povoado-Lagoa-Redonda_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_26-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-José Francisco de Melo_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_26-10-2012_08m10s.wave				Nº341 E 560	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Francisco de Melo				Nº23	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Crendices e Lendas de Jânio Delgado				IDENTIFICADO		55
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado Ilha do Ouro (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	Os registros da história e do imaginário acerca do Rio São Francisco e de seus habitantes devem muito à memória popular transmitida oralmente por gerações por meio de lendas e causos regionais. Nestes causos, se condensaram muitas das influências, formas de percepção e narração da vida cotidiana do local em seus mais variados aspectos ao longo dos séculos em que a região foi sendo povoada. No Povoado de Ilha do Ouro, município de Porto da Folha, Jânio Delgado da Silva é reconhecido pela comunidade local como renomado contador de causos. De acordo com o mesmo, as estórias que conta vieram da prática de estabelecimento espontâneo de rodas de conversa entre as crianças e os habitantes idosos do Povoado que existiam no local em sua infância. Era comum a formação destas rodas durante as noites no antigo cais do Povoado, onde os mais velhos costumavam contar suas estórias aos mais jovens com o objetivo de divertí-los ou assustá-los, prática que considera que deixou de existir com a disseminação do rádio na comunidade. No repertório de Jânio, constam causos envolvendo temas como lendas ribeirinhas regionais (Nego D'Água; Lobisomens; Assombrações), estórias de pescadores, casos amorosos ou envolvendo a religiosidade dos habitantes da comunidade, casos do Cangaço e histórias locais que diz ter presenciado. Segundo Jânio, a narração das estórias que conhece se dá de maneira espontânea e informal por meio do pedido de fregueses que frequentam o restaurante de propriedade de sua família, nunca tendo efetuado nenhum tipo de registro afora a prática habitual de memorização das mesmas. Ainda que reconhecido pela comunidade pelas estórias que conta, o entrevistado diz que jamais recebeu qualquer tipo de incentivo ou apoio à prática por parte dos poderes públicos locais. Completa que não repassou suas estórias a ninguém, por desinteresse dos habitantes mais jovens da comunidade oriundos da disseminação dos meios de comunicação em massa (rádio e televisão) no local.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-S. Augusta da Silva_Jânio Augusto da Silva_Andrade, C. Porto da Folha-SE_27-10-2012_20m31s.wave				Nº556	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Jânio Delgado da Silva; Sônia Augusta da Silva				Nº24 25	E	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Toada de Aboio				IDENTIFICADO		56
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Porto da Folha e Poço Redondo			
DESCRIÇÃO	O Aboio é uma expressão tipicamente praticada por gerações de vaqueiros nordestinos e originada de seu cotidiano de trabalho. Tendo em vista sua íntima relação com a atividade pecuária desenvolvida nas regiões sertanejas nordestinas e com o dia a dia dos vaqueiros locais, a existência desta forma de foi encontrada em Porto da Folha e em Poço Redondo. Nos pastos, o Aboio se caracteriza como uma espécie de toada formada por um canto arrastado, lento e sem palavras, utilizada pelos vaqueiros na condução do gado para currais ou pastagens. Como forma de exaltação da vida pastoril e de seu cotidiano, o Aboio também se expressa por meio de versos rimados, cantados sob a forma de repente por duplas de vaqueiros quando se encontram. Praticada no cotidiano de trabalho dos vaqueiros e repassada de geração em geração, a expressão também é executada sob a forma de versos quando do encontro de dois ou mais vaqueiros, que fazem uso de suas rimas em uma espécie de disputa bem humorada formada por provocações lançadas uns aos outros. Apresentada de maneira informal quando do encontro de vaqueiros ou em concursos, seus praticantes normalmente a executam portando a indumentária característica do vaqueiro da região, formada por vestuário inteiramente tecido em couro: luvas, calça, peitoral, chapéu e sapatos de campo com esporas. Ainda que o Aboio sob sua forma de versos esteja perdendo gradativamente espaço nas Festas de Vaquejada de Porto da Folha em virtude da diminuição de seus praticantes, a prefeitura local procura incentivar a manifestação e sua disseminação entre os mais jovens promovendo concursos esporádicos para seus praticantes durante os eventos culturais que se realizam na cidade. Roberto Christian de Oliveira Silva relata que os praticantes considerados como dotados de maior talento muitas vezes procuram gravar seus versos cantados com recursos próprios. Em Poço Redondo a expressão da Toada de Aboio é referenciada por Antônio Neto, também conhecido como “Boiador”, que possui canções gravadas em CD’s que são comercializados dentro e fora do estado de Sergipe. É bastante comum algumas delas serem conduzidas com outras melodias, principalmente de forró, mantendo-se apenas as letras tradicionais. Também muito apreciada pela população poço-redondense, as apresentações públicas são realizadas principalmente nas datas festivas do município, sendo a principal a Missa do Vaqueiro, realizada em setembro, assim como nas vaquejadas e nas “corridas de pega-boi” que ocorrem semanalmente na cidade e que são organizadas por uma associação de vaqueiros. A prefeitura de Poço Redondo patrocina muitos desses eventos e ainda contribui de outras formas. Por exemplo, o terreno onde ocorrem tais corridas foi doado à associação através da prefeitura. A preservação dos saberes da Toada de Aboio acontece espontaneamente uma vez que tais práticas estão intimamente relacionadas com o cotidiano sertanejo e são transmitidos de geração em geração.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Toada-de-Aboio_Silva, Roberto_Porto da Folha-SE_15-09-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Christian de Oliveira Silva_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_27-10-2012_04m56s.wave				Nº361 E 555		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Roberto Christian de Oliveira Silva; Rogéria Gomes Dantas				Nº13; 28		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Xaxado				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		57
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	O Xaxado é uma espécie de dança popular que se desenvolveu nas regiões sertanejas do Nordeste brasileiro, tendo sido encontrado em praticamente em toda Localidade do Alto Sertão Sergipano, com exceção de Gararu, município litorâneo ao Rio São Francisco. Em suas origens, a manifestação se relaciona diretamente ao modo de vida dos bandos de cangaço, tendo sido uma espécie de dança em que usavam suas espingardas como damas de acompanhamento na celebração de suas vitórias. Segundo a entrevistada Rogéria Gomes Dantas, os movimentos da dança são oriundos do contato tecido entre cangaceiros e as atividades dos plantadores de feijão na separação dos caroços durante a colheita do grão (pisotear os grãos e bater nos mesmos com varas para debulhá-los), sendo uma espécie de caricatura deste movimento. Sua execução costuma ser acompanhada pelo ritmo do forró ou do baião tocado por trios pé de serra, sendo caracterizada por passos simples laterais, para a frente e para trás, variando o número de passos de acordo com a modalidade praticada (Xaxado Tradicional, normalmente com dois passos; Xaxado Acelerado, contando-se quatro passos), tendo como marca distintiva o chiado do arrasto no chão das alpercatas de couro usadas por seus praticantes durante a dança. (Fonte: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=751&Itemid=1. Acesso em 29 de novembro de 2013). Em Poço Redondo, o Grupo de Xaxado Na Pisada de Lampião é um dos de maior referência no município, tendo sido fundado em 1997 por iniciativa do Departamento Municipal de Cultura. Atualmente, entretanto, o seu funcionamento é autônomo em relação à Prefeitura, sendo organizado pelos próprios participantes. Rogéria Gomes, uma de suas integrantes e que se iniciou na manifestação ainda adolescente, conta que o grupo se caracteriza pela execução da dança aliada à encenação da história de vida de Lampião, Maria Bonita e dos demais cangaceiros que os acompanhavam, sendo suas apresentações uma espécie de mistura coreografada entre as formas de expressão. Nelas, os praticantes se reúnem em uma roda, tendo nove mulheres de um lado e nove homens do outro e, ao centro, posicionam-se os intérpretes de Lampião e Maria Bonita. Desenvolve-se uma espécie de competição entre os executantes para decidir qual dos mesmos des envolve os passos mais graciosos de Xaxado Tradicional e Xaxado Acelerado. A indumentária é bem realista e retrata vestimentas e utensílios utilizados pelos cangaceiros. No dia 28 de julho, quando acontece a Missa do Cangaço, o grupo organiza uma apresentação na gruta onde supostamente Lampião foi morto, a qual é bastante apreciada pela população local e por visitantes de fora. Normalmente no Baixo São Francisco os grupos de Xaxado se apresentam em eventos culturais, festas religiosas, quadrilhas, ou como no caso de grupo Na Pisada de Lampião, em concursos de performance de manifestações típicas regionais em Poço Redondo e em outros municípios do Sertão do Nordeste. O grupo é muito bem visto pela comunidade local e constantemente procurado pelos mais jovens, que se interessam tanto pela manifestação quanto pelas oportunidades de viagem existentes quando se faz parte do mesmo, o que torna possível a constante renovação de seus integrantes. De acordo com a entrevistada, o poder público local procura auxiliar a manifestação por meio da divulgação do grupo como atração turística local, do convite para apresentações em festividades e do pagamento de cachês. Dentre as modificações ocorridas ao longo dos anos, destaque para o aperfeiçoamento das coreografias, por meio da introdução de ensaios constantes e a melhora da qualidade do figurino. No que tange a eventuais dificuldades vivenciadas pelos grupos, normalmente a falta de um apoio mais consistente, principalmente financeiro, de forma a custear viagens para apresentações pela região. Em Porto da Folha, não há nenhum grupo de xaxado, apesar da manifestação ser, por vezes, praticada espontaneamente por indivíduos da população. Atualmente, um grupo de seis casais estão se mobilizando para montar o primeiro conjunto de xaxado oficial da cidade. Eles buscam apoio da prefeitura local e outras formas de incentivos governamentais.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	No município de Canindé do São Francisco, a manifestação do Xaxado está vinculada à Quadrilha Arrastapé, evento que acontece no mês de junho. Entretanto, não há nenhum grupo oficial da cidade, de modo que ele acontece como uma forma de expressão espontânea da população. As apresentações seguem os paços tradicionais, assim como o figurino, que é simples e muitas vezes fabricado pela própria comunidade. Em alguns anos, há apresentações de grupos organizados de fora da cidade.					
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Xaxado_Dantas, Rogéria_Poço Redondo-SE_2011_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Xaxado_Dantas, Rogéria_Poço Redondo-SE_2011_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Xaxado_Dantas, Rogéria_Poço Redondo-SE_2011_03.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Rogéria Gomes Dantas_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_28m43s.wave			Nº390, 391, 392 E 574		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Rogéria Gomes Dantas; Maria José Messias dos Santos; Antônio Carlos dos Santos			Nº28; 55 E 57		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Casamento do Matuto				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		58
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	24 de Junho (Sede do Município); 29 de Junho (Povoado Curitiba)	LUGAR	Sede do Município, Povoado Curitiba (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	Conjugando elementos tradicionais do imaginário rural brasileiro, o Casamento do Matuto é uma espécie de bem humorada encenação de um casamento da roça que normalmente acontece durante o período do ciclo junino (Festas de Santo Antônio, São João e São Pedro). Entre os personagens envolvidos na encenação, devidamente caracterizados com figurinos caricaturais de habitantes típicos dos meios rurais brasileiros, se encontram: o casal de noivos, os pais dos noivos, o padre, o delegado e os policiais e a amante do noivo. Normalmente, a encenação se inicia com uma espécie de carreata animada que percorre as ruas do lugar onde ocorre, aonde os personagens, junto a trios pé de serra, são transportados em caminhões e seguidos pelo público, que acompanha o cortejo com carroças, cavalos e carros adornados com enfeites juninos até um local pré-determinado onde se realiza o casamento. Na Sede de Canindé de São Francisco, de acordo com a entrevistada Maria José Messias dos Santos, o Casamento do Matuto ocorre anualmente desde o fim da década de 1990, tendo sido inicialmente organizado por iniciativa de um grupo de amigos ali residentes. Atualmente, a prefeitura municipal fornece apoio à manifestação e seus organizadores por meio da contratação do trio de forró pé de serra que acompanha o cortejo, do fornecimento de garrafas de água ao público, da doação do vestuário aos intérpretes, das premiações e da confecção de camisetas alusivas ao evento. A encenação se dá no dia da Festa de São João (24 de Junho) e se inicia com a reunião dos personagens e do público que a acompanha a partir das 13 horas, no Bar do Seu Duca, partindo em carreata percorrendo as principais ruas da sede até a área de um restaurante local, onde é celebrado o casamento. Anteriormente, o casamento era celebrado em um posto de gasolina, alterado em virtude do gradativo aumento do público que a assiste nos últimos anos. Dentre as singularidades da manifestação em Canindé, são apontados: a realização de concursos com prêmios (cavalo mais bem enfeitado; personagem melhor caracterizado etc.); a introdução de mais um personagem, o Velho Chico, responsável por animar o público e os personagens por meio de piadas e brincadeiras; a mudança dos intérpretes dos personagens ao longo dos anos; a variação no personagem “amante do noivo”, ora sendo interpretado por uma mulher, ora sendo interpretado por um homem com trejeitos homossexuais caricaturais; a dimensão de espontaneidade e improvisação na execução da encenação, dado que a cada ano o final da encenação detém um enredo diferente (o noivo é forçado a casar; o padre foge com a noiva; o noivo foge com a amante etc.). Ainda que bem aceita pela comunidade local, que a assiste independentemente de faixa etária, Maria José relata que o principal problema na execução da manifestação consiste na variação dos intérpretes a cada ano. No Povoado de Curitiba, a encenação começou a ser anual há cerca de dez anos e também é organizada pela própria comunidade, contando com o apoio da prefeitura municipal para a contratação do trio pé de serra, do carro de som que acompanha o cortejo e na doação de parte do vestuário utilizado pelos personagens. Dentre as diferenças perante a festividade que ocorre na sede, se encontram: a data de realização do evento (dia 29 de Junho, durante os festejos de São Pedro); o trajeto percorrido pelo cortejo, que se inicia no Povoado, rumo ao Assentamento Mandacaru II e retorna à Praça do Povoado; a ausência do personagem Velho Chico.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-André França da Silva_Andrade, C._Carvalho, M._Canindé de São Francisco-SE_30-10-2012_06m59s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria José Messias Santos_Andrade, C._Carvalho, M._Canindé de São Francisco-SE_30-10-2012_13m36s.wave				Nº602 E 603		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS	André França da Silva; Maria José Messias dos Santos			Nº48 55	E	Cf. Anexo 4
DENOMINAÇÃO	Umbanda				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Porto da Folha e Poço Redondo		
DESCRIÇÃO	A Umbanda é uma das mais tradicionais formas de religiosidade popular desenvolvidas no Brasil. Os primeiros registros de sua prática datam de fins do século XIX e início do século XX. A Umbanda foi constituída pela sincrética relação tecida entre elementos oriundos do catolicismo, do espiritismo e de religiosidades afro-brasileiras como o candomblé e sua prática é conformada por meio de ritos de devoção a santos protetores (Orixás), obras de caridade e incorporações e trabalhos espirituais realizados por Pais e Mães de Santo para aqueles que comungam da fé ou que procuram seus iniciados em busca de auxílio em assuntos pessoais diversos. No Sítio Baixo São Francisco, ainda que tenham sido encontrados nas Localidades Foz do São Francisco/SE e Antigo Urubu de Baixo registros de práticas diretamente relacionadas às religiosidades formadas a partir do contato entre o catolicismo popular e ritos africanos, caso do Candomblé, ou manifestações culturais derivadas de sua singular ritualística, como o Maracatu, a Umbanda não chegou a ser referenciada como bem cultural singular nas mesmas. Esta manifestação, portanto, teve sua primeira aparição na Localidade Alto Sertão Sergipano, identificada como bem cultural relevante nos municípios de Poço Redondo e Porto da Folha. Em Poço Redondo, a Umbanda e seus ritos são praticados há mais de décadas. Normalmente, as sessões são realizadas nas terças-feiras (dia de Ogum), por se tratar do dia de celebração de seu Orixá protetor. Nos ritos são utilizadas indumentárias especiais como saia rodada branca, bata branca e torso na cabeça, variando as cores das vestimentas de acordo com o santo a ser celebrado. As sessões e celebrações religiosas especiais (Dias de Orixá) transcorrem por meio de cânticos e rezas acompanhados do som de atabaques que, segundo a entrevistada Marlene Alves de Melo, auxiliam na constituição de canais com o mundo espiritual que proporcionem a incorporação de espíritos e entidades solicitados para auxiliar os praticantes na resolução de questões pessoais. Os demais praticantes, homens e mulheres se situam em pé, separados e em frente uns dos outros, enquanto os rituais se desenvolvem. Entre os praticantes se encontram majoritariamente habitantes da própria comunidade; aqueles que atualmente residem em outros estados costumam comparecer às sessões comandadas pela entrevistada nos dias específicos de seus Orixás. No município, a Umbanda é mantida e sustentada inteiramente por intermédio de doações dos praticantes do culto e pequenos comerciantes locais, sem qualquer intervenção ou auxílio por parte dos poderes públicos. Os terreiros para a realização de sessões ocorrem em casas próprias ou em espaços cedidos em associações e cooperativas locais. Marlene Alves acredita que a principal mudança os ritos se deu na relação que a comunidade local mantém com suas práticas religiosas, anteriormente marcadas por desconfianças e preconceitos atualmente superados. Dentre as dificuldades destacam-se além da ausência de um espaço fixo que sirva de terreiro, a situação de dependência de doações para a prática da religião, o que implica em ocasional falta de materiais utilizados costumeiramente nos ritos. Em Porto da Folha, a umbanda é praticada de forma semelhante, seguindo a tradição regional há várias décadas. No entanto, a sociedade católica local, maioria absoluta da população, ainda enxerga a manifestação com muitas ressalvas devido ao preconceito racial e religioso que há muito se encontra enraizado na cultura local. Dessa forma, as manifestações de umbanda permanecem de forma clandestina e são marginalizadas nas ações e nos eventos oficiais do município. Por conta disso, a cidade nunca contou com um grupo que se autodeclarasse praticante da umbanda.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Marlene Alves de Melo_Andrade, Carlos_Poço Redondo-SE_29-10-2012_13m10s.wave			Nº583	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS	Marlene Alves de Melo; Antônio Carlos dos Santos	Nº39 57	E	Cf. Anexo 4
-----------------	--	------------	---	-------------

DENOMINAÇÃO	Bloco Zé Pereira			IDENTIFICADO		60
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Carnaval	LUGAR	Sede do Município (Canindé de São Francisco)		
DESCRIÇÃO	Zé Pereira é uma brincadeira carnavalesca caracterizada por um ou vários foliões tocando bumbos e desfilando por ruas em um determinado lugar. Algumas versões atribuem a denominação a um sapateiro português residente no Rio de Janeiro em meados do século XIX que teria formado um grupo carnavalesco. No entanto, alguns estudiosos afirmam que tal diversão já existia anteriormente em Portugal. De qualquer forma, ela teria se popularizado no cenário carioca e ganhado outras regiões do país ao longo dos anos. Em Canindé de São Francisco, o Bloco Zé Pereira é uma das atrações do Carnaval local, desde a antiga sede municipal, e festejado nas ruas da sede do Município e na Prainha de Canindé por meio de blocos culturais e particulares que desfilam animadamente ao som de bandas de frevo e axé locais ou contratadas em outros municípios. De acordo com a entrevistada Magalene Alves Santana, o Zé Pereira é organizado por integrantes da comunidade e sai nas quintas-feiras anteriores ao Carnaval, sempre partindo da casa de Dona Rosa, foliã e incentivadora do Bloco desde que o mesmo desfilava na antiga sede do Município (Canindé de Baixo). Seu desfile é caracterizado pelo uso de dois bonecos gigantes em meio aos foliões, pela prática do entrudo (arremesso de uma mistura de água, farinha e corantes naturais entre seus integrantes) e pelo acompanhamento de três bandas de frevo, em virtude da quantidade de foliões que desfilam no bloco. Além do frevo, a sonoridade do bloco é caracterizada pela execução de marchinhas temáticas marcadas pela facilidade de memorização, compasso binário, ritmo alternado e letras irônicas, engraçadas e de duplo sentido beirando o erotismo, em que o público acompanha dançando e cantando as músicas tocadas. As fantasias costumam ser confeccionadas pelos próprios foliões, fazendo uso de temáticas caricaturais e alegorias de monstros e lendas regionais. Segundo Magalene Alves, uma das distinções do desfile do Zé Pereira em Canindé se encontra na distribuição gratuita aos foliões de uma bebida com forte teor alcoólico por parte dos organizadores, bebida esta formada pela mistura de vários destilados. O Bloco Zé Pereira conta com apoio da prefeitura local, que incentiva a manifestação por meio da contratação das bandas de frevo que tocam em seu desfile. Dentre as alterações citadas pela entrevistada, se encontra o aumento do número de bandas que a acompanham em virtude da quantidade de foliões que desfilam no Bloco, passando de duas para três bandas.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Magalene Alves Santana_Andrade, C. Canindé-SE 30-10-2012 24m44s.wave			Nº598	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Magalene Alves Santana			Nº41	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.4. LUGAR

DENOMINAÇÃO	Grota do Angico				IDENTIFICADO		61
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Década de 1930 - Atual	LUGAR	Unidade de Conservação Estadual Grota do Angico (Poço Redondo; Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Grota do Angico é um sítio natural localizado dentro da Unidade de Conservação Estadual Grota do Angico e caracterizado por ser uma espécie de buraco em meio às formações rochosas existentes nas matas de caatinga da região. Ali se encontram dois crucifixos erguidos em memória ao bando de cangaço de Lampião, bem como uma placa fixada numa das rochas cujo texto descreve a importância histórica dos eventos que se ali tiveram lugar. Atualmente, encontra-se em meio a uma reserva ambiental estadual de proteção (Unidade de Conservação Estadual Grota do Angico) e é alvo de disputas jurídicas acerca da delimitação das áreas dos municípios de Poço Redondo e Canindé de São Francisco. De acordo com as entrevistadas Rogéria Gomes Dantas e Veranúbia Avelino Santana, além de sua importância natural, a Grota do Angico também detém importância simbólica, em virtude de ter servido de refúgio para Lampião e seu Bando de Cangaço sob a proteção do proprietário de então da fazenda aonde se situa. Segundo Rogéria Gomes, Lampião teria tomado gosto por essa paragem em virtude tanto da facilidade de acesso à água do Rio São Francisco quanto pela abundância de animais de caça existente em seu entorno. A Grota do Angico também foi o local onde Lampião e seu bando vieram a morrer em 1938, em confronto com tropas volantes formadas por trabalhadores agrícolas e pequenos proprietários voluntários de Alagoas. Seu acesso se faz tanto por terra, por meio de trilhas em meio à caatinga, quanto pelo Rio São Francisco, por barco, e é explorada pela indústria do turismo que se desenvolve nos municípios de Poço Redondo, Canindé de São Francisco e Piranhas (AL) por meio de passeios cujos roteiros têm a Unidade de Conservação como base. O local também é utilizado para a realização da Missa do Cangaço organizada pelo município de Poço Redondo em homenagem a Lampião e seu bando, servindo ainda como lugar de excursões escolares dos estudantes da região. Além da criação da Unidade de Conservação Estadual, dentre as intervenções identificadas se encontram: a retirada de um cruzeiro colocado no local pelas tropas volantes que mataram Lampião e seu bando em confronto, sendo substituída por duas cruzes em homenagem à memória do cangaceiro e de seus companheiros por meio de um processo judicial movido pelos familiares de Lampião; a fixação por parte do governo estadual de uma placa em homenagem à memória simbólica dos acontecimentos que ali se passaram. Veranúbia complementa que a Grota do Angico se situa em uma área de litígio jurídico entre este Canindé de São Francisco e Poço Redondo acerca da delimitação das áreas dos mesmos que ocorre há cerca de uma década. O litígio, segundo a entrevistada, impacta diretamente os habitantes das comunidades existentes no entorno do local, em virtude da indefinição constante acerca da atribuição de responsabilidades quanto ao provimento de serviços públicos, intervenções e construção de melhorias para a região por parte das duas prefeituras.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Grota-do-Angico_Dantas, Rogéria_Poço Redondo-SE_2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Grota-do-Angico_Dantas, Rogéria_Poço Redondo-SE_2012_02.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Rogéria Gomes Dantas_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_13m04s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Veranúbia Avelino Santana_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Canindé São Francisco-SE_30-10-2012_08m54s.wave				Nº388, 389, 576 E 604		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Rogéria Gomes Dantas (Poço Redondo); Veranúbia Avelino Santana (Canindé de São Francisco)				Nº28 E 50		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Feiras Populares de Comércio				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		62
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Segundas-Feiras (Porto da Folha e Poço Redondo); Terças e Quartas-Feiras (Gararu); Sábados (Canindé de São Francisco)	LUGAR	Praça da Matriz e ruas centrais, Sede do Município (Gararu); Sede do Município (Porto da Folha); Praça da Matriz, Praça do Mercado Municipal, Sede do Município (Poço Redondo); Sede do Município (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	As Feiras Populares de Comércio são importantes fontes de renda e obtenção de variados produtos para a subsistência diária na Localidade Alto Sertão Sergipano como um todo. Muitas vezes o principal meio de obtenção de utensílios, alimentos e roupas oriundos de outras regiões por parte dos habitantes dos municípios pesquisados, as feiras são parte importante da dinâmica do calendário e da sociabilidade cotidiana, em virtude de servirem tanto de espaço de encontro de habitantes que residem em povoados distintos quanto por serem momento propício para que estes resolvam eventuais questões burocráticas pessoais (pendências com a prefeitura, pagamento de contas etc.). Em Gararu, de acordo com o entrevistado Carlos Augusto Pereira Santos, a feira local ocorre semanalmente entre as noites das terças-feiras e manhãs das quartas-feiras nas ruas centrais da sede do Município, sendo esta divisão estabelecida para melhor atender tanto os moradores da sede (que realizam suas compras nas noites de terça) quanto os dos povoados (que realizam suas compras nas manhãs de quarta). Entre os feirantes, se encontram aqueles oriundos de outros lugares que comercializam gêneros alimentícios, utensílios e vestuários, e aqueles do próprio município, que comercializam peças de artesanato, carnes e derivados de leite. Dentre as alterações ocorridas na feira se encontram: a mudança da data semanal do evento de modo a proporcionar a vinda de mais feirantes, pois anteriormente ocorria aos domingos; e a transferência de seu local de realização, da Praça da Matriz para as ruas centrais do município em virtude da necessidade percebida ao longo dos anos de maior espaço para a sua realização. O poder público intervém e auxilia na feira por meio do convite para que os feirantes venham à mesma comercializar seus produtos, por considerar o evento importante tanto para a economia como para a dinâmica de utilização dos serviços públicos por parte dos habitantes dos povoados do município. Em Poço Redondo, a entrevistada Rogéria Gomes Dantas conta que a feira ocorre semanalmente na sede do Município durante as segundas-feiras, entre as 4 horas da manhã e as 2 horas da tarde, tendo por espaço a Praça do Mercado, a Praça da Matriz e as ruas nos entornos destes lugares. Como em Gararu, os feirantes também se dividem entre aqueles oriundos de outras regiões e aqueles residentes no município. Na feira comercializam-se gêneros alimentícios, temperos, peças de artesanato, utensílios domésticos, receitas medicinais locais e alimentos preparados na hora. A única mudança na feira citada pela entrevistada se encontra na transferência da data semanal de realização, dos domingos para as segundas-feiras, em virtude tanto da necessidade de se fornecer um dia de descanso semanal aos comerciantes locais quanto como forma de incentivar o aparecimento de mais feirantes. A prefeitura municipal também a considera importante e a apóia pelos mesmos motivos citados pelo entrevistado de Gararu. Em Porto da Folha e em Canindé de São Francisco, as feiras ocorrem na sede dos municípios, e acontecendo às segundas-feiras em Porto da Folha e aos sábados em Canindé de São Francisco, seguindo a mesma estruturação de Gararu e Poço Redondo.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Feira-de-Comércio-Popular_Carvalho, Maria_Gararu-SE_24-10-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Feira-de-Comércio-Popular_Carvalho, Maria_Gararu-SE_24-10-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Feira-de-Comércio-Popular_Andrade, Carlos_Poço Redondo-SE_29-10-2012.jpeg				Nº303, 304, 374, 375, 376, 541 E 579		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	F-Baixo São Francisco_Feira-de-Comércio-Popular_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_29-10-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Feira-de-Comércio-Popular_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_29-10-2012_02.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Carlos Augusto Pereira Santos_Andrade, Carlos_Borim, Alexandre_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-10-2012_10m59s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Rogéria Gomes Dantas_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_08m06s.wave		
CONTATOS	Carlos Augusto Pereira Santos (Gararu); Rogéria Gomes Dantas (Poço Redondo)	Nº9 E 28	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Praia de Genipatuba				IDENTIFICADO		63
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Décadas de 1990 e 2000	LUGAR	Povoado Genipatuba (Gararu)			
DESCRIÇÃO	A Praia de Genipatuba no município de Gararu era um local situado nas margens do Rio São Francisco, próximas ao Povoado de Genipatuba, formado a partir do acúmulo da areia existente na calha do rio neste trecho de seu percurso. Os bancos de areia tornaram-se local de lazer por parte da população do município e turistas que eventualmente visitavam a região, vindos principalmente de outros municípios de Sergipe e da região ribeirinha de Alagoas. O local se formou por impacto direto da construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Xingó (Canindé de São Francisco/SE) nos anos 1990, que, dentre suas consequências, ocasionou uma baixa permanente na vazão do Rio São Francisco nos trechos de seu percurso posteriores à barragem. Segundo os entrevistados José Pedro Souza Santos, Ronaldo Melo dos Santos, Jailton Santos de Melo e Carlos Augusto Pereira Santos, quando existente, a Praia de Genipatuba era frequentada assiduamente aos finais de semana por seus usuários para o lazer, a utilizando para tomar banho nas águas do Rio. Nestas ocasiões, mesmo sem qualquer intervenção ou política específica do poder público municipal direcionada ao lugar, se desenvolveu também intensa atividade comercial informal por parte de membros da comunidade, pautada pela montagem de pequenas barracas formadas por galhos de árvore e lona para a comercialização de bebidas e gêneros alimentícios aos banhistas que a frequentavam. A praia deixou naturalmente de existir em virtude da ocorrência de um período de regime de chuvas acima da média anual em meados da década de 2000 na região, acarretando uma maior vazão das águas do Rio São Francisco que forçou o deslocamento da areia ali então acumulada nos bancos para outros trechos de seu percurso.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jailton Santos_Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_08m31s.wave				Nº532	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº1, 7, 8 E 9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Praia de Lagoa Primeira			IDENTIFICADO		64
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐					
CONDICÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☒ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Décadas de 1990 e 2000	LUGAR	Povoado Lagoa Primeira (Gararu)		
DESCRIÇÃO	A Praia de Lagoa Primeira situava-se nas margens do Rio São Francisco, próxima ao Povoado de Lagoa Primeira, município de Gararu, formada a partir do acúmulo da areia existente na calha do rio neste trecho de seu percurso. Os bancos de areia tornaram-se local de lazer por parte da população do município e turistas que eventualmente visitavam a região, vindos principalmente de outros municípios de Sergipe e da região ribeirinha de Alagoas. O lugar se formou por impacto direto da construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Xingó (Canindé de São Francisco/SE) nos anos 1990, que, dentre suas consequências, ocasionou uma baixa permanente na vazão do Rio São Francisco nos trechos de seu percurso posteriores à barragem. José Pedro Souza Santos, Ronaldo Melo dos Santos, Jailton Santos de Melo e Carlos Augusto Pereira Santos comentam que, quando existente, a Praia de Lagoa Primeira era frequentada assiduamente aos finais de semana por seus usuários para o lazer, utilizando-a para tomar banho nas águas do rio. Nestas ocasiões, mesmo sem qualquer intervenção ou política específica do poder público municipal direcionada ao local, se desenvolveu também intensa atividade comercial informal por parte de membros da comunidade, pautada pela montagem de pequenas barracas formadas por galhos de árvore e lona para a comercialização de bebidas e gêneros alimentícios aos banhistas que a frequentavam. A praia deixou naturalmente de existir em virtude da ocorrência de um período de regime de chuvas acima da média anual em meados da década de 2000 na região, acarretando uma maior vazão das águas do Rio São Francisco que forçou o deslocamento da areia ali então acumulada nos bancos para outros trechos de seu percurso. De acordo com os entrevistados, suas areias foram deslocadas para as proximidades da Serra da Tabanga, tendo se formado uma praia neste lugar.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jailton Santos_Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_08m31s.wave			Nº532	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos			Nº1, 7, 8 E 9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Buraco de Maria Pereira				IDENTIFICADO		65
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Século XIX - Atual	LUGAR	Serra da Tabanga (Gararu)			
DESCRIÇÃO	O local conhecida como Buraco de Maria Pereira é uma gruta que se situa na Serra da Tabanga, município de Gararu, em meio a grutas que surgiram naturalmente dentre suas formações rochosas. Chega-se ao local tanto por terra, em caminhadas de cerca de uma hora e meia em trilhas, quanto pelo Rio São Francisco, em quarenta minutos por meio do transporte de lanchas. Carlos Augusto Pereira Santos comenta que há registros de que a região onde se situa o Buraco de Maria Pereira tenha servido de abrigo a exploradores e colonizadores que por ali passavam em suas viagens durante o período colonial. Ronaldo Melo dos Santos cita que o nome dado ao lugar, Buraco de Maria Pereira, é oriundo de uma lenda local, na qual Maria Pereira teria sido uma mulher que imigrara de Pernambuco com seu esposo para essas paragens em período indeterminado entre o século XIX e o início do século XX em virtude das secas que castigam o sertão nordestino e ali teria residido e criado seus filhos mesmo diante da resistência oferecida pela mata selvagem e pelos proprietários de terra da região. A comunidade reconhece essa lenda como espécie de símbolo dos habitantes da região, associando-a em seu imaginário a valores como a perseverança e a coragem do sertanejo nordestino. O Buraco de Maria Pereira também é reconhecido pela sua beleza natural e pela singularidade de ali se formarem quedas d'água propícias para o banho nos períodos de chuva. Os entrevistados dizem que não houve nenhum tipo de intervenção ocorrida no local por iniciativa do poder público local.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jailton Santos_Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_08m31s.wave				Nº532	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº1, 7, 8 E 9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Trilha do Diogo				IDENTIFICADO		66	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Povoado João Pereira (Gararu)				
DESCRIÇÃO	A Trilha do Diogo se inicia no Povoado João Pereira, em Gararu, e seu percurso passa por outros lugares simbólicos e referenciais do município, como o Buraco de Maria Pereira e a Serra da Melancia. Os entrevistados José Pedro Souza Santos, Ronaldo Melo dos Santos, Jailton Santos de Melo e Carlos Augusto Pereira Santos afirmam que a origem de seu nome é desconhecida pelos habitantes do município. Contudo é reconhecido pela comunidade em virtude da beleza das paisagens naturais por onde passa, ainda que parte de seu trajeto esteja sendo alvo de desmatamento descontrolado praticado por proprietários de terras para a formação de pastos. A trilha é conservada pelos próprios residentes de suas imediações, sendo comum ter de pedir aos proprietários das terras por onde passa que abram seu caminho com facão em virtude de boa parte dela se encontrar em meio das matas naturais da região do município. Ainda que os entrevistados considerem o local como sendo dotado de forte potencial para o desenvolvimento de roteiros de ecoturismo, não há nenhum tipo de intervenção ou divulgação dos locais por parte da prefeitura municipal local.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-C. A. Pereira Santos-J. Santos de Melo_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_13m33s.wave				Nº533	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº1, 7, 8 E 9	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Serra da Melancia				IDENTIFICADO		67	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Década de 1970 - Atual	LUGAR	Povoado Monte Alegre (Gararu)				
DESCRIÇÃO	A Serra da Melancia está situada a cerca de um quilômetro de distância do Povoado de Monte Alegre e é reconhecida pelos habitantes de Gararu tanto pela beleza de suas paisagens naturais quanto pela celebração anual de uma romaria a uma Capela erguida no local nas Sextas-Feiras da Paixão. De acordo com os entrevistados José Pedro Souza Santos, Ronaldo Melo dos Santos, Jailton Santos de Melo e Carlos Augusto Pereira Santos, a romaria da Serra da Melancia teve início nos anos 1970 por iniciativa individual de um padre belga residente em Arapiraca (AL) que considerava que a população da região vivia imersa em hábitos pecaminosos. Normalmente é assistida pelos moradores do próprio município, além de turistas da região que a utilizam como forma de pagamento de promessas por dádivas individuais obtidas. O local também é considerado como tendo forte potencial turístico, em virtude da vista privilegiada da paisagem regional ali existente. Os entrevistados afirmam que não existe qualquer tipo de apoio da prefeitura à romaria, tampouco nenhum tipo de intervenção executada pela mesma nessas paragens.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-C. A. Pereira Santos-J. Santos de Melo_Andrade, C._Borim, A._Carvalho, M._Gararu-SE_24-10-2012_13m33s.wave				Nº533	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	José Pedro Souza Santos; Ronaldo Melo dos Santos; Jailton Santos de Melo; Carlos Augusto Pereira Santos				Nº1, 7, 8 E 9	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Praia do Oitero				IDENTIFICADO		68
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado Oitero (Gararu)			
DESCRIÇÃO	A Praia do Oitero, município de Gararu, tem um dos melhores banhos de água doce da baía do São Francisco. É formada por uma piscina de água natural e cristalina, muito propícia para o banho e para o turismo ecológico. Foi formada por processo erosivo e sua existência é sazonal, vulnerável aos períodos de seca e cheia do rio. A modalidade turística desenvolvida é apenas local e regional, pois o grande potencial do lugar - como de outros similares na região - é ofuscado pela divulgação e visibilidade direcionada apenas aos cânions de Canindé. Há bares nas praias, cujos donos pagam para proprietários dos terrenos nos arredores da praia, que coíbem o acesso à mesma. Não há política ambiental de conservação. Moradores locais desenvolveram o projeto “Verão limpo; mais alegria” em parceria com a colônia de pescadores e associação cultural, reunindo jovens e estudantes para a limpeza de toda a extensão da praia, do povoado do Oitero até a sede em Gararu. Não obstante, mesmo com a atividade voluntariada, o poder público municipal deixou de cumprir com sua atribuição, que correspondia à doação dos tonéis de lixo e preparação da parte visual para conscientização.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praia do Oitero_Carvalho, M_ Gararu-SE_25-11-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Praia do Oitero _Carvalho, M_ Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Praia do Oitero Extensão_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg				Nº323; 324; 325	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Carlos Augusto Pereira Santos; Jailton Santos de Melo; José Pedro Souza Santos; Ronaldo Melo dos Santos				Nº1; 7; 8; 9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ilha do Ouro				IDENTIFICADO		69
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Século XIX - Atual	LUGAR	Povoado Ilha do Ouro (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	O Povoado de Ilha do Ouro tem suas origens em meados do século XIX, tendo sido um dos primeiros lugares habitados na área do município de Porto da Folha em virtude de se situar às margens do Rio São Francisco. O local recebeu esta denominação em decorrência direta do cultivo de arroz que se desenvolvia nas antigas fazendas que existiam em suas imediações nas margens alagadiças do Rio; de acordo com os entrevistados Roberto Christian de Oliveira Silva, Jânio Delgado da Silva e Sônia Augusta da Silva, nos períodos imediatamente anteriores à colheita do cereal, suas folhas adquiriam uma tonalidade dourada, vindo daí a origem de seu nome. Em sua história, o local se desenvolveu a partir das atividades relacionadas à pesca e à rizicultura, que entraram em decadência nos anos 1990 em virtude da construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Xingó. Segundo os entrevistados, a construção da barragem teve como consequência direta a diminuição da vazão do rio na área do povoado, resultando tanto no fim do alagamento das áreas anteriormente usadas para a rizicultura quanto na escassez de determinadas espécies de peixes anteriormente encontradas na região. Atualmente, o Povoado de Ilha do Ouro subsiste por meio das atividades de pesca, do comércio de bares e restaurantes e do turismo, em virtude de se localizar em área propícia para banhos no Rio São Francisco. Dentre seus frequentadores habituais, se encontram habitantes do município e turistas vindos de municípios de outras regiões de Sergipe que visitam o local nos finais de semana. O local também é utilizado para a travessia de pessoas, animais e veículos pelo Rio São Francisco por meio de balsas que atracam em suas margens. A prefeitura municipal fez intervenções recentes nas margens do rio, constituindo-a como espécie de orla para atividades de lazer para seus visitantes e para a comunidade. O povoado também sedia eventos culturais relacionados às festividades do município, sendo o local da cidade onde se realiza a Festa de Bom Jesus dos Navegantes.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Orla-do-Povoado-Ilha-do-Ouro_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_27-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla-do-Povoado-Ilha-do-Ouro_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_27-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-S. Augusta da Silva_Jânio Augusto da Silva_Andrade, C._Porto da Folha-SE_27-10-2012_20m31s.wave				Nº353, 354 E 556		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Roberto Christian de Oliveira Silva; Jânio Delgado da Silva; Sônia Augusta da Silva				Nº13, 24 E 25		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Quilombo Mocambo				IDENTIFICADO		70
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ocupação secular	LUGAR	Porto da Folha			
DESCRIÇÃO	O Quilombo Mocambo – Povoado de Santa Cruz – pertence ao Município de Porto da Folha, às margens do Rio São Francisco. Trata-se de comunidade composta por cerca de 114 famílias, tendo sido a primeira comunidade quilombola de Sergipe oficialmente reconhecida pela Fundação Cultural Palmares. Tem como principais atividades econômicas a pesca e a agricultura. Segundo informações do INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-, a população do Mocambo reside no local há mais de um século e tem história semelhante à da formação de outras populações remanescentes de quilombo, tendo sido formado a partir de ex-escravos refugiados do trabalho duro na exploração da cana de açúcar na região do Vale do Cotinguiba. O relatório antropológico de Mocambo, pela Fundação Cultural Palmares (FCP) destaca que a comunidade foi encontrada pela primeira vez por uma comitiva do Imperador Dom Pedro II que passeava pelo rio São Francisco. Titulada como Quilombo desde o ano 2000, o processo de reconhecimento remonta ao conflito de terra na região datado de 1992, quando um fazendeiro, para o qual trabalhavam as famílias quilombolas, colocou o gado sobre a plantação de arroz, prejudicando a colheita na qual os trabalhadores tinham direito à cota parte (de três sacas produzidas, tinham direito a uma). Diante disso, como afirmam os entrevistados Maria das Virgens Santos e Apolinário Acácio dos Santos, houve revolta dos negros, a partir da qual ganharam visibilidade que deu início ao processo de titulação e reconhecimento que, em 2010, concluiu com a posse de terra em caso inédito no Brasil, por desapropriação de propriedades particulares para comporem oficialmente o território quilombola. Questionados sobre as mudanças ocorridas desde então, informam que houve melhora significativa, concenrente, antes de tudo, à própria subsistência. Apolinário Acácio dos Santos afirma: <i>“antigamente plantava e só tinha direito de comer em casa, não podia tirar na roça. A divisão era três por um. A cada três sacas, retirava uma e duas eram do fazendeiro. E não podia tirar antes da colheita. “tinha que roubar o que você plantava”</i>. Dispondo da propriedade da terra - que é comunitária -, cada família é hoje responsável e colhe o que planta, podendo apropriar-se por inteiro do próprio trabalho.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Mocambo _Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_26-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja Mocambo_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_26-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Associação Mocambo_Andrade, C_Porto da Folha-SE_26-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco-Entrevista Maria das Virgens I_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_50m43s.wave				Nº348; 349; 350; 547		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Maria das Virgens Santos; Apolinário Acácio dos Santos				Nº16; 20;		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Comunidade Indígena Ilha de São Pedro				IDENTIFICADO		71
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ocupação Secular	LUGAR	Porto da Folha			
DESCRIÇÃO	A terra original dos antepassados do povo Xocó é a Caiçara, que se situa ao lado da Ilha de São Pedro, município de Porto da Folha. Essas terras foram arrendadas e apossadas pelos fazendeiros com o consentimento da Igreja Católica. Com o declínio das missões, foram submetidos pela força bruta dos fazendeiros locais. Diante dessa coação, parte da tribo migrou para Alagoas em Porto Real, vindo a se juntar aos Cariri, compondo lá o grupo Cariri-Xocó. Outra parte do grupo étnico Xocó seguiu para a Ilha de São Pedro, território que havia sido ocupado pelos antigos missionários capuchinhos, mas que, na ocasião, encontrava-se desocupado. O marco da reconquista e retomada da terra é referendado no dia 09 de setembro de 1979, data em que realizaram a travessia da Caiçara para a Ilha. Após perseguições de posseiros locais, conseguiram, com o apoio da Igreja, nas pessoas de Dom José Brandão de Castro, Frei Enoque e Frei Roberto - que estabeleceram mediação com o governo em favor dos indígenas - a desapropriação da Ilha de São Pedro e sua posse. (Fonte: http://funai.alagoas.blogspot.com.br/p/indios-de-sergipe.html, acesso: 26 abr. 2013). Em momento seguinte, decidiram reivindicar a Caiçara, terra na qual os antepassados nasceram e se criaram e onde hoje se encontra o Ouricuri e o antigo o cemitério do Sabuco. Relata o cacique Luciomário Apolônio Lima sobre a passagem de Dom Pedro I pela Ilha, onde se hospedou por motivos de força maior. Ao ouvir os índios cantarem no Ouricuri antigo, convocou-os para dançarem e cantarem para ele, e, por gratidão, doou uma “<i>leve pá de terra</i>” que foi oficialmente documentado: era a Caiçara. A existência dessa documentação respaldou os indígenas no processo de reivindicação e reconquista oficial e definitiva do território. O decreto nº 401/91, de 23/12/1991, homologou a Caiçara, que, anexada à Ilha de São Pedro, passou a constituir a terra indígena da etnia Xocó. A atividade econômica na ilha é composta, sobretudo, pela agricultura, pela pecuária e pela pesca de subsistência. A produção excedente é comercializada. A dificuldade da prática agrícola decorre dos longos períodos de seca e à falta de técnica e conhecimentos especializados para adequação do plantio ao clima. A prática da cerâmica já foi fonte de renda, porém atualmente encontra-se inativa.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Ilha de São Pedro I_Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco Comunidade Ilha de São Pedro_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_29-10-12.jpeg A-Baixo São Francisco-Entrevista Luciomário Apolônio_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_53m42s.wave				Nº345; 346; 546	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Luciomário Apolônio Lima				Nº19	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ouricuri				IDENTIFICADO		72	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ocupação Secular	LUGAR	Porto da Folha				
DESCRIÇÃO	O Ouricuri situa-se no território indígena do Povo Xocó, na antiga Caiçara, município de Porto da Folha. Trata-se de espaço físico redescoberto há pouco tempo, em um processo de resgate e retomada das tradições numa perspectiva afirmativa e emancipatória, já que haviam perdido no passado os contextos materiais e sociais para atualização cotidiana de suas práticas tradicionais. Em função disso, preferem manter o conteúdo do Ouricuri restrito aos Xocós, não sendo permitida a presença das pessoas de fora nem tampouco o acesso a informações aprofundadas sobre esse locus sagrado e sede de prática social tradicional. Levam as crianças, os jovens e os idosos e ouvem relatos e ensinamentos do pajé, líder espiritual. Há o momento espiritual- onde buscam o Deus por eles chamados de landeru- o Deus Tupã. No Ouricuri unem todos os moradores da ilha, de todas as faixas etárias, onde realizam a corrente de fé evocando os homens de bem que passaram pela aldeia, recebendo o banho espiritual. O Ouricuri é o terreiro, espaço onde acontece o ritual do Toré e demais práticas que reforçam os vínculos sociais e os laços comunitários.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco-Entrevista Luciomário Apolônio_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_ 53m42s.wave				Nº546	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Luciomário Apolônio Lima				Nº19	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Sítio Arqueológico do Charco				IDENTIFICADO		73	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☒ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Década de 1980	LUGAR	Zona Rural (Poço Redondo)				
DESCRIÇÃO	Localizado na zona rural do município de Poço Redondo, em meio à trilha que leva à Cachoeira de Bom Jardim no Vale do Rio Jacaré, o Sítio Arqueológico do Charco se situa em uma lagoa e somente é acessado nos períodos de estiagem, quando suas águas secam. De acordo com a entrevistada Rogéria Gomes Dantas, os trabalhos arqueológicos e a delimitação do sítio se iniciaram em fins da década de 1990 por iniciativa de arqueólogos vinculados à Universidade Federal de Sergipe (UFS), quando ali foram encontrados fósseis de animais que viviam na região há cerca de 9000 anos. Ainda que inicialmente expostos para visitação da comunidade nas escolas locais, não foi precisado se os fósseis ainda se encontram no município ou foram recolhidos pelas equipes da UFS para estudos aprofundados.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Rogéria Gomes Dantas_Carvalho, M._Poço Redondo-SE_28-10-2012_05m32s.wave				Nº578	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Rogéria Gomes Dantas				Nº28	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cachoeira de Bom Jardim				IDENTIFICADO		74
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período de chuvas (abril a setembro)	LUGAR	Zona Rural (Poço Redondo)			
DESCRIÇÃO	A Cachoeira de Bom Jardim, situada a 8 quilômetros da sede do município, no vale do Rio Jacaré, é uma das principais atrações naturais de Poço Redondo. De acordo com a entrevistada Rogéria Gomes Dantas, trata-se de uma queda d'água e de um lago, formado em meio a paredões de rochas (quartzo) durante o percurso do Rio Jacaré, dentro da Fazenda Bom Jardim. Ainda que detenha potencial turístico, em virtude da possibilidade de banhos de cachoeira e da beleza da paisagem natural da região onde se situa, o local é considerado de difícil acesso por conta dos aclives e declives de sua trilha. Segundo a informante, a cachoeira serviu de locação para um filme rodado na região entre 2010 e 2011 sobre a história local do cangaço.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Cachoeira-de-Bom-Jardim_Dantas, Rogéria_Poço Redondo-SE_Década-de-2000.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Rogéria Gomes Dantas_Carvalho, M._Poço Redondo-SE_28-10-2012_05m32s.wave				Nº393 E 578		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Rogéria Gomes Dantas				Nº28		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Comunidade Quilombola Serra da Guia				IDENTIFICADO		75
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ocupação secular	LUGAR	Poço Redondo			
DESCRIÇÃO	A comunidade rural da Serra da Guia localiza-se a sudoeste da sede do município de Poço Redondo. Com datação imprecisa, é possível afirmar que ocupação seja de origem secular, tendo se iniciado na parte íngreme da serra e se estabelecido no vale ao longo do tempo. Remanescente dessa ocupação primeira é o cemitério que se localiza no cume da serra e que, com a presença de uma pequena igreja cercada por cruzeiros de madeira, é hoje referência espacial para as celebrações religiosas. Segundo Josefa Maria da Silva Santos, a Serra da Guia é hoje ocupada por cerca de 177 famílias reconhecidas pelo INCRA, e têm a agricultura de subsistência como principal atividade econômica. O reconhecimento como comunidade quilombola veio em 2004 com a titulação atribuída pela Fundação Cultural Palmares. Ao fato se atribui as melhorias pelas quais vem passando o povoado, que recebeu recentemente conjunto de 84 casas e melhoria nos sistemas educacionais e de saúde. Não obstante, falta ainda água encanada, e o abastecimento é feito por carro pipa. As casas originalmente construídas em taipa vêm sendo progressivamente substituídas por casas de tijolos. Não há conflito de terra na região no que concerne a confrontos direitos entre as famílias do povoado e os fazendeiros locais, embora se afirme que parte do território ocupado originalmente tenha sido expropriada pelos mesmos. Após de uma disputa pela terra de modo “suave” e sem “luta de morte”, os quilombolas da Serra da Guia aguardam o decreto da presidência para a reintegração de posse e a ocupação definitiva da terra que lhes é de direito.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista Josefa Santos I_Carvalho, M; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-12_11m32s.wave				Nº567	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Josefa Maria da Silva Santos				Nº30	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Praia de Currallinho				IDENTIFICADO		76
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Século XIX - Atual	LUGAR	Povoado Currallinho (Poço Redondo)			
DESCRIÇÃO	A Praia de Currallinho se situa na região ribeirinha do município de Poço Redondo, no Povoado de Currallinho. De acordo com os entrevistados Rogéria Gomes Dantas e José Beserra de Souza, o povoado e a praia devem seus nomes ao fato de que até meados do século XIX, quando começou o povoamento dessa paragem, a mesma servia de curral de uma antiga fazenda de pecuária. O local é considerado propício para a realização de atividades de lazer, como os banhos no Rio São Francisco, aos finais de semana e feriados por parte dos habitantes do município e de turistas. A praia também serve como atracadouro de barcos de pescadores que moram no povoado, sendo a pesca, junto ao pequeno comércio de bares e restaurantes, a principal fonte de renda dos moradores locais. O local também é utilizado para a realização de travessias e viagens pelas águas do rio. A Praia de Currallinho é conhecida tanto pelos festejos carnavalescos como pelas festividades religiosas que ali se desenvolvem. Rogéria Gomes completa que a prefeitura municipal tem projetos de intervenção na praia visando transformá-la em uma orla, ainda não executados devido a pendências referentes a licenças ambientais em processo de aprovação por parte do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praia-de-Currallinho_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Praia-de-Currallinho_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_02.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Rogéria Gomes Dantas_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012_08m32s.wave				Nº368, 369 E 577		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Rogéria Gomes Dantas; José Beserra de Souza				Nº28 E 35		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Canindé de Baixo				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		77
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Até a década de 1980	LUGAR	Canindé de Baixo (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	O lugar conhecido como Canindé de Baixo era a antiga sede do Município de Canindé de São Francisco, sendo o primeiro povoado historicamente formado no mesmo. Formado por 134 edificações, entre residências majoritariamente erguidas com a técnica do pau-a-pique, casas comerciais e repartições públicas, Canindé de Baixo subsistia por intermédio das atividades de pesca e pecuária que ocupavam a maior parte de sua população. Além de ter sido o centro administrativo do município, tinha como locais de destaque sua Igreja Matriz e a capela em homenagem ao culto a Padre Cícero, onde ocorriam as festividades religiosas. Considerada área de risco de inundação durante a construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Xingó, Canindé de Baixo foi evacuado a pedido da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) na década de 1980, que se encarregou de negociar a retirada dos moradores, a edificação de novas residências na atual sede do Município e o pagamento de indenizações. Ainda que jamais tenha sido inundada, o lugar foi quase que inteiramente demolido pela CHESF para a construção de alojamentos para os operários que trabalharam nas obras da Barragem. Nos últimos anos, foi ocupado irregularmente para a formação de condomínios habitacionais, surgidos depois que os alojamentos deixaram de ser utilizados pela Companhia. Das edificações anteriormente existentes, apenas duas ainda permanecem nos dias atuais: o prédio do antigo posto de saúde do município e o cemitério.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Tereza Raquel Carvalho Santos_Andrade, C._Carvalho, M._Canindé de São Francisco-SE_30-10-2012_13m12s.wave				Nº600	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Tereza Raquel Carvalho Santos				Nº47	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Fazenda Mundo Novo				IDENTIFICADO		78
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1978 - Atual	LUGAR	Zona Rural (Canindé de São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Fazenda Mundo Novo se situa na região rural do município de Canindé de São Francisco, a 32 quilômetros de sua Sede, e foi adquirida em 1978 por seu atual proprietário com a finalidade original de desmatá-la para formar pastos para a atividade pecuária. Seu é de inspiração de seu atual proprietário, que assim a batizou em virtude da beleza da paisagem natural da região aonde se situa. Conforme relatado pelo entrevistado Luiz Neto da Silva, durante vistorias na área da fazenda, o proprietário se deparou com um conjunto de pinturas e desenhos inscritos em rochas, acreditando inicialmente que se tratava de marcações efetuadas por caçadores que atuavam na região. Instigado por amigos, o proprietário convidou arqueólogos ligados ao Museu Arqueológico de Xingó (MAX) para efetuarem estudos acerca destas gravuras e desenhos, tendo sido constatado que as mesmas datam das primeiras ocupações migratórias humanas ocorridas na região, há cerca de 9 mil anos. Nos trabalhos de registro e catalogação das pinturas e desenhos, a equipe de arqueologia do Museu delimitou cinco sítios arqueológicos naturais (não escavados) dentro da propriedade, ainda utilizados nos dias atuais para aulas de campo dos alunos do curso de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Em virtude do achado arqueológico, da paisagem natural, bem como das histórias regionais que atestam que Lampião e seu bando de cangaço teriam passado pela propriedade, o atual proprietário tem investido nos últimos anos no potencial turístico do local por meio da construção de acomodações para turistas.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Luiz Neto da Silva_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Canindé de São Francisco-SE_30-10-2012_07m39s.wave				Nº599	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Luiz Neto da Silva				Nº46	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Prainha de Canindé				IDENTIFICADO		79
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Década de 1980 - Atual	LUGAR	Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	A Prainha de Canindé está situada nas margens do Rio São Francisco dentro da área do município de Canindé de São Francisco, formada pelo acúmulo de areia em bancos oriundos da calha do rio. De acordo com a entrevistada Magalene Alves Santana, o lugar era originalmente ocupado por pescadores da região ribeirinha do município para suas atividades de subsistência, servindo de atracadouro para barcos de pesca. Com a construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Xingó, entre fins da década de 1980 e início da década de 1990, e a consequente diminuição da vazão e da força da correnteza do Rio em sua área, começou a ser utilizado pelos habitantes locais de baixa renda como espaço de lazer nos finais de semana para a prática de banhos. Ademais, sedia parte dos festejos carnavalescos do município, sendo ponto de concentração e festejo de trios elétricos. Segundo Magalene, a prefeitura municipal tem intervido no local visando regularizar a construção de barracas para a comercialização de bebidas e alimentos assim como por meio de campanhas educativas de conscientização ambiental aos banhistas quanto à destinação do lixo que produzem. Há também projetos para a construção de uma orla no local, ainda não executados.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Prainha-de-Canindé_Souza, Eder_Canindé de São Francisco-SE_14-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha-de-Canindé_Souza, Eder_Canindé de São Francisco-SE_14-02-2012_02.jpeg A-Baixo São Francisco_Magalene Alves Santana_Andrade, C._Canindé-SE_30-10-2012_24m44s.wave				Nº413, 414 E 598		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Magalene Alves Santana				Nº41		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.5. OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Doces de Umbuzeiro			IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		80
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado São Matheus (Gararu), Sede do Município (Poço Redondo)		
DESCRIÇÃO	Fonte de alimento tanto para os habitantes nos períodos de estiagem quanto para a criação pecuária que se desenvolve na Localidade Alto Sertão Sergipano, os produtos (frutos e raízes) extraídos dos umbuzeiros nas matas da região sertaneja (extração vegetal não cultivada) são caracterizados pela alta quantidade de água encontrada, oriunda de suas propriedades de retenção do líquido, e pela alta concentração de proteínas vegetais e carboidratos tanto em seus frutos quanto em suas raízes, o que os tornam ingredientes típicos para a criação de doces de cocada e em conserva pelas doceiras da região pesquisada, principalmente em Gararu e Poço Redondo. Seu preparo detém as seguintes etapas: se inicia descascando as batatas com facas, lavando-as em água corrente, para posteriormente serem raladas e espremidas com o uso de um liquidificador, tendo por objetivo virarem uma espécie de massa pastosa; à massa formada pelo processo anterior, é acrescido e misturado o açúcar e o cravo, para finalmente ser levada para cozimento no fogão em panelas de alumínio por cerca de trinta minutos, em que a doceira mexe a massa com uma colher de pau visando verificar a consistência da mesma até um ponto ótimo, variando o tempo de cozimento de acordo com a quantidade do doce a ser produzida; por fim, o doce é retirado da panela e colocado em uma forma até que esteja resfriado, onde é repartido em pequenos blocos para serem vendidos. Em Gararu, o doce de cocada de batata de umbuzeiro, muito apreciado por sua população e por turistas, é comumente preparado e encontrado nos povoados mais afastados da região ribeirinha do município, devido à maior incidência da planta nestas áreas. De acordo com a entrevistada Maria Cleide Freitas Santos, doceira residente no Povoado São Mateus, em sua receita, seu doce de cocada tem como ingredientes a batata de umbuzeiro, extraída pela própria entrevistada das raízes da planta existentes nas matas da região, o açúcar e o cravo. Em Poço Redondo, a entrevistada Maria José Torquato do Santos, relata que não prepara mais o doce de cocada de batata de umbuzeiro. Isso ocorre em virtude de ter aprendido em cursos de capacitação acerca do alto impacto ambiental da extração do tubérculo, dado que sua coleta acarreta na morte da planta e poderia criar uma situação de risco de rarefação da existência da mesma em uma região em que o umbuzeiro é importante fonte de alimentação dos habitantes e das criações de pecuária existentes do município. Quanto ao doce de compota de umbu, Maria José relata que os ingredientes são: o fruto do umbu, açúcar e cravo. Seu processo de preparo é o que se segue: primeiramente, o fruto é cozido em panela com água para ser amolecido de modo a possibilitar a retirada das sementes e coado com coador para retirar o excesso de líquido; após ser coada, é acrescida e misturada à massa o cravo e o açúcar na panela; após esta etapa, mexe-se a massa com colher de pau até que o mesmo atinja a consistência considerada ideal; por fim, o doce é despejado em vasilhames de vidro, e lacrados para serem comercializados. Maria José diz ter aprendido as receitas tanto do doce em conserva quanto do doce de cocada por intermédio de um frei residente no município, que lhe repassou as mesmas após as ter aprendido em viagens que efetuou na região há cerca de cinco anos; passou as executá-las como forma de complemento de renda familiar, tornado-se posteriormente a fonte de renda exclusiva de sua família em virtude de problemas de saúde que lhe impossibilitaram de continuar a exercer sua anterior ocupação de bordadeira. Quanto à obtenção dos ingredientes, conforme relatado acima, os desmatamentos ocorridos nos arredores de Poço Redondo para a formação de pastos para a criação de gado e o alto impacto ambiental da extração das raízes de umbuzeiro para o preparo dos doces, coletadas por seu filho, fizeram a entrevistada desistir de prepará-lo, concentrando-se na produção de doces usando outras matérias-primas (mamão e frade) como forma de continuar a exercer o ofício de doceira.					
REGISTROS	F-Baixo	São	Francisco_Doce-de-Cocada-de-Batata-de-	Nº307,	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Umbuzeiro_Borim, Alexandre_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Cleide Freitas Santos_Andrade, Carlos_Borim, Alexandre_Gararu-SE_25-10-2012_04m52s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Torquatro Santos_Andrade, C._Poço Redondo-SE_28-10-2012_18m52s.wave	540 E 572	
CONTATOS	Maria Cleide Freitas Santos (Gararu); Maria José Torquatro do Santos (Poço Redondo)	Nº11 E 36	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de Escultores em Madeira do Alto Sertão Sergipano				IDENTIFICADO		81
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Cotidiano	LUGAR	Gararu, Porto da Folha, Poço Redondo, Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	O Ofício de Escultores de Madeira foi fortemente referenciado e destacado nos municípios que compõe a Localidade Alto Sertão Sergipano, diferentemente das Localidades Foz do São Francisco e Antigo Urubu de Baixo. Nesses últimos dois foram identificados somente o senhor Manoel, apelidado como Pateta, e reconhecido pela comunidade de Neópolis como o maior mestre canoeiro da região, além do Mestre Canoeiro e Artesão Evânio Rodrigues de Melo, em Nossa Senhora de Lourdes. Ambos voltam suas atividades ao ofício de esculpir miniaturas de canoas e embarcações visto a proximidade e influência do Rio São Francisco. Já no Alto Sertão Sergipano, são artefatos que vinculam principalmente a vida do vaqueiro como carros de boi e votos esculturais decorrentes de promessas. No Povoado do Oitero, em Gararu, há um mestre de ofício cuja especialidade é o trabalho com a madeira. Conta que começou o trabalho aos 14 anos observando um antigo mestre. O primeiro objeto que criou foi uma tesoura de madeira pela qual recebeu muitos elogios. Desde então, Seu Eronildo começou a acompanhar o mestre e a desenvolver trabalhos artesanais com a madeira, criando carros de boi, esculturas (votos esculturais decorrente de promessas); e casas de taipa. Hoje, com 76 anos, por limitações postas pela idade, não desenvolve mais o ofício. No Morro do Cruzeiro, em Gararu, é possível encontrar alguns ex-votos feitos por ele. Em Porto da Folha, destaque para o artesão localmente conhecido como Giba, que esculpe a madeira. Entre os objetos produzidos por ele, estão os votos escultóricos supracitados, pelos quais recebe muitas encomendas, sobretudo, no período da festa da Padroeira Nossa Senhora Conceição. Já em Poço Redondo foi referenciado o artista, Antônio Francisco da Silva, conhecido como Mestre Tonho, que começou a esculpir a madeira há aproximadamente 40 anos. Não aprendeu observando nem tampouco por tradição familiar. Seu ofício representa, antes de tudo, uma história de superação e de redenção pela arte, já que ele voltou-se para a produção de escultura para escapar das privações provocadas pelo desemprego. A madeira utilizada é a imburana, e a consegue na região, com os troncos já caídos, não havendo dificuldade para adquiri-la. José Reginaldo de Mendonça, Seu Reginaldo, morador de Canindé de São Francisco, começou a trabalhar com a madeira há onze anos atrás. Lembra que um dia, voltando do Mato Grosso, viu em uma parada de estrada umas esculturas em madeira. Achou muito bonito e pensou que um dia faria também. Há onze anos, começou sozinho esculpindo dois bonecos e depois um pássaro. Resolveu expô-los na feira e conseguiu vender. A madeira que usa para esculpir é a imburana, em troncos já caídos. É encontrada na região, na mata de um empresário, mas nem sempre de maneira fácil. Os principais instrumentos que utiliza são o escopo para talhar; a faca, a furadeira, cola e lixas. Informa que não há mercado interno, pois em Canindé de São Francisco não há divulgação ou um local onde os artesãos possam colocar suas obras a venda. Os turistas que vêm do litoral para visitar os cânions passam por fora da cidade e não permanecem. O comércio de sua produção acontece praticamente uma vez ao ano, quando participa de feira em Aracaju.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Cruz Povoado Oitero_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-12.jpeg F-Baixo São Francisco_Eronildo Marques_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Cruzeiro_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Votos Escultóricos_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Esculturas Madeira_Carvalho, Maria Poço				Nº317; 318;319; 320;370; 371;372; 373; 515; 552; 566		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Redondo-SE_28-10-12.jpeg F-Baixo São Francisco_São Jorge Madeira_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-12-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Totem Madeira_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-12-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Esculturas Madeira_Carvalho, Maria_Poço Redondo-SE_28-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Eronildo Marques de Oliveira_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-10-2012_27m15s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jose Ailton Braga_Andrade, C._Carvalho, M._Porto da Folha-SE_27-10-2012_30m02s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista Antonio Francisco Silva_Carvalho, M; Andrade, C Poço Rendodo-SE_28-10-2012_40m11s.wave		
CONTATOS	Eronildo Marques de Oliveira; José Ailton Braga (Porto da Folha); Antônio Francisco da Silva; Reginaldo Mendonça dos Santos	Nº4; 18; 29; 44	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Culinária de Peixes do Alto Sertão Sergipano				IDENTIFICADO		82					
	☒ SIM		☐ NÃO									
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO											
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA											
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado Oiteiro (Gararu), Povoado Ilha do Ouro (Porto da Folha), Povoado Curitiba (Canindé de São Francisco)								
DESCRIÇÃO	Um dos pilares da economia de subsistência da região ribeirinha desde o período colonial, a pesca no Rio São Francisco é também responsável pelo desenvolvimento de uma rica culinária formada a partir dos produtos obtidos nesta atividade. Mesmo diretamente afetada pela rarefação de determinadas espécies anteriormente comuns na região, em virtude da construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Xingó nos anos 1990, a culinária local, embasada em pratos de peixe cozido (moquecas) ou frito, ainda tem no preparo de pescados uma de suas principais marcas distintivas. Em Gararu, Porto da Folha e Canindé de São Francisco, os pratos preparados a partir dos produtos da pesca são comumente encontrados na sede do município ou em seus povoados ribeirinhos. Segundo o entrevistado Luís Melo dos Santos, em sua receita, a Moqueca de Peixe tem como ingredientes: pimenta dedo-de-moça, cebola vermelha, tomate, coentro, leite de coco industrializado, sal e peixe (tucunarés, tilápias e traíras). Quanto ao Peixe Frito, os ingredientes utilizados pelo entrevistado são: farinha de trigo, limão, sal e peixe (piauí). Em Porto da Folha, a entrevistada Sônia Augusta da Silva costuma preparar e servir tanto a Moqueca quanto o Peixe Frito com outro prato de acompanhamento: o Pirão de Peixe. Quanto aos ingredientes, a principal variação verificada pelos entrevistados se encontra na não utilização de determinadas espécies de peixe (surubim, dourada de escama, camuri, mandim, pirá e niquinha) e do camarão de água doce (pitu) em seus pratos. Isso ocorre em virtude da rarefação destes na região devido tanto ao impacto da construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Xingó sobre a vazão do Rio São Francisco na região quanto à prática de modalidades predatórias de pesca por parte dos pescadores locais. Tais condições também alteraram a forma de compra dos pescados, em função de atualmente ter de se obter peixes criados em viveiros na área de Xingó ou da Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso (BA) e que anteriormente eram obtidos nos próprios municípios.											
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Culinária-de-Peixes_Andrade, Carlos_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Culinária-de-Peixe_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_27-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Luís Melo dos Santos_Andrade, Carlos_Borim, Alexandre_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-10-2012_28m28s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Sônia Augusta da Silva_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_27-10-2012_15m30s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Feitosa_Andrade, C._Povoado Curitiba-SE_30-10-2012_15m22s.wave				Nº308, 355, 527, 554 E 592	Cf. Anexo 2						
CONTATOS	Luís Melo dos Santos (Gararu); Sônia Augusta da Silva (Porto da Folha); Maria José de Sá Feitosa (Canindé de São Francisco)				Nº12, 25 E 49	Cf. Anexo 4						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Bordado em Ponto de Cruz do Alto Sertão Sergipano				IDENTIFICADO ☒ SIM NÃO		83
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Cotidiano	LUGAR	Gararu, Porto da Folha, Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	Enquanto matéria-prima, são necessários o pano étamine (que já possui quadradinhos onde o bordado deverá ser feito), linha de diversas cores e agulha. A técnica baseia-se na confecção de pontos transversais abertos nos “quadrados” do pano, começando sempre da direita para a esquerda, para, em seguida, retornar cruzando tais pontos no sentido inverso. A bordadeira realiza pontos (cada ponto corresponde a uma cruz) de modo a reproduzir o desenho que observa na “mostra” ou modelo que objetiva alcançar. Os resultados ilustram flores, animais, nomes próprios e variados desenhos. O bordado é utilizado em enxovais, artigos de decoração e até peças de vestuário. Em Gararu, o Ponto de Cruz com avesso perfeito é uma especialidade. Trata-se de técnica em que o avesso do ponto cruz caracteriza-se pela inexistência de alinhavos na parte de traz do tecido, o que lhe dá forte apelo estético e de alta qualidade. Este é tido como um dos pontos mais minuciosos desse tipo de bordado, o qual é conseguido graças ao cruzamento da linha nos dois lados do pano étamine. A técnica foi divulgada no município em 2001 por meio de uma oficina do SEBRAE e desde então incorporado à prática das mulheres que já trabalhavam com o bordado. O nicho de mercado é a linha bebê, com a produção de toalhinhas, babador etc, cujo acabamento é feito com o crochê. Após a divulgação feita pela feira cultural do município, as encomendas aumentaram. Não obstante, não se constitui como fonte de renda principal, tampouco ofício; trata-se de atividade complementar e que produz renda de mesma natureza. A venda é feita por encomenda, regra esta quebrada quando há previsão de alguma feira, para a qual produzem estoque antecedente. Na rua de cima, em Porto da Folha, número expressivo de mulheres produz o bordado de Ponto de Cruz. A prática, comumente aprendida e incorporada ainda na infância, se estende por todas as faixas etárias, e se constituiu como fenômeno social que caracteriza a vida cotidiana nesta região da cidade. Atividade predominantemente feminina, a maioria das mulheres aprendeu observando, ou, conforme o dito local, “curiando” as mães e irmãs mais velhas bordarem. Diariamente, após o cumprimento do serviço doméstico, as mulheres se dirigem às calçadas da rua, onde, entre a passada de um ponto e outro do bordado, vão fiando o tecido e a conversa. A atividade se estende durante todo o ano, sendo interrompida apenas no período das festas do final de ano. Conforme o depoimento de Gisele Ramos da Silva, as bordadeiras param do dia 24 de dezembro até 1º de janeiro, e retornam dia 2 do mesmo mês, cujo ciclo encerra-se novamente naquele dia 24. Com a renda subsidiária advinda com o bordado, vestem as crianças e a família e compram os remédios. Embora pouca, é essencial à economia doméstica. Não há mercado consumidor local. A venda acontece por meio de atravessador, que revende a mercadoria em outras regiões do país. Uma toalha de mesa produzida num intervalo de tempo que leva de duas a três semana - e que sai com custo bruto de produção em torno de 35 reais - é comercializada pelas produtoras por 50 reais, que desconhecem o valor da revenda final. Em Canindé de São Francisco, há artesãs cuja especialidade é o Ponto de Cruz. Aprenderam o bordado ainda na infância. Há cerca de oito anos fizeram um curso pelo SEBRAE através do qual aprimoraram a técnica, produzindo o avesso perfeito. Mas embora tenha sido feito por muitas pessoas, Maria Auxiliadora Melo de Brito e Almerinda Filgueira dos Santos contam que poucas deram continuidade, sobretudo pela dificuldade de venda do produto. Complementam que sempre houve promessa em relação à criação de um centro de artesanato no qual os artesãos poderiam colocar suas mercadorias à venda, contudo isso nunca aconteceu. Embora seja uma cidade turística, investe-se pouco na potencialização de geração de renda de modo desconcentrado e voltado para os artesãos do lugar. Vendem exclusivamente por encomenda.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Bordado Ponto Cruz_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-11-12.jpeg				Nº314; 315; 316; 359; 360;		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	03	12	F1-	11
	F-Baixo São Francisco_Bordado Ponto Cruz Detalhe_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-11-12.jpeg F-Baixo São Francisco_Bordado Ponto Cruz Averso Perfeito_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-10-12.jpeg F-Baixo São Francisco_Rua de Cima I_Carvalho, M_Porto da Folha-SE_27-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Rua de Cima II_Carvalho, M_Porto da Folha-SE_27-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_ Ponto Cruz_Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Bordado Entrevista_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco -SE_30-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria do Socorro Souza Santos_Borim, Alexandre_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Gararu-SE_24-10-2012_06m01s.wave A-Baixo São Francisco-Entrevista Gisele Ramos Silva_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_17m50s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista Almerinda dos Santos; Maria Auxiliadora de Melo Brito_Carvalho, M; Andrade, C_Canindé-SE_30-10-2012_30m40s.wave	384; 401; 520; 549; 590					
CONTATOS	Maria do Socorro Souza Santos; Gisele Ramos da Silva; Maria Auxiliadora Melo de Brito; Almerinda Filgueira dos Santos	Nº2; 17; 42; 43				Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de Parteira				IDENTIFICADO		84
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Cotidiano	LUGAR	Ilha do Ouro (Porto da Folha), Serra da Guia (Poço Redondo)			
DESCRIÇÃO	Nas zonas rurais, em comunidades afastadas e com acesso dificultado aos centros urbanos, grande parte dos nascimentos foi e ainda é executado por parteiras, mulheres especialistas na condução do parto cuja base do conhecimento é eminentemente empírico. São figuras bastante respeitadas e reconhecidas nas comunidades de origem e região, que além de fazerem a mediação na passagem do ser da vida intrauterina para o mundo, são responsáveis também por acalantar, acalmar e dar conforto às mães nos momentos de aflição e dor. Na contemporaneidade, o conhecimento dessas mulheres contrapõe-se aos métodos da medicina ocidental, sobretudo a brasileira, que cada vez mais tem procedido com a medicalização e a desnaturalização do ato de parir, o que incorre em altíssimos índices de partos do tipo cesariana. Mestras da vida, são madrinhas que carregam ao longo de suas histórias inúmeros afilhados, mães de segunda ordem, que apesar de não darem a luz, é por meio delas que se vem à vida. Josefa Maria da Silva Santos, a Zefa da Serra da Guia, em Poço Redondo, é parteira há 54 anos e uma das mais requisitadas no município. Começou a fazer o parto com 11 anos. Conta que chegou a uma casa em que havia uma mulher sofrendo em vias de parir. Foram atrás da parteira, mas a encontraram bêbada. Não restando outra alternativa, acabou realizando o trabalho de parto da mulher e, desde então, não parou mais. Conta que são mais de 5.000 partos realizados até hoje sendo que desses nunca houve uma morte sequer, nem de mãe, nem de filho. Quando a mulher passava algum problema durante o parto, usava de chás e ervas como tratamento medicinal, a exemplo dos chás de crista de galo e de folha da aroeira. Também faz uso de rezas. Nos exames de pré-natal, verifica se a mulher tem passagem ou não para o bebê e, caso não tenha, encaminha com antecedência para a cidade, para que o parto seja realizado no hospital por meio de cesariana. Dona Zefa faz parte de uma rede de parteiras e é também reconhecida por alguns profissionais do ramo da saúde, embora o corporativismo profissional tenha criado cada vez mais barreira para o exercício do ofício. Não obstante, Dona Zefa conta com uma maternidade em casa e com todos os equipamentos e métodos de higiene necessários para o exercício responsável da profissão. Dona Zefa transmitiu seus conhecimentos a uma pessoa que já veio a falecer. Já no município de Porto da Folha, o ofício é referenciado por uma de suas maiores executoras, Antônia Rosa Dias, moradora do povoado da Ilha do Ouro, que é parteira há quase quarenta anos. Herdou da avó e da mãe o dom, embora não as tenha acompanhado no ofício, já que perdeu a mãe aos onze anos de idade. Já casada e sendo mãe, vendo as mulheres passarem pela dor pela qual já tinha passado sem nenhum tipo de assistência profissional, resolveu acudi-las. O primeiro parto aconteceu com um marido batendo-lhe na porta de casa pedindo ajuda para a esposa que entrara em trabalho de parto. Após receio inicial e pedindo ajuda a Nossa Senhora da Conceição, dirigiu-se à casa onde a mulher, com sua ajuda, deu a luz. Desde iniciado o ofício, aos 22 anos, nunca aconteceu de ver morrer nascituro ou a mãe. Já perdeu a conta de quantos partos fez, mas tem estimativa em mais de dois mil. Tem 28 anos de carteira assinada como parteira, tendo feito estágio em Glória, momento a partir do qual se profissionalizou, aprimorou o conhecimento obtido de modo empírico e espontâneo, e adquiriu métodos e recursos de auxílio na execução dos partos. Informa que diminuiu muito a incidência de partos realizados por parteiras ou mesmo de partos naturais, pois, além de haver acesso mais efetivo aos hospitais e postos de saúde, <i>“nem as mulheres querem mais sofrer como já sofreu, nem os médicos querem ter trabalho”</i>. Sobre os inúmeros partos realizados, o reconhecimento advindo se manifesta quando se senta na porta de casa <i>“na cadeirinha para tomar fresquinho de noite”</i>, e não passa um menino ou homem indo para a escola que não lhe dê a benção, <i>“- bença tia, bença vó, bença mãe Tonha, bença madrinha”</i> e ela responde <i>“-Deus abençoe meu filho, Deus abençoe todos”</i>, e é com isso que tem <i>“o maior prazer na [sua] vida”</i>! O último parto que realizou foi há três anos.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco-Entrevista Antônia Rosa_Carvalho, M; Nº551; Cf. Anexo 2						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Andrade, C_Ilha do Ouro-Porto da Folha-SE_27-10-2012_20m59s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista Josefa Santos II_Carvalho, M; Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-2012_42m18s.wave	568	
CONTATOS	Antônia Rosa Dias (Porto da Folha); Josefa Maria da Silva Santos (Poço Redondo)	Nº15; 30	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Corda de Croá e Sisal			IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		85
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Cotidiano	Lugar	Mocambo (Porto da Folha), Serra da Guia (Poço Redondo)		
DESCRIÇÃO	Até cerca de vinte anos atrás, a comunidade quilombola do Mocambo, município de Porto da Folha, foi produtora de uma corda tecida com a fibra do croá, espécie de fibra vegetal típica do interior cearense, posteriormente substituída pelo sisal. O processo de produção envolvia um carretel com três rodinhas, por meio do qual se tecia a corda. Produziam-se cordas de espessuras variadas e para usos diversos, para serem usadas em animais e até navios. Vendiam também a corda para Aracaju, onde se produzia artesanatos e acessórios femininos. O croá, matéria prima inicial para confecção das cordas, vinha de Itabaiana e podia ser encontrado em três tipos: o croá lavado; croá pubo; e o croá cru, que vinha conforme coletado. Neste caso, era necessário remover as folhas e espinhos, aproveitando somente o caule, sendo comum nesta etapa o ferimento das mãos. Após lavá-lo e batê-lo para amaciar, deixavam-no ao sol para secar, quando já podia ser utilizado. Posteriormente o croá foi substituído pelo sisal. Atualmente não se produz mais as cordas na comunidade, tendo sido encerrada há cerca de vinte anos atrás. Questionada sobre o porquê, a entrevistada Maria das Virgens Santos é contundente em dizer que as pessoas não querem mais trabalhar. A prática de tal ofício ocorre também na comunidade quilombola da Serra da Guia, de Poço Redondo, onde a matéria-prima é cultivada pelos próprios artesãos.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco-Entrevista Maria das Virgens II_Andrade, C; Carvalho, M_Porto da Folha-SE_26-10-2012_05m10s.wave			Nº548	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria das Virgens Santos; Rogéria Gomes Dantas			Nº20 28	E	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Derivados de Leite de Porto da Folha				IDENTIFICADO		86
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoados Rurais (Porto da Folha)			
DESCRIÇÃO	A atividade pecuarista desenvolvida no Baixo São Francisco data suas origens do período colonial, no qual a região ribeirinha do Rio São Francisco se consolidou enquanto importante entreposto comercial nas rotas de tropeiros que se dirigiam ao interior e ao sul do Brasil, em virtude do uso destas áreas para a criação de gado e de animais de corte para a subsistência local e o abastecimento de outras regiões povoadas da colônia. Na histórica atividade pecuarista desenvolvida na região, principalmente em Porto da Folha, a extração de leite do gado e a confecção artesanal de derivados do mesmo se destacam como importantes meios de subsistência regional até os dias atuais, como a produção do Queijo Coalho, manteiga e doce de leite. Para a produção do Queijo Coalho utilizam-se os ingredientes leite de vaca, sal e coalho, sendo este último uma espécie de enzima comumente encontrada no leite que é responsável pelos processos de coagulação e fermentação do queijo. Seu processo produtivo decorre a partir das etapas a seguir: seleção do leite extraído em fazendas da região mediante processo de aferição de seu teor de acidez, sendo selecionados aqueles em que se encontram os menores teores; o leite selecionado é depositado em vasilhames de aço e misturado ao coalho para ser coagulado e fermentado; a mistura é quebrada e repartida de modo a retirar os excessos de resíduos, para então ser adicionado o sal; por fim, coloca-se a massa em formas para que sejam prensadas no formato de queijo. Na produção de Manteiga, os ingredientes utilizados são: gordura de leite de vaca, água e sal. Em seu preparo, ocorrem as seguintes etapas: separa-se a gordura do leite por meio de desnataadeiras, adicionando-se água à gordura, que é resfriada por um dia; no dia seguinte, a mistura é coada para retirar excessos de resíduos e adiciona-se o sal; a mistura é batida manualmente até a mesma adquirir um ponto ótimo de consistência e então engarrafada. Quanto ao Doce de Leite, são empregados leite de vaca, açúcar e ovos. Seu processo de preparo detém as seguintes fases: os ingredientes são misturados e colocados no fogo em panelas de alumínio; a mistura é mexida com colheres até atingir um ponto ótimo de consistência, sendo a mistura retirada e introduzida em vasilhames de vidro; quando conservado em temperatura ambiente, trata-se de doce em calda e se conservado por meio de resfriamento, o doce é considerado pastoso; entre o doce pastoso e o doce em calda, a única variação existente no processo se encontra no tempo maior de batida para a obtenção da consistência característica do doce pastoso. De acordo com a entrevistada Fabyanna Oliveira, não se encontram problemas para a obtenção dos ingredientes destas receitas, em virtude de ser executada em região de produção pecuária. Quanto aos modos de preparo, a única variação identificada se encontra na gradativa adoção de maquinário para a produção de Manteiga e Queijo Coalho, o que acarretou na diminuição do tempo de confecção destes produtos. Dentre as dificuldades relatadas para a manutenção da atividade se encontram: a ausência de políticas públicas de fomento à produção por parte do poder municipal; o rigor das exigências sanitárias para a produção de derivados de leite, o que em muitos casos tem sido empecilho para a regularização das empresas que confeccionam o produto; a forte concorrência com grandes produtores de laticínios, que ocasionalmente leva ao encarecimento excessivo no preço do leite comercializado na região. A entrevistada diz que os pequenos produtores locais têm procurado se organizar nos últimos meses com vistas de formar uma associação de produtores que possibilite melhores condições para a manutenção da atividade na região.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Unidade-de-produção-de-derivados-de-leite_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_26-10-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Unidade-de-produção-de-derivados-de-leite_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_26-10-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Unidade-de-produção-de-derivados-de-				Nº342; 343; 344 E 561		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	leite_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_26-10-2012_03.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Fabyanna Oliveira_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_26-10-2012_06m53s.wave		
CONTATOS	Fabyanna Oliveira	Nº27	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Ofício de Benzedeiro no Alto Sertão Sergipano			IDENTIFICADO		87
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Gararu, Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé de São Francisco		
DESCRIÇÃO	O ofício de Benzedeiro é particularmente comum nas regiões rurais brasileiras e detém origem incerta, sendo caracterizado como uma forma particular de manifestação do catolicismo popular em regiões onde historicamente existem ou existiram dificuldades e precariedades no atendimento médico à população. Normalmente consiste em trabalhos de preces criadas pelos portadores de seu saber e direcionadas a atacar os males daqueles que os procuram, partindo do pressuposto de que a fé oriunda das rezas seja capaz de criar uma espécie de intervenção espiritual de cunho divino para a resolução de problemas, considerados originados da atuação de forças espirituais maléficas. A maior parte das preces são temáticas e utilizadas de acordo com o mal a ser combatido, sendo direcionadas a santos católicos que seriam responsáveis por intercederem de acordo com a especificidade do problema a ser resolvido. São estas preces que permitem ao benzedeiro a percepção privilegiada sobre a possibilidade de resolução ou não do problema a ser atacado. Os trabalhos se voltam para a cura de doenças em pessoas e animais e limpeza espiritual de residências e edificações, geralmente não cobrados pelo benzedeiro. Tradicionalmente, os iniciados no ofício são requisitados por habitantes das zonas rurais dos municípios onde residem. No sítio Baixo São Francisco, o ofício foi referenciado e identificado como bem cultural além dos municípios de Gararu, Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé de São Francisco, Localidade Alto Sertão Sergipano, também em Amparo de São Francisco e Canhoba, Localidade Antigo Urubu de Baixo. Em Porto da Folha, os benzedeiros são também conhecidos como “rezadores” ou “curadores”. Eles são encontrados em todo o município e muito requisitados pela população local. Dentre os mais destacados estão o Sr. Otacílio Januário, Sr. Antônio Caipi, Dona Cecília e Dona Afonsina. Otacílio Januário da Silva, reconhecido e requisitado pela comunidade de Porto da Folha como benzedeiro, ofício este iniciado há cerca de trinta anos. Segundo o entrevistado, suas preces atualmente são uma mistura daquilo que aprendeu com rezas desenvolvidas por ele próprio, por meio do que acredita serem espécies de intervenções divinas quando chamado para praticar seu ofício. No seu caso, nada cobra daqueles que o procuram, geralmente habitantes do município ou proprietários rurais de Porto da Folha. Relata que somente recebe recompensas pelo ofício quando as mesmas lhe são entregues como forma de doação, dado que sente satisfação pessoal em servir sem nada cobrar. Conta que ainda não repassou a ninguém os segredos de suas preces, por acreditar que o ensinamento destas implique na perda de seu dom, reservando esta possibilidade para o dia em que não mais tiver condições de continuar no ofício. Em Poço Redondo, são muitos os benzedeiros que atuam na região, sendo Dona Zefa da Guia a mais referenciada. O ofício é transmitido dentro das diferentes gerações de uma mesma família. A população local, ainda nos dias de hoje, têm muita fé nas preces dos benzedeiros. Um aspecto distintivo da cidade, é que o ofício não está vinculado apenas com a religião católica, sendo também praticado por integrantes de outras religiões, principalmente às de matriz africana. Também em Canindé do São Francisco e em Gararu, os benzedeiros são muito comuns e seus trabalhos são bastante solicitados pela população, tanto por parte daquela residente na sede quanto a dos povoados no interior do município. Os mais lembrados em Gararu foram Dona Dadá, Dona Conceição e o Sr. Ivo.					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Otacílio Januário da Silva_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_27-10-2012_08m49s.wave A-Baixo São Francisco_Autorização-Otacílio Januário da Silva_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_27-10-2012_00m30s.wave	Nº557 E 558	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Carlos Augusto Pereira Santos; Otacílio Januário da Silva; Rogéria Gomes Dantas; Maria José Messias dos Santos; Antônio Carlos dos Santos	Nº9; 26; 28; 55; 57	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Arribação				IDENTIFICADO		88
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Gararu, Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	O Arribação é um dos típicos pratos da culinária brasileira que faz uso de dois de seus mais tradicionais ingredientes: o arroz e o feijão, estando presente em todos os municípios da localidade Alto Sertão Sergipano, assim como em grande parte dos municípios do Baixo São Francisco, e bastante consumida pelos habitantes. Contudo, somente em Porto da Folha foi referenciado pela população como bem cultural representante do município. É uma espécie de derivação do baião-de-dois, comumente encontrado nas zonas rurais nordestinas do Brasil em virtude do plantio e facilidade de acesso aos seus ingredientes e amplamente apreciado por turistas de outras regiões do Brasil. O prato é costumeiramente preparado para servir de acompanhamento a outras iguarias. Normalmente a receita leva os seguintes ingredientes: arroz branco e feijão verde, podendo este último ser temperado ou não; quando temperado, leva coentro, cebolinha e folhas de louro. No processo de feitura do prato, os ingredientes são preparados separadamente (o arroz em panela de alumínio; o feijão em panela de pressão) e misturados com a adição do arroz ao feijão, que continua a ser cozido em panela aberta por cerca de trinta minutos visando evaporar o grosso de seu caldo. Cumprе ressaltar que os ingredientes são facilmente encontrados, dado que o cultivo de arroz e feijão é particularmente comum nas áreas ribeirinhas do Rio São Francisco. A entrevistada Sônia Augusta da Silva, cozinheira em Porto da Folha, diz que aprendeu a fazer o Arribação e outros pratos a partir de receitas familiares que lhe foram passadas pela mãe durante sua juventude, sendo o preparo destes no restaurante de sua propriedade a principal fonte de renda de sua família. Não foram identificadas modificações no processo de preparo do prato.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Sônia Augusta da Silva_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_27-10-2012_15m30s.wave				Nº554	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Sônia Augusta da Silva				Nº25	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer dos Currais de Pedra de Gararu				IDENTIFICADO		89	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Cotidiano	LUGAR	Gararu				
DESCRIÇÃO	De acordo com Brasileiro Justos dos Santos, a edificação de currais de pedra na região de Gararu remonta ao período de colonização portuguesa, tendo se iniciado no século XVII. Foram erguidas nas fazendas alheias por escravos e lavradores meeiros que ali se instalaram. São uma espécie de cerca de pedra de aproximadamente um metro e meio de altura construídas com pedregulhos e pedras abundantes na área. A edificação dos currais de pedra se deu por necessidade específica da atividade econômica que ali se desenvolveu, de modo a separar a pecuária extensiva do cultivo da rizicultura nas várzeas. Foram implantados em toda a região, inicialmente em um latifúndio que posteriormente veio a se subdividir em várias fazendas. Brasileiro Justos dos Santos, conhecido como Seu Brazinho, foi um desses lavradores que, trabalhando para os fazendeiros locais, erigiu os currais de pedra. Hoje com 86 anos, conta que aprendeu o ofício observando o pai. O processo de construção demandava inicialmente a delimitação da espessura do muro, que se dava por meio de duas linhas paralelas fixadas ao solo, que também servia de referência para seu alinhamento. As pedras, encontradas na região, eram trazidas em carros de boi, sendo selecionadas já prevendo as possibilidades de encaixe. Trata-se de processo similar à montagem de quebra-cabeça, encaixando pedra a pedra de modo perfeito, de forma a manter a estabilidade do muro, dando a “<i>amarração na pedra sem massa nem nada pra pedra não escorregar</i>.” Em 2001, Seu Brazinho concluiu o último curral de pedra. Os currais de pedra são também testemunhos de uma modalidade de trabalho forçado, mesmo quando por definição legal já se identificava tais homens como “trabalhadores livres”. Tal conclusão é presumida tendo em vista o baixo valor da diária de trabalho - conforme relatado - associado ao alto o nível de desgaste físico advindo do ofício.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_C. Pedra extensão_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Currais de Pedra_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Currais de Pedras_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Currais destruição_Carvalho, M_Gararu-SE_25-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco-Entrevista-Brasileiro Justos_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-10-12_04m52s_01.wave A-Baixo São Francisco-Entrevista-Brasileiro Justos_Carvalho, Maria_Gararu-SE_25-10-12_11m00s_02.wave				Nº326; 327; 328; 329; 517; 518;		Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Brasileiro Justos dos Santos				Nº3		Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer da Rede de Pesca Artesanal				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		90
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Cotidiano	LUGAR	Ilha do Ouro (Porto da Folha), Gararu			
DESCRIÇÃO	O processo de produção da rede de pesca artesanal nos municípios de Porto da Folha e Gararu não passou por grandes transformações ao longo do tempo. As alterações decorreram apenas da matéria prima utilizada, que consiste no uso de agulha, linha e tabuleta, podendo esta ser de plástico ou madeira. Antigamente usavam-se linha de algodão, que foi substituída pela de tucum (fibra do mato), posteriormente pela de nylon seda e, por último, pela de nylon plástico, que traz mais facilidade para a pesca devido à dificuldade do peixe em defender-se com esse material. Na fabricação artesanal, o dimensionamento da rede tem por referência o próprio corpo humano. A largura é medida pelos braços ou pela altura da pessoa. O espaço da malha (os vãos da rede) é medido pelas mãos, podendo ser de quatro dedos, três dedos, palmo, polegar. O tamanho e o peso do peixe a ser pescado dependem dessa medição. Quando menor ou maior o espaço da malha, menor ou maior serão os peixes que ficarão presos nela. Nem mesmo no passado a produção da rede artesanal veio a se constituir como atividade econômica significativa. Produzida predominantemente para o uso, a economia girava em torno da pescaria, e não de sua comercialização. Não obstante, embora o domínio da técnica seja corrente, são poucos os pescadores que atualmente produzem ou que adquirem as artesanais, haja vista que neste caso o processo de confecção é mais oneroso que a compra da rede industrializada. No processo artesanal, o preço final da rede, calculado por dia de trabalho, sai em média de R\$500,00 (diária de R\$30,00), variando conforme tamanho. O preço da rede industrializada é de cerca de R\$300,00. Em função disso, a produção predominante é dos pescadores mais experientes para uso próprio, por serem mais perfeitas. Embora as redes industrializadas sejam esteticamente mais elaboradas, as artesanais as suplantam no quesito qualidade. Uma dificuldade relatada por Manoel Álvaro dos Santos sobre o ofício da pescaria, extensiva à de confecção da rede, refere-se à fiscalização que atualmente é bastante contundente com o pescador, mas não alcança a produção industrial das redes de pesca, que continuam a fabricar redes de malha estreita, que prendem peixes pequeninos e de desova, provocando pescas predatórias e poucos sustentáveis.						
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Rede de Pesca_Carvalho, M_Porto da Folha-SE_27-10-12 - 3m30s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Manoel Álvaro_Carvalho, Maria_Porto da Folha-SE_27-10-2012_24m45s.wave				Nº472; 550		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Manoel Álvaro dos Santos				Nº21		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Cuscuz de Milho do Alto Sertão Sergipano				IDENTIFICADO		91
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual		LUGAR	Gararu, Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé de São Francisco		
DESCRIÇÃO	O Cuscuz é um prato originário do cardápio dos povos do norte da África e foi trazido ao Brasil por intermédio dos colonizadores portugueses. Comumente encontrado nas regiões do Nordeste e do Sudeste do Brasil, o Cuscuz é um dos pratos tradicionais da cozinha brasileira, estando presente em todos os municípios da localidade Alto Sertão Sergipano, assim como em grande parte dos municípios do Baixo São Francisco, e bastante consumida pelos habitantes. Contudo, somente em Porto da Folha foi referenciado pela população como bem cultural representante do município. Em si, o prato consiste em uma massa tendo por base a sêmola de cereais, sendo tradicionalmente preparado a partir do cozimento desta, e servido de acompanhamento a outras iguarias. Normalmente é composto pelos ingredientes farinhas de milho e arroz, sal e leite. O processo de preparo do prato tem as seguintes etapas: mistura dos ingredientes com o objetivo de formar uma massa consistente, que é deixada descansando por alguns minutos; a mistura é colocada em um cuscuzeiro e levada ao forno por cerca de quinze a vinte minutos com a tampa para abafar a massa e permitir que a mesma adquira um ponto ótimo de consistência. Vale destacar que os ingredientes são facilmente encontrados, principalmente em Itabaiana, município vizinho, onde são cultivados e produzidos, além de serem facilmente encontrados em feiras e supermercados da região. A entrevistada Sônia Augusta da Silva, cozinheira em Porto da Folha, diz que aprendeu a fazer o Cuscuz de Milho e outros pratos a partir de receitas familiares que lhe foram passadas pela mãe durante sua juventude, sendo o preparo destes no restaurante de sua propriedade a principal fonte de renda de sua família. Não foram identificadas modificações no processo de preparo do prato.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Sônia Augusta da Silva_Andrade, Carlos_Porto da Folha-SE_27-10-2012_15m30s.wave				Nº554	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Sônia Augusta da Silva				Nº25	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Doces de Mamão de Poço Redondo				IDENTIFICADO		92
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede do Município (Poço Redondo)			
DESCRIÇÃO	Originário dos países da América Central, o mamão é um fruto conhecido por seu alto valor nutritivo (alta concentração de licopeno, minerais e vitamina C), e é cultivado no município de Poço Redondo em hortas irrigadas com as águas do Rio São Francisco. Em virtude da facilidade de obtenção do fruto, o mesmo se tornou matéria prima para a preparação de doces comumente encontrados na região. Normalmente, os mesmos são preparados tendo por objetivo a obtenção compotas e barras da iguaria. Nos outros municípios da Localidade Alto Sertão Sergipano, assim como em todo sítio Baixo São Francisco, não foram identificadas referências ao preparo de doces tendo por base o mamão. Usualmente as receitas têm como ingredientes o açúcar, cravo e mamão. O preparo do doce detém as seguintes etapas: o fruto é descascado, lavado em água corrente e desfiado com o uso de raladores ou de facas; a massa obtida é acrescida do açúcar e do cravo e colocada no fogo em panelas de alumínio para cozinhar até a obtenção de um ponto ótimo de consistência; por fim, o produto obtido pelo cozimento é despejado em vasilhames de vidro e lacrado para a venda. De acordo com Maria José Torquatro dos Santos, doceira de Poço Redondo, os ingredientes são comprados normalmente nas feiras semanais e comercializados no próprio município de Poço Redondo. Destaca o fato de havendo uma Associação dos Artesãos de Poço Redondo, o exercício da ocupação de doceira é facilitado pela promoção de cursos de capacitação e a participação em feiras populares de artesanato em outros municípios da região, o que atenua a falta de qualquer incentivo ao ofício ou à divulgação dos produtos por parte dos poderes públicos locais. Ofício este, geralmente repassado de geração para geração. Embora esteja havendo certo desinteresse pela população mais jovem na continuidade da prática, as doceiras ainda são procuradas por adolescentes e jovens do gênero feminino residentes no município interessadas em aprender sobre o ofício e as receitas.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Torquatro Santos_Andrade, C._Poço Redondo-SE_28-10-2012_18m52s.wave				Nº572	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria José Torquatro dos Santos				Nº36	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Doces de Coroa-de-Frade				IDENTIFICADO		93	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede do Município (Poço Redondo)				
DESCRIÇÃO	A Coroa-de-Frade é um fruto de um cacto tipicamente encontrado nas matas de caatinga do Nordeste Brasileiro, comumente utilizado na região para a preparação de doces devido aos teores de açúcares e água encontrados no mesmo. Em virtude de se tratar de iguaria produzida a partir de vegetação típica das regiões sertanejas, não foram encontradas referências ao mesmo nas outras localidades do Sítio Baixo São Francisco. Contudo, na Localidade Alto Sertão Sergipano, o modo de fazer doces de coroa-de-frade somente foi identificado como bem cultural existente e relevante para sua comunidade no município de Poço Redondo. Normalmente as receitas contam como ingredientes açúcar, cravo e a coroa-de-frade. O preparo do doce detém as seguintes etapas: os espinhos do fruto são retirados com as mãos e o mesmo é cortado em quatro pedaços de modo a possibilitar a retirada de seu caroço; em seguida, o fruto é descascado com faca de modo a se aproveitar as entrecascas, ralado com ralador de modo a ser desfiado; a massa é lavada em água corrente e coada com coador para retirar o excesso de líquido; em seguida a massa, acrescida de açúcar e cravo, é colocada no fogo em panelas de alumínio, sendo cozida com o próprio líquido do fruto até sua completa evaporação; em média, o processo de cozimento leva a proporção de uma hora para cada quilo do fruto. De acordo com Maria José Torquatro dos Santos, doceira de Poço Redondo, os frutos são obtidos nas matas da região e em plantações caseiras, coletados em fase madura visando preservar o processo de reprodução da planta, manuseando o cacto de modo a não encostar nos seus espinhos, dado que os mesmos produzem toxinas nocivas à pele. Maria José afirma que prefere seu preparo ao preparo de Doces de Batata de Umbuzeiro em virtude do baixo impacto ambiental na coleta da coroa-de-frade. Os doces são comercializados no próprio município de Poço Redondo. O ofício de doceira, geralmente é repassado de geração para geração. Embora esteja havendo certo desinteresse pela população mais jovem na continuidade da prática, as doceiras ainda são procuradas por adolescentes e jovens do gênero feminino residentes no município interessadas em aprender sobre o ofício e as receitas. Em Poço Redondo há uma Associação dos Artesãos que promove cursos de capacitação e a participação das doceiras em feiras populares de artesanato em outros municípios da região, contribuindo para o desenvolvimento do ofício das doceiras, além de atenuar a falta de incentivo ou à divulgação dos produtos por parte dos poderes públicos locais.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Torquatro Santos_Andrade, C._Poço Redondo-SE_28-10-2012_18m52s.wave				Nº572	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Maria José Torquatro dos Santos				Nº36	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Galinha Capoeira e Gabidela				IDENTIFICADO		94
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual		LUGAR	Gararu, Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé de São Francisco		
DESCRIÇÃO	Criadas em quintais como parte da estrutura de subsistência familiar dos habitantes das regiões interioranas brasileiras, as aves de capoeira (galinhas e frangos) e seus produtos (ovos e carnes) servem como importante fonte de alimentação cotidiana, produzindo um sabor diferenciado, além de ser uma alternativa viável para os pequenos produtores devido aos baixos investimentos iniciais e menores perdas de mortalidade quando comparada à produção industrial. (Fonte: http://pt.shvoong.com/exact-sciences/792811-cria%C3%A7%C3%A3o-galinha-capoeira/. Acesso: 20 de novembro de 2012.) Na Localidade Alto Sertão Sergipano, em função do forte desenvolvimento da atividade pecuária em meio às propriedades rurais, a criação de capoeira é uma iguaria consumida cotidianamente em todos os municípios. Para a confecção do prato da Galinha capoeira e da Galinha à Gabidela são utilizados os mesmos temperos: sal, tomate, alho, cebolinha, coentro, vinagre e pimenta do reino. E no seu preparo são cumpridas as seguintes etapas: primeiramente, o abate da ave com o uso de facas, cortando-lhe o pescoço para escoar o sangue, para depois depená-la e retirar as juntas com o uso de facas; a carne depenada e sem suas juntas é temperada com os ingredientes acima e levada ao fogo em panelas de alumínio ou de pedra para ser cozida com uma pequena quantidade de água; o tempo de cozimento varia (cerca de vinte a trinta minutos), de acordo com a idade da ave abatida, sendo mais rápido o preparo do prato quando a ave se encontra em idade avançada, por possibilitar o uso de panelas de pressão. No que tange à Galinha à Gabidela, seu grande diferencial no preparo se encontra no uso do sangue escoado pela ave como parte do molho do prato, dado que o mesmo é recolhido e cozido junto com a carne. A Galinha à Gabidela é conhecida também como Cabidela e na região centro-sul brasileira, como Frango ao Molho Pardo. Diferentemente de outros pratos típicos, tanto a Galinha Capoeira quanto a Galinha à Gabidela são preparados independentemente de ocasiões especiais ou festivas, sendo comumente encontrados nos restaurantes da região no horário de almoço em todos os dias. Costumam ser acompanhadas de farofa, feijão verde e mandioca cozida, não tendo sido identificadas grandes variações de ingredientes ou de receitas ao longo dos anos. Em Canindé de São Francisco, a entrevistada Maria José de Sá Feitosa diz criá-las em um poleiro construído em seu quintal visando seu abate para a preparação semanal de pratos para a família, considerando ser comum a criação da ave nas residências da região. No que tange aos ingredientes, a entrevistada relata não conhecer variações nos mesmos ou dificuldades em sua obtenção, em virtude tanto da criação caseira das aves quanto do costume de se plantar parte dos temperos em pequenas hortas nos terrenos das residências locais.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Feitosa_Andrade, C._Povoado Curituba-SE_30-10-2012_15m22s.wave				Nº592	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria José de Sá Feitosa (Canindé de São Francisco)				Nº49	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer do Redendê				IDENTIFICADO		95
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Cotidiano	LUGAR	Canindé de São Francisco, Poço Redondo			
DESCRIÇÃO	O Redendê é um tipo de bordado feito à mão, com agulha, em pano étamine e utilizando como suporte um bastidor (círculo de madeira). Sua estética se dá na formação de figuras geométricas, como triângulos, retângulos e quadrados, que se unem formando continuidades de modo a preencher o tecido utilizado. Os pontos mais referidos nos municípios de Canindé de São Francisco e Poço Redondo, assim como nos municípios de Amparo do São Francisco, Canhoba e Nossa Senhora de Lourdes, foram o ponto “cocadinha” (retângulo), “tecimento”, “corrente” e “pé de galinha” (em forma de cruz); este, por exigir menos minúcia em seu feito, constitui preferência quanto ao feito. Uma das diferenças para os municípios da Localidade do Baixo ou Médio São Francisco é que nesses últimos, em algumas peças, são incluídos bordados em ponto de cruz, de modo a combinar os dois modos de fazer em artigos como passadeiras, toalhas de mesa, colchas, panos de bandeja, porta copos etc. No Povoado de Curitiba, no município de Canindé de São Francisco, muitas mulheres dominam a técnica do bordado de redendê, embora atualmente não haja vasta produção. Atividade originalmente fomentada por herança cultural e pela necessidade de complementação de renda doméstica, encontra-se em declínio nos dias de hoje. Devido à ausência de mercado consumidor local, e sem acesso a possibilidades de vazão ao produto para outros mercados consumidores, a prática tem se limitado à produção de peças para uso próprio. Já em Poço Redondo há também produção de Redendê, havendo uma fundação onde se concentram bordadeiras e rendeiras.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_redendê_Andrade, Carlos_Poço Redondo-SE_29-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê_Andrade, C_Poço Redondo-SE_29-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista Leopoldina Gomes; Maria Domingas_Poço Redondo_Carvalho, M; Andrade,C_29-10-2012_40m08s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria José de Sá Feitosa_Carvalho, M._Andrade, C._Canindé_30-10-12_13m15s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista Almerinda dos Santos; Maria Auxiliadora de Melo Brito_Carvalho, M; Andrade, C_Canindé-SE_30-10-2012_30m40s.wave				Nº382; 383; 571; 588; 590	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Almerinda Filgueira dos Santos; Maria José de Sá Feitosa				Nº43; 49	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Buchada de Bode do Alto Sertão Sergipano				IDENTIFICADO		96
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Gararu, Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	A atividade pecuarista desenvolvida no Baixo São Francisco data suas origens do período colonial, no qual a região ribeirinha do Rio São Francisco se consolidou enquanto importante entreposto comercial nas rotas de tropeiros que se dirigiam ao interior e ao sul do Brasil, em virtude do uso destas áreas para a criação de gado e de animais de corte para a subsistência local e o abastecimento de outras regiões povoadas da colônia. Em decorrência desta atividade desenvolvida ao longo dos séculos na região, a culinária construiu boa parte de sua riqueza através do uso variado e cotidiano das carnes de gado, de suínos e de caprinos em suas receitas. Dentre as diversas iguarias originadas do consumo destas carnes, a Buchada de Bode se singulariza pela especificidade do tipo de carne utilizada (caprinos), pelos ingredientes que acompanham o preparo do prato em seus temperos e pelos modos de cozimento do mesmo. A Buchada de Bode é considerada uma iguaria refinada da culinária sertaneja do Nordeste brasileiro, sendo tradicionalmente preparada em reuniões e festividades de importância no cotidiano das famílias locais. Em função de sua íntima ligação com a atividade pecuária local, comum nas regiões sertanejas, não foram encontradas referências acerca desta receita nas Localidades Foz do São Francisco e Antigo Urubu de Baixo. Contudo, o preparo de pratos como a Buchada foi identificado como bem cultural no Alto Sertão Sergipano em todos os seus municípios. A Buchada de Bode leva como ingredientes: bucho, vísceras, tripas e outras carnes extraídas do caprino, e sal, tomate, alho, cebola, cebolinha, coentro, vinagre e pimenta do reino para seu tempero. O preparo do prato detém as seguintes etapas: a limpeza do bucho e das vísceras e tripas, escaldando-os em panela com água fervente tanto para a retirada de excessos de líquidos quanto visando amenizar o odor característico da carne; em seguida, o bucho é virado ao avesso e perfurado com faca de modo a criar os pontos de nós onde será amarrado; as vísceras e carnes são cortadas com faca em pequenos cubos, enquanto o sangue do animal é fervido até esfarinhar e adicionado à carne temperada como elemento de sabor junto aos outros temperos utilizados; o bucho e a carne temperada são adormecidos, separadamente, por uma noite, de modo a pegarem sabor; na manhã seguinte, a carne é introduzida ao bucho, que é amarrado com linha ou com tripas do próprio animal por meio do uso de agulhas de crochê e colocado ao fogo num caldeirão com água fervente de modo a cobri-lo inteiramente, junto a outras partes do bode (patas, partes da cabeça etc.), para ser cozido durante cerca de duas horas e meia. Em todos os municípios, os pratos oriundos das carnes de caprinos (bodes e cabras), como a Buchada de Bode, são considerados iguarias regionais refinadas, principalmente em função das características especiais do preparo do prato quanto ao seu tempo, fazendo com que normalmente sejam servidos nos restaurantes locais em finais de semana e em ocasiões especiais e festivas (casamentos, reuniões familiares, batizados etc.). Em Porto da Folha, um diferencial é que a iguaria também é feita com carne de carneiro e pode ser encontrada para comprar congelada, já pronta para o consumo. No que tange aos ingredientes, os entrevistados Maria José de Sá Feitosa relata não conhecer variações nos mesmos ou dificuldades em sua obtenção, em virtude tanto da força da atividade pecuária regional quanto do costume de se plantar parte dos temperos em pequenas hortas nos terrenos das residências locais.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Feitosa_Andrade, C._Povoado Curituba-SE_30-10-2012_15m22s.wave				Nº592	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Carlos Augusto Pereira Santos (Gararu); Roberto Christian de Oliveira Silva (Porto da Folha); Rogéria Gomes Dantas (Poço Redondo); Maria José de Sá Feitosa (Canindé de São Francisco); Antônio Carlos dos Santos (Porto da Folha)				Nº9; 13; 28; 49; 57	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Rabada do Alto Sertão Sergipano				IDENTIFICADO		97
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé de São Francisco			
DESCRIÇÃO	A atividade pecuarista desenvolvida no Baixo São Francisco data suas origens do período colonial, no qual a região ribeirinha do Rio São Francisco se consolidou enquanto importante entreposto comercial nas rotas de tropeiros que se dirigiam ao interior e ao sul do Brasil, em virtude do uso destas áreas para a criação de gado e de animais de corte para a subsistência local e o abastecimento de outras regiões povoadas da colônia. Em decorrência desta atividade desenvolvida ao longo dos séculos na região, a culinária local construiu boa parte de sua riqueza através do uso variado e cotidiano das carnes de gado, de suínos e de caprinos em suas receitas. Neste ínterim, a Rabada destaca-se pela especificidade das partes utilizadas da carne bovina (a cauda do boi), bem como pelos ingredientes que lhes servem de base para seu preparo. A Rabada costuma ser consumida como espécie de tira-gosto por parte dos habitantes das regiões sertanejas. Em função de sua íntima ligação com a atividade pecuária local, comum nas regiões sertanejas, não foram encontradas referências acerca desta receita nas Localidades Foz do São Francisco e Antigo Urubu de Baixo. Contudo, o preparo de pratos como a Rabada foi identificado como bem cultural no Alto Sertão Sergipano em todos os seus municípios, com exceção de Gararu, não fazendo parte significativamente do cardápio de sua população. As receitas utilizam-se normalmente dos seguintes ingredientes: rabo de boi, cebola, cebolinha, pimentão, tomate, coentro, alho, coloral, tempero industrializado para caldos e sal a gosto. Para o preparo da Rabada, cumprem-se as seguintes etapas: a carne é temperada com coloral, alho, sal e cebolinha; os legumes são picados em cubos com faca; em seguida, a carne é colocada em panela de pressão de alumínio para ser cozida junto aos demais ingredientes por cerca de quinze a vinte minutos. Em Porto da Folha, Poço redondo e Canindé de São Francisco, a carne de gado é utilizada tanto como parte de pratos de refeições quanto na forma de petiscos e tira-gostos consumidos em momentos de descontração e lazer, caso da Rabada, conforme destaca a entrevistada Maria José Messias dos Santos.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria José Messias dos Santos_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Canindé de São Francisco-SE_30-10-2012_13m25s.wave				Nº601	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Roberto Christian de Oliveira Silva (Porto da Folha); Rogéria Gomes Dantas (Poço Redondo); Maria José Messias dos Santos (Canindé de São Francisco); Antônio Carlos dos Santos (Porto da Folha)				Nº13; 28; 55; 57	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer da Renda de Bilro				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		98
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Cotidiano	LUGAR	Poço Redondo			
DESCRIÇÃO	Herança européia, a Renda de Bilro é executada através de pequenos paus de madeira, alfinetes e almofada dura (o rebole), alocada sobre um suporte de madeira. Embora possa haver variantes em relação à matéria prima, em Poço Redondo, por exemplo, os alfinetes são os espinhos de mandacaru, e a almofada, que no passado era preenchida por capim, é atualmente composta por folhas de bananeira seca. Inativa por décadas, a Renda de Bilro foi resgatada no município de Poço Redondo há cerca de 12 anos com um projeto do serviço de assistência social do município que utilizou as antigas rendeiras para ministrar cursos. Dona Leopoldina, hoje com 73 anos de idade, foi a responsável pela transmissão da técnica, que hoje encontra muitos adeptos na cidade, formando não somente novas rendeiras, como novas professoras que seguem nesse processo de transmissão do saber. À exceção das “mestras das mestras”, que carregam esse conhecimento desde a infância, grande parte das rendeiras atuantes de Poço Redondo aprendeu o ofício há cerca de 8 anos. O pontapé inicial dado pela Assistência Social, posteriormente foi fortalecido com trabalho do SEBRAE e da Fundação Dom Jose Brandão de Castro que, juntamente com o Ponto de Cultura, é responsável pelos cursos e cessão do espaço físico onde as renderias produzem. Embora haja ainda produção particular e doméstica, as rendeiras se encontram na Fundação, que cede a matéria prima da Renda de Bilro e paga pela mão de obra, detendo a posse do produto final. Outra forma de comércio se dá também através dos postos de venda, a exemplo do Centro de Artes de Poço Redondo e Piranhas. Não há mercado consumidor local, e a vazão da mercadoria se dá através da forma supracitada e também por meio de participação em feiras de artesanato. As principais dificuldades encontradas em relação à produção do bilro concernem ao preço da linha e a desvalorização do produto final. Leopoldina Gomes dos Santos, Maria Aparecida de Góes e Maria José Gomes informam que para se produzir 1 metro de renda, se gasta um carretel de linha, pelo qual pagam R\$8,50, e de três a quatro dias de trabalho com jornada de 4 horas/dia. Caso coloquem o preço de R\$20,00, encontram dificuldade para vender. Embora implique em fonte de renda subsidiária, o resgate da Renda de Bilro em Poço Redondo trouxe benefícios de outra natureza, pois, agregada à complementação do orçamento doméstico, aumentou a autoestima das rendeiras e estimulou a sociabilidade que acontece em torno da renda. Além da transmissão da técnica, há também valorização das memórias que se encontram imiscuídas à prática do ofício.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Mestra Bilro_Carvalho, M_Poço Redondo-SE_29-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Artesã Bilro_Carvalho, M_Poço Redondo-SE_29-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Artesãs Bilro_Carvalho, M_Poço Redondo-SE_20-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Almofadas Bilro_Carvalho, M_Poço Redondo-SE_29-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Bilro_Carvalho, M_Poço Redondo-SE_29-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Fundação_Carvalho, M_Poço Redondo-SE_29-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista Leopoldina Gomes; Maria Domingas_Poço Redondo_Carvalho, M; Aandrade, C_29-10-2012_40m08s.wave				Nº377; 378; 379; 380; 381; 382; 571		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS	Leopoldina Gomes dos Santos; Maria Aparecida de Góes; Maria José Gomes	Nº31; 32; 33	Cf. Anexo 4
-----------------	--	--------------	-------------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Artesanato em Couro do Alto Sertão Sergipano			IDENTIFICADO		99
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Gararu, Porto da Folha e Canindé de São Francisco		
DESCRIÇÃO	A atividade pecuarista desenvolvida no Baixo São Francisco data suas origens do período colonial, no qual a região ribeirinha do Rio São Francisco se consolidou enquanto importante entreposto comercial nas rotas de tropeiros que se dirigiam ao interior e ao sul do Brasil, em virtude do uso destas áreas para a criação de gado e de animais de corte para a subsistência local e o abastecimento de outras regiões povoadas da colônia. Mais do que fonte alimentar, os variados produtos oriundos da criação pecuarista, como o couro, servem de matéria prima para confecção dos mais diversos utensílios utilizados no cotidiano dos habitantes da região, sendo importante fonte de renda local. Dentre estes utensílios, destacam-se cintos, chapéus, coletes e outros itens de vestuário tradicionalmente utilizados pelos habitantes das regiões nordestinas do Brasil, servindo também como parte integrante de indumentárias trajadas por executantes de manifestações culturais como a Quadrilha e os grupos regionais de Xaxado. No Alto Sertão Sergipano, onde a atividade pecuária é um traço distintivo da formação econômica da região, o ofício de artesanato em couro foi relacionado como bem cultural nos municípios de Canindé do São Francisco, Gararu e Porto da Folha. Dentre os artesãos identificados, destacam-se Manoel Souza Ângelo (Canindé de São Francisco), Antônio José (Gararu) e Manuel dos Santos (Porto da Folha). Em Poço Redondo o ofício já existiu através do Sr. Orlando, o qual trabalhava principalmente na confecção de selas e de calçados tradicionais, como a alpercata. Entretanto, após ele se aposentar, o trabalho foi descontinuado e atualmente a cidade não conta com nenhum artesão dedicado à atividade. Já nas outras localidades do sítio, a Foz do São Francisco e o Antigo Urubu de Baixo, não foram encontradas referências acerca deste ofício, em função da íntima ligação do artesanato em couro com a atividade pecuária local, comum nas regiões sertanejas. O couro curtido de boi, carneiro ou cabra serve como matéria prima para a confecção artesanal de selas, gibões, perneiras, cabrestos, casacos, cintos e chapéus. Para o ofício são utilizadas ferramentas como facas de variados tamanhos, maquinário de costura adaptado para corte, formas e martelos para moldar os objetos, colas e linhas de costura. No processo de feitura dos objetos, normalmente seguem-se as seguintes etapas: corte do couro com facas ou maquinário, costura usando máquinas e as linhas, formas e marteladas e uso de cola para moldar o objeto e a confecção de adornos usando facas. Não há dificuldade na obtenção da matéria prima, além da grande qualidade do couro produzido na região, considerado um dos melhores do país em virtude da exposição constante do gado ao sol, o que tornaria sua couroça mais rígida e melhor para trabalhar. O entrevistado, artesão e pequeno agricultor Manoel Souza Ângelo, diz que esses produtos são apreciados por turistas e vaqueiros que trabalham nos arredores, e que procura introduzir modificações nos objetos de modo que os mesmos se adaptem às necessidades do cotidiano do trabalho da pecuária. Relata que tem ensinado o ofício a familiares e amigos que o procuram com o interesse de aprendê-lo. A falta de apoio ou subsídio por parte dos poderes públicos é um entrave para a execução do ofício pelos artesãos. Contudo, Manoel Alves destaca que chega a exportar parte de sua produção para Alagoas e Bahia.					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	03	12	F1-	11
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Chapéus-de-couro_Andrade, Carlos_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Formas-de-produção-de-chapéus-de-couro_Carvalho, Maria_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Máquina-de-costura-de-artesanato-em-couro_Carvalho, Maria_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Manoel Souza Ângelo_Andrade, Carlos_Carvalho, Maria_Canindé de São Francisco-SE_31-10-2012_14m56s.wave	Nº407, 408, 409 E 596	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Carlos Augusto Pereira Santos (Gararu); Roberto Christian de Oliveira Silva; (Porto da Folha); Manoel Souza Ângelo (Canindé de São Francisco); Antônio Carlos dos Santos (Porto da Folha)	Nº9; 13; 53; 57	Cf. Anexo 4

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Carlos Eduardo Frankiw de Andrade. Maria Cecília de Alvarenga Carvalho. Alexandre Borim.		
SUPERVISOR	Tarcísio Rodrigues Botelho.		
PREENCHIDO POR	Carlos Eduardo Frankiw de Andrade. Maria Cecília de Alvarenga Carvalho.	DATA	05/12/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Tarcísio Rodrigues Botelho (coordenação). Alexandre Borim (co-coordenação).		